



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”

AJUSTAMENTO CONJUGAL, ESTILOS PARENTAIS E
AJUSTAMENTO DA CRIANÇA

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Autora: Caroline da Silva Gomes

Orientadora: Professora Doutora Mónica Rute Taveira Pires

Número da candidata: 20160805

Junho de 2019

Lisboa

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora de Fátima por me ajudar a chegar até aqui. Agradeço aos meus queridos e amados pais que me ajudaram a realizar esse sonho proporcionando meios para a concretização desse sonho.

Sou grata também ao meu querido e doce companheiro de vida Carlos F. Menduiña, que dedicou-me todo seu apoio, carinho, atenção e cuidado ao longo desses anos de estudo. Sem seus cuidados e amparo eu não teria tido forças para chegar ao final. Ao meu filho José que me amparou nos últimos momentos da dissertação me dando um objetivo para chegar ao fim.

Aos amigos e colegas que ajudaram-me na construção desse trabalho em especial Luana Quaranta.

Agradeço também à minha Professora e à Orientadora Doutora Mónica Pires, que dedicou seu tempo e compartilhou seus conhecimentos comigo e principalmente por acreditar no meu potencial.

Agradeço em especial à Professora e Doutora Tânia Brandão, que desde o primeiro dia de aula, ainda na construção do projeto, ajudou-me imensamente com as suas orientações e incentivos, sem as suas aulas eu teria traçado um caminho muito mais difícil.

Por fim, agradeço a todos os envolvidos nesse trabalho!

Resumo

A dinâmica familiar altera-se com a chegada de um novo membro, devido a uma sucessão de acontecimentos que ocorrem na vida do casal, dando início à parentalidade. Nesta nova configuração familiar são criadas estratégias, comportamentos e atitudes norteadas pelas experiências que os pais viveram ao longo da vida e pela cultura em que estão inseridos. Nesse sentido, os resultados repercutirão em todos os membros, mas é na criança que isto se torna mais evidente. Assim, a literatura sustenta que os Estilos de Autoridade Parental e o Ajustamento Conjugal produzem consequências no Ajustamento da Criança. Posto isto, o problema que norteia este estudo é: Qual a relação entre Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais para o Ajustamento da Criança em Portugal e no Brasil? O objetivo deste estudo de corte transversal-comparativo é analisar a relação entre estas variáveis em dois grupos de pais e mães, 286 participantes (156 brasileiros e 130 portugueses), com idades compreendidas entre 24 e 71 anos. As duas amostras são equivalentes em termos de sexo, estado civil, escolaridade e situação laboral com filhos de idade entre 1 e 17, sendo a maioria do sexo masculino, 146, e 140 do sexo feminino. Os participantes responderam *online* ao questionário sociodemográfico e aos instrumentos *Dyadic Adjustment Scale* (DAS); *Parental Authority Questionnaire* versão para pais (PAQ-P); *Strengths and Difficulties Questionnaire* versão para pais (SDQ). Os resultados revelam uma semelhança entre os dois grupos à exceção do Ajustamento Conjugal Coesão, com os pais portugueses a apresentarem valores significativamente mais elevados do que os brasileiros. Não foram encontradas diferenças significativas entre os EAP nos grupos de pais e mães brasileiros e portugueses ($p < .05$), tendo ambos os grupos apresentado valores significativos para EP Autoritativo. No entanto, para a amostra de mães portuguesas, as mesmas apresentaram valores elevados para os EP's Autoritário e Permissivo. Os pais e mães de ambos os grupos percecionam o ajustamento dos filhos de forma semelhante ($ps > .05$) com valores mais elevados para a subescala de Comportamento Pró-social, revelando um bom ajustamento da criança. A comparação entre sexo e idade dos filhos e dos pais indicaram que, apenas para a amostra portuguesa os resultados revelaram que o sexo do filho é um preditor significativo do estilo Autoritativo, à vista disso, os pais utilizam mais esse EP com as filhas meninas.

Palavra-chave: Família; Ajustamento Conjugal; EP's e Ajustamento da Criança.

Abstract

Family dynamics change with the arrival of a new member due to a succession of events that occur in the life of a couple, giving the beginning of parenting. Strategies, behaviors, and attitudes are created in this new family configuration by the experiences that parents lived throughout their lives and the culture in which they are inserted that will affect all members, but it is in the child that this becomes more evident. In this sense, the literature maintains that Parental Empowerment Styles and Conjugal Adjustment have consequences in Child Adjustment. For this reason, the problem that involves this study is: What is the relationship between Conjugal Adjustment, Parenting Styles for Child Adjustment in Portugal and Brazil? The purpose of this cross-sectional comparative study is to analyze the relationship between these variables in two groups of fathers and mothers, 286 participants (156 Brazilians and 130 Portuguese), between 24 and 71 years old. Both samples are equivalents in terms of gender, marital status, schooling and employment status with children between 1 to 17 years old, being the majority for males, 146, and 140 for females. The participants answered via online the sociodemographic questionnaire and the *Dyadic Adjustment Scale* (DAS); *Parental Authority Questionnaire* version for parents (PAQ-P); *Strengths and Difficulties Questionnaire* version for parents (SDQ). The results show a similarity between the two groups except for the Conjugal Adjustment-Cohesion with higher values presenting for the Portuguese parents rather than Brazilians. No relevant differences were found between the EAP from Brazilian and Portuguese parents groups. However, for the female Portuguese sample, there are high values for the EP's Authoritarian and Permissive. Parents of both groups perceive the adjustment of the children in a similar way ($ps > .05$) with higher values for the subscale of Pro-social Behavior, revealing a good adjustment of the child. The comparison between sex and age of the children and parents indicated in the results that only the Portuguese sample shows that the sex of the child is a significant predictor of the authoritative style, thus fathers use more EP with the girls.

Keywords: Family; Conjugal Adjustment; EP's and Child Adjustment

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Índice de tabelas.....	IV
Índice de Figuras.....	V
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	VI
Introdução	10
Capítulo I	16
Enquadramento Teórico	16
1.1 Família	17
1.2 Ajustamento Conjugal	18
1.3 Parentalidade.....	21
1.3.1 Determinantes da parentalidade.	23
1.3.2 Estilos de Autoridade Parental.	24
1.4 Ajustamento da Criança.....	27
1.5 Transculturalidade, Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e Ajustamento da Criança	31
1.6 Problema, Pertinência e Objetivos	34
Capítulo II	16
Metodologia	16
2.1 Delineamento do estudo.....	38
2.1.1..... Hipóteses e Operacionalização das variáveis.	39
2.2 Participantes.....	41
2.3 Instrumentos	42
2.3.1 Questionário Sociodemográfico.	43
2.3.2 Escala de Ajustamento Diádico (DAS).	43
2.3.3 Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P).....	45
2.3.4 Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).	46
2.4 Procedimentos.....	48
2.4.1 Procedimentos de Análise de Dados.	50
Capítulo III	37

Resultados	37
3.1 Estatística descritiva e Correlações entre as Variáveis	52
3.2 Descritivas dos instrumentos.....	52
3.2.1 Ajustamento Conjugal e Estilos Parentais.....	55
3.2.2 AC e Ajustamento da Criança.....	57
3.2.3 EP e os efeitos no Ajustamento da Criança.....	60
3.2.4 EP's, AC e Ajustamento da Criança – Modelo correlacional de Pearson.....	63
3.3 Comparação cultural	70
3.3.1 Comparação entre as duas amostras do estudo (Brasil – Portugal).....	75
Capítulo IV	51
Discussão	51
4.1 Discussão dos resultados.....	78
4.1.2 Verificação das hipóteses de estudo	78
Capítulo V	77
Conclusão	77
5.1 Conclusão	88
5.2 Contribuições, limitações e sugestões	89
Anexos	86
Anexo 1	87
Consentimentos informados.....	87
Anexo 2	108
Questionário sociodemográfico – (Brasil e Portugal)	108
Anexo 3	110
Escala de Ajustamento Diádico (DAS)	110
Anexo 4	119
Questionário de Estilos Parentais – Pais (PAQ-P)	119
Anexo 5	125
Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).....	125

Índice de tabelas

Tabela 1. Variáveis, tipos de variáveis e instrumentos.	40
Tabela 2. Características Sociodemográficas dos pais (N= 286).	41
Tabela 3. Características Sociodemográficas dos Filhos (N= 186).	42
Tabela 4. Valores de Consistência Interna das Medidas.	48
Tabela 5. Estatística Descritiva da Medida de Ajustamento Conjugal (DAS).	52
Tabela 6. Valores Descritivos da Medida de Estilos Parentais (PAQ-P).	53
Tabela 7. Estatística descritiva da medida de Ajustamento da Criança (SDQ).	54
Tabela 8. Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal – Amostra Geral (N = 286).	56
Tabela 9. Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal - Brasil (n = 156).	56
Tabela 10. Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal - Portugal (n = 130).	57
Tabela 11. Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Amostra Geral (n = 286).	58
Tabela 12. Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Brasil (n = 156).	59
Tabela 13. Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Portugal (n = 130).	60
Tabela 14. Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Amostra Geral (n = 286).	61
Tabela 15. Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Brasil (n = 156).	62
Tabela 16. Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Portugal (n = 130).	63
Tabela 17. Comparação do Ajustamento Conjugal: Portugal (n= 130) – Brasil (n=156).	70
Tabela 18. Estilos Parentais: Portugal (n = 130) – Brasil (n = 156).	71
Tabela 19. Ajustamento da Criança: Portugal (n= 130) – Brasil (n = 156).	72
Tabela 20. Regressões lineares: Estilos Parentais – Geral.	73
Tabela 21. Regressões lineares: Estilo Parental – Brasil.	73
Tabela 22. Regressões lineares: Estilo Parental – Portugal.	74
Tabela 23. Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Geral.	74
Tabela 24. Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Brasil.	75
Tabela 25. Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Portugal.	75

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo Bidimensional das Tipologias de Socialização Familiar.....	26
Figura 2. Modelo Correlacional de Estudo nos dois Grupos de Participantes (Portugal-Brasil)	39
Figura 3. Valores descritivos do Ajustamento Conjugal (DAS).....	53
Figura 4. Valores descritivos dos Estilos Parentais (PAQ-P)	54
Figura 5. Valores descritivos do Ajustamento da Criança (SDQ)	55
Figura 6. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo – Geral.....	65
Figura 7. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo - Brasil.....	67
Figura 8. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo - Portugal.....	69

Lista de Siglas e Abreviaturas

A C – Ajustamento Conjugal

DAS – Dyadic adjustment scale (Escala de ajustamento diádico)

EAP – Estilos de Autoridade Parental

EAP's – Estilos de Autoridade Parentais

EP – Estilo Parental

EP's – Estilos Parentais

EUA- Estados Unidos da América

PP- Práticas Parentais

PAQ-P – Parental Authority Questionnaire (Questionário de autoridade parental)

SDQ – Strengths and Difficulties Questionnaire (Questionário de capacidades e dificuldades)

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

UAL – Universidade Autónoma de Lisboa

VC – Variável de Controle

VIC – Variável Independente de Critério

Introdução

Ao longo dos anos a família vem sofrendo grandes transformações em sua estrutura familiar, se antes era concebida por pai, mãe, filhos e parentes de laços sanguíneos, hoje experienciamos um modelo de família mais flexível, onde os membros se ligam por laços afetivos e de afinidades. Nessa perspectiva, a família é considerada um sistema, seus membros são ligados emocionalmente por um conjunto de relações em constantes trocas com o exterior, porém mantendo um equilíbrio no seu desenvolvimento por ser um organismo dinâmico e facilitador. Cada subsistema possui a sua estrutura de poder, regras, valores, objetivos, formas de expressar os seus sentimentos e emoções em cada ciclo vital que a família vivencia (Minuchin, 1998; Minuchin, Nichols & Lee, 2009; Relvas & Alarcão, 2007). É no âmbito familiar que o indivíduo se constitui como sujeito e vivência seus primeiros sentimentos de pertença aprendendo habilidades sociais que determinarão as suas interações com o mundo. Assim, a família corresponde à ideia de uma dimensão relacional com base em normas, estruturas e interações familiares para o seu desenvolvimento, possuindo funções próprias e distintas que nortearão seu percurso ao longo do tempo, diferenciando-se dos demais sistemas existentes (Bertalanffy 2008; Bronfenbrenner 1986, 2011; Dias, 2011; Gameiro & Sampaio, 2002; Hipólito, 2011; Musito & García, 2005; Villas, Dessen & Melchiori, 2010).

Atualmente os laços que unem o casal corresponde à ideia de uma dimensão relacional com base em interações para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, o Ajustamento Conjugal é caracterizado pelo entrelaçamento das particularidades dos conjugues que é transformada a partir das experiências conjugais e darão lugar a uma identidade do casal. Desse modo, o AC é um pressuposto para se compreender a dinâmica da família e o comportamento dos seus membros, pois a relação estabelecida pelo casal atinge diretamente o vínculo pais-filhos e também as interações dos seus membros com os demais sistemas existentes (Gameiro & Sampaio, 2002; Gomez & Leal, 2008; Hernandez, 2008; Musito & García, 2005; Scorsolini-Comin & Santos, 2012 Spanier, 1976). Estudos desenvolvidos nessa área salientam que, casais com bom nível de Ajustamento Conjugal tendem a ser mais coerentes, são mais afetuosos e participativos nas resoluções de conflitos, enquanto que, casais que vivenciam o oposto, tendem a abalar de forma negativa todo o sistema familiar incluindo o subsistema parental e afetando diretamente o ajustamento dos filhos (Hameister, Grzybowski & Wagner, 2015; Olson, 2000; Peruchi, Donelli

& Marin, 2016). Um estudo recente desenvolvido no Brasil, evidenciou que as dificuldades relacionais do casal provocam consequências na relação pais-filhos, assim como, promovem negativamente o desenvolvimento infantil. Gerando sintomas internalizados ou/e externalizados (Mosmann, Silva, & Luz, 2018).

Ser pai/mãe é uma transição na vida da família, se antes a família era concebida apenas com a presença do casal, com a chegada de um filho ela dá lugar a uma triangulação com outros rumos e objetivos, abrindo espaço para a parentalidade. A parentalidade é definida por funções internas e externas desempenhadas que possibilitam responder as necessidades físicas, afetivas, intelectuais e sociais da criança através da transmissão da cultura. Favorecendo um sentimento de pertença ao grupo social e contribuindo ou não para sua autonomia e desenvolvimento (Barroso & Machado, 2010; Bornstein, 2002; Bornstein & Bornstein, 2014; Cruz, 2005; Gouveia, Pires e Hipólito, 2015; Leal 2005; Minuchin, 1988; Santos, 2011; Relvas, 1996). Diferentes estudos apontam que a parentalidade é influenciada diretamente ou indiretamente por alguns determinantes, como a características da criança, características dos pais e pela cultura que a família está inserida. Dando lugar a uma parentalidade positiva ou o aparecimento de sintomas na família, afetando diretamente a relação pais-filhos (Belsky, 1984; Bornstein, 2002; Bornstein & Bornstein, 2014). Alguns estudos realizados pontuaram a importância de se discutir essa temática no Brasil, pois é uma atividade rara, comparada com países da Europa e Estados Unidos (Dadam, 2011; Santos e Yunes, 2017). É na parentalidade que se revelam os Estilos de Autoridades Parentais.

Os EAP's são padrões educativos utilizados pelos pais no relacionamento com os filhos e podem contribuir para o clima emocional familiar favorável ou desfavorável para o desenvolvimento da criança e influenciar todo o sistema familiar. É através dos EAP's que ocorrem as práticas e parentais. Neste sentido, os EAP's envolvem valores culturais, comunicação familiar, amparo emocional, sensibilidade, responsividade e controlo/monitorização na educação dos filhos. (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Darling & Steinberg, 1993; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008; Pires, 2011; Reppold, Pacheco & Hutz, 2005; Yusuf, & Sim, 2017).

Nos estudos desenvolvidos por Baumrind, a autora apresenta o conceito de EP's e suas possíveis implicações para o desenvolvimento infantil. A autora apresenta um modelo tripartido assente em duas dimensões: a responsividade e o controlo ou monitorização: (1) pais autoritários

se mostram com elevada exigência e pouca responsividade; (2) pais autoritativos com nível equilibrado de comunicação e responsividade, mantendo limites, regras expectativas e exigências claras; (3) pais permissivos não estabelecem regras e limites aos filhos ou apresentam pouca orientação e controle, porém podem ser muito responsivos (indulgentes) ou pouco responsivos e afetuosos (negligentes). Estes três diferentes padrões educativos contribuem para o clima emocional familiar importante e para o desenvolvimento infantil (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966; 1967; 1972; Baumrind & Black, 1967). Através dos EP's os filhos podem desenvolver características que o nortearão por toda vida. De acordo com alguns estudos, os filhos de pais Autoritativos tendem apresentar mais propensão para desenvolverem ansiedade, sentimentos de exclusão e baixa tolerância à frustração. As meninas apresentam comportamento de desistência com mais facilidade quando não conseguem atingir um objetivo e os meninos apresentam comportamentos mais hostis. Os filhos pais Autoritativos apresentam mais regulação emocional, mais confiança, demonstram mais capacidades na realização das tarefas, maior flexibilidade nas decisões e menor rigidez. Nas meninas esse EP contribui para comportamentos independentes, dominantes e orientados e nos meninos para maior sensibilidade, comportamentos cooperantes e amistosos. Os filhos de pais Permissivos apresentam dificuldades emocionais e comportamentos desafiadores e antissociais. As meninas e os meninos desistem com mais facilidade na realização de tarefas quando se sentem desafiados, as características marcantes do seu comportamento são a falta de limites, pouco poder de decisão e desrespeito pelas regras e normas (Bornstein & Bornstein, 2014; Chan & Koo, 2011; Simões, 2018; Cruz, 2005; Gaspar & Matos, 2017; Navarro, Moral, Galán, & Beitia, 2012; Pires 2010; Sangawi, Adams & Reissland, 2016).

Diferentes fatores contribuem para o desempenho dos EP's, para alguns autores a idade do filho, idade dos pais, sexo da criança e sexo dos pais são indicadores para a adoção do um EP predominante na família. Desse modo, os EP's desenvolvidos pelo casal podem diferenciar entre os membros, gerando um clima familiar mais equilibrado ou menos equilibrado e favorecendo ou não o desenvolvimento dos filhos (Böing & Crepaldi, 2016; Cruz, 2005; Gouveia et al., 2015; Mosmann, Oliveita, Einsfeld, Silva & Koch, 2017; Pires, 2010; Pires et al., 2011; Pires & Paz, 2016).

De acordo com alguns estudos, os problemas internalizados e externalizados dois filhos sofrem influências (positivas ou negativas) não apenas da relação entre pais-filhos, mas também,

da conjugalidade dos pais. Dando origem às estruturas de conhecimentos que irão nortear a sua compreensão sobre o mundo social e influenciarão suas crenças, atitudes e relações ao longo da vida (Cruz, 2005; Hameister, 2015; Mosmann, Costa, Einsfeld, Silva & Koch, 2017; Peruchi, Donelli & Marin, 2016; Silva & Weber, 2018). Neste sentido, pais que possuem conflitos conjugais tendem a desempenhar menos capacidades de amparo e de ajuda aos filhos, provocando na criança sintomas emocionais, comportamentais e psicossociais. Enquanto que, pais que possuem relacionamento harmonioso tendem a desempenhar um EP mais adequado de acordo com o contexto cultural da família e conseqüentemente as crianças apresentam desenvolvimento ajustado (Cruz, 2005; Rocha, Vargas & Wagner, 2015; Silva & Weber, 2018). Um estudo recente realizado no Brasil por Madalena, Carvalho & Flacker em 2018, demonstrou que filhos expostos à conflitos conjugais, estão mais sujeitos a repetir esse comportamento quando adulto na sua relação conjugal. Podemos perceber que a o Ajustamento da Criança depende de uma sucessão de acontecimentos favoráveis no sistema familiar e nesse sentido, o contexto cultural que a família está inserida é uma importante variável que determinará as atitudes dos pais frente a parentalidade.

A cultura de origem é importante na determinação dos EP's e práticas adotadas de socialização, pois cada contexto cultural expressa diferentes objetivos educativos o que emergirão resultados diferentes para os EP's existentes e reproduzirão circunstâncias necessárias para garantir a sobrevivência dos seus membros (Bornstein, 1998; Cid, Matsukura & Cia em 2015; Cruz, 2005; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby, 1980; Martins, León & Seabra, 2016). Desse modo, uma prática educativa parental pode apresentar diferentes significados de acordo com o contexto familiar (Bornstein 1998; Maccoby, 1980; Musito & Garcia, 2005). Em Portugal estudos recentes salientam que o EP com mais prevalência é o Autoritativo promovendo mais resultados positivos para o Ajustamento da Criança (Gonçalves & Simões, 2018; Pires, 2010, 2011; Pires & Paz, 2016; Pires & Silva, 2019; Simões, 2018). No entanto, em Espanha por Musito e Garcia (2005), verificaram que o EP Permissivo-Indulgente, associa-se a indicadores positivos de ajustamento da criança. Na China e Índia um estudo comparativo realizado por Xu, Farver, Zhang, Zeng, Yu & Cai (2005), demonstrou que o EP com mais efeitos positivos no Ajustamento da Criança é o Autoritário. Nos Estados Unidos, Baumrind em 1972, salientou que o EP Autoritário é o que mais promove ajustamento em crianças de família afro-americanas quando comparadas com crianças caucasianas. Assim, podemos perceber que as famílias que experienciam um EP adequado para o seu contexto, estão mais sujeitas a um ajustamento saldável de seus membros,

enquanto que, famílias que desempenham EP inadequado ou pouco promissor, estão mais vulneráveis a conflitos (Bortolini & Andretta, 2017).

Como podemos perceber, há décadas a ciência tem se dedicado a pesquisar a maneira mais adequada de educar os filhos e as consequências das atitudes da parentalidade no Ajustamento da Criança em diferentes contextos culturais. Recentemente pesquisadores têm demonstrado associações entre a qualidade do relacionamento conjugal e a relação parental para o desenvolvimento infantil ajustado (Mosmann & Sarriera, 2008; Mosmann, et al., 2018; Rocha, et al., 2015; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). No entanto, no Brasil há poucos estudos que abarcam essa temática. Ainda assim, até o presente momento não existem estudos que revelem a associação entre EP's, AC e as consequências no Ajustamento da Criança. Enquanto que, em Portugal já existem alguns estudos, porém, não existem estudos comparativos entre países lusófonos.

Nesta lógica, a pertinência deste estudo é averiguar nas duas amostras (Brasil-Portugal) se os resultados corroboram com os resultados de estudos de diferentes autores que indicam que o Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais estão associados ao Ajustamento da Criança. Tendo como base o problema de investigação: Qual a relação entre Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais para o Ajustamento da Criança em Portugal e no Brasil?

Para responder o problema de investigação utilizaremos o objetivo geral que é: Conhecer os EP's, o Ajustamento Conjugal e suas consequências para o ajustamento / adaptação infantil em um estudo comparativo Brasil – Portugal. Assim como, utilizaremos também os objetivos específicos que se concentra em: Analisar a associação entre a percepção de AC e os EP's e o Ajustamento da Criança; Analisar os efeitos de outras variáveis como: idade dos pais, sexo dos pais, idade da criança e sexo da criança e por fim, comparar o valor dos dois grupos de pais nas duas culturas Brasil – Portugal.

O presente estudo está organizado em três partes distintas. Na primeira parte é exposto o enquadramento teórico correspondente à revisão da literatura, abordando-se os conteúdos referentes ao AC, EP e Ajustamento da Criança em diferentes contextos culturais. E também, é exposto o Problema, a Pertinência e os Objetivos do estudo. Na segunda parte, apresentamos a metodologia científica. O delineamento, as hipóteses, a operacionalização das variáveis, a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados e procedimentos metodológicos e

estatísticos. Na terceira, apresentamos os resultados obtidos. As discussões dos resultados acerca das variáveis em torno do relativismo cultural, as principais contribuições, as limitações encontradas e conclusões finais.

Capítulo I

Enquadramento Teórico

1.1 Família

A família como principal fator no processo de socialização do sujeito é o primeiro e mais importante contexto para o desenvolvimento físico e psicológico da criança, visto que é no seio da família que se dá início ao processo de socialização, através da herança genética, influências comportamentais, laços afetivos e EP's (Matos, et al, 2015).

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (citado por Rodrigues, Macedo, & Montano, 2007), a família não se restringe apenas a laços sanguíneos, casamento ou adoção. A família é concebida por ligações de confiança, afeto, amparo mútuo, cuidados, objetivos comuns. De acordo com a American Psychological Association (2010), a definição de família nos dias atuais corresponde a laços biológicos, conjugais, adotivos ou de afinidades.

Existem diferentes teorias que se debruçaram sobre a instituição familiar ao longo do tempo em diferentes culturas. Neste estudo, iremos abordar a família sob o olhar da teoria sistêmica, num contexto de família ocidental contemporânea em relação a díades de pais e filhos.

De acordo com a teoria sistêmica, a família é entendida como um emaranhado de relações, um espaço que transcende a linearidade, restrito aos indivíduos ligados por laços sanguíneos ou legais (Relvas, 1996; Relvas & Alarcão 2007). É através da teia familiar que se constitui o indivíduo e as suas relações com o meio. No entanto, apesar de ser uma instituição mais persistente no tempo, não escapa às transformações e mudanças ao longo da história, embora possua a capacidade para se adaptar e se transformar de acordo com a necessidade da época (Dias, 2000; Mosmann & Wagner, 2008; Minuchim 1998; Minuchin, Nichols, & Lee, 2009; Roudinesco, 2003; Singly, 2011).

Para (Minuchin, 1998; Minuchin, Nichols & Lee, 2009), a família, nos dias de hoje, é constituída por um grupo de indivíduos que estão em constantes interações entre si e com o meio ambiente e essas interações são responsáveis por moldar o comportamento dos seus membros. Como um sistema aberto e dinâmico, em intensa relação com o grupo social, os seus membros são mais que a soma das partes, eles caracterizam uma dimensão sócio antropológica através das interações. Pois, à medida que a família é afetada pelos sistemas ecológicos, ela também é responsável por afetar os demais sistemas (Bertalanffy 2008; Bronfenbrenner 1986, 2011; Dias, 2011; Gameiro & Sampaio, 2002; Hipólito, 2011; Musito & García, 2005; Villas, Dessen & Melchiori, 2010).

As funções da família podem ser consideradas como interna, promovendo o desenvolvimento e proteção dos seus membros, ou por função externa: a socialização, adaptação e transmissão de valores e cultura. Sendo assim, a família desenvolve duas tarefas básicas: garantir o seu funcionamento em relação ao sentimento de pertença e a individualização como sendo a autonomização dos seus elementos (Afonso, Silva, Pontes, & Koller, 2015; Relvas, 1996; Relvas & Alarcão, 2007).

Como um sistema complexo, a família é única e particular, envolve uma globalidade, ao ponto que nenhuma outra família é igual, gerando, assim, uma identidade familiar. Dessa forma, a formação de um casal, necessita ser entendida de maneira mais complexa, visto que, significa a sobreposição de dois subsistemas particulares (Gameiro & Sampaio, 2002; Jones 1999; McGoldrick & Shibusawa, 2016; Relvas 1996; Relvas & Alarcão 2000; Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

Assim sendo, neste estudo iremos dedicar-nos a estudar o AC, os EP's e o comportamento desenvolvido pelo filho, retratando especialmente as famílias compostas por pai, mãe e filhos em idade escolar e os seus ajustamentos de acordo com os estilos educativos parentais empregues na educação do filho.

1.2 Ajustamento Conjugal

De acordo com Scorsolini-Comin e Santos (2010, 2011, 2012), o AC é caracterizado pelo entrelaçamento das particularidades dos cônjuges, dando lugar a uma identidade do casal, que é transformada a partir das experiências conjugais, sendo referido como um fator de proteção tanto de doenças orgânicas como de transtornos mentais e, sobretudo, como suporte social frente a situações de stresse.

Para Hernandez (2008), o AC é entendido como um processo contínuo de acontecimentos, através de interações e motivações que definem a relação conjugal e pode ser percebido a partir da satisfação diádica, da coesão e do consenso diádico. Nesse sentido, (Gomez & Leal, 2008), salientam que o AC é um pressuposto para se compreender a dinâmica familiar, sendo uma propriedade interpessoal da díade onde se caracterizam as relações familiares.

Spanier (1976) classificou o AC a partir de duas perspetivas: a primeira diz respeito à relação conjugal como um processo mutável ao longo do tempo, e a segunda caracteriza-se pela

qualidade da relação baseada nas características e interações do relacionamento.

Um estudo desenvolvido por Olson (2000) salientou que a relação que o casal estabelece irá influenciar a dinâmica conjugal e a relação com os filhos. Nesse ponto, o autor propôs o modelo circumplexo que se baseia em três dimensões: a coesão, a flexibilidade e a comunicação, que afetarão a dinâmica familiar e a forma como os pais lidarão com seus filhos.

A coesão familiar é definida como o envolvimento emocional ou uma união que os membros da família estabelecem entre si. É marcada por sentimentos que os membros experimentam um para com o outro e pode variar consoante o momento em que a família se encontra (Olson 2000; Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

Esta dimensão refere-se ao bem-estar familiar e ao sentimento de pertença que é estabelecido entre os pais e filhos. O baixo nível de coesão geraria na família e nos seus membros um desajuste no seu funcionamento e desenvolvimento, pois o comportamento de um membro afeta os demais. Um alto nível de coesão formaria um sistema emaranhado, provocando pouca independência, enquanto um bom nível de coesão tornaria o seu funcionamento ótimo (Hernandez & Hutz, 2009; Minuchin 1988; Olson 2000). Todavia, casais com um bom nível de coesão tendem a experienciar maior nível de consenso, mas nem sempre casais que experienciam altos índices de consenso são coesos Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

A flexibilidade conjugal diz respeito ao modo como a família está suscetível às mudanças na sua dinâmica, sendo refletido na tomada de papéis, mudanças de liderança, estilos de negociação, mudanças de regras, controlo e disciplina. Uma família bem estruturada tende a ter uma liderança democrática, com um grau de negociação mais flexível, privilegiando o desenvolvimento dos seus membros e deve ser capaz, sobretudo, de se adaptar às novas circunstâncias do ambiente (Minuchin 1988; Olson 2000). Já o baixo nível de flexibilidade tornaria os membros e o funcionamento familiar rígidos às mudanças e o alto nível de flexibilidade mais caótico, provocando um disfuncionamento em todo o sistema familiar (Olson, 2000).

A comunicação conjugal é considerada uma dimensão facilitadora e crítica, que permite facilitar e estabelecer a ligação entre as outras duas dimensões (coesão e flexibilidade). Embora a comunicação seja a chave para as outras dimensões, esta não está incluída no modelo, pois entende-se que a família já está inscrita como um sistema em constante relação (Olson, 2000). Casais que possuem uma boa comunicação, tanto verbal como não-verbal, inclinam-se para uma

relação conjugal satisfatória. Já os casais que não apresentam uma boa comunicação estão mais propensos a expressões mais negativas (Galvin & Braithwaite, 2015; Gouveia, Pires & Hipólito, 2015).

Nesta perspectiva, os autores concluem que a satisfação conjugal é possível através de um bom nível de coesão, flexibilidade e comunicação que são fatores essenciais para o AC e para o funcionamento adequado da família, privilegiando o desenvolvimento pleno dos seus membros. O inverso provocaria desajustamento ao nível da aproximação e afastamento das regras familiares (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

De acordo com os autores, Peruchi, Donelli e Marin (2016), casais com alto nível de AC tendem a ser mais coerentes, participativos nas decisões de conflitos e nas suas resoluções, demonstram mais afeto, enquanto os casais com baixo níveis de AC mostram-se com menos coerência, com baixo nível de concordância em assuntos familiares e baixo nível de demonstração de afeto. Deste modo, para (Bornstein, 1998), pais que não se sentem felizes com a relação conjugal ou não estão satisfeitos consigo próprio tendem a perceber os filhos de forma negativa, sendo menos responsivos com os mesmos. Possuindo menos capacidades de amparar e ajudar os filhos a desenvolverem capacidades de autorregulação de comportamento e autorregulação de sentimentos negativos (Cruz, 2005; Rocha, et al., 2015).

Portanto, os conflitos conjugais tendem a abalar de forma negativa todo o sistema familiar, incluindo o subsistema parental, relacionando-se associado aos desajustamentos comportamentais dos filhos (Hameister, Grzybowski, & Wagner, 2015).

Os filhos que vivenciam a relação disfuncional dos pais, tendem a perpassar para os demais sistemas o que experienciam no seio familiar, pois é visto que as características negativas ou positivas da relação conjugal e suas decorrências transbordam em todo o sistema familiar e contextos que seus membros estão inseridos (Hameister, 2015).

No entanto, pais que estabelecem um relacionamento conjugal harmonioso possuem mais capacidades de oferecer aos membros familiares um ambiente acolhedor, respeitoso e que favorece o desenvolvimento saudável dos seus membros (Hernandez & Hutz, 2009).

Em um estudo realizado no Brasil no estado de São Paulo com 200 participantes a vivenciar uma relação estável conjugal (casados legalmente ou em união de facto), com filhos de 4 à 18

anos, evidenciou que as dificuldades relacionais do casal provocam consequências na relação pais-filhos, assim como, promovem negativamente o desenvolvimento infantil. Gerando sintomas internalizados ou/e externalizados. O estudo salientou quando os pais desenvolvem habilidades para a solução de conflitos, isto tende a repercutir positivamente no ambiente familiar e como consequência o Ajustamento da Criança (Mosmann, Silva, & Luz, 2018).

Ser pai/mãe é uma transição na vida da família; se antes a família era concebida apenas com a presença do casal, com a chegada de um filho ela ganha outros rumos e objetivos. Neste sentido, abordaremos no próximo capítulo a parentalidade e os seus desafios.

1.3 Parentalidade

A parentalidade é reconhecida por funções desempenhadas pela família, podendo ser desenvolvida por qualquer membro do sistema familiar, e é caracterizada por um conjunto de ações realizadas por figuras parentais, utilizando auxílios de dentro do sistema familiar e fora dele. Onde são estabelecidos vínculos mútuos que podem ou não favorecer o desenvolvimento de forma plena e saudável (Cruz, 2005; Leal, 2005).

A parentalidade se forma com a inserção do filho ao sistema familiar provocando mudanças principalmente no subsistema conjugal em função do desempenho de novas tarefas. Que se faz necessário para garantir ao novo membro proteção, cuidados, educação e sustento (Juras & Costa, 2017; Wagner, Tronco, & Armani, 2015).

Segundo Bornstein (2002), a principal tarefa da parentalidade, ou seja, dos pais como uma primeira geração, é preparar a segunda geração (os filhos) para diferentes situações pertinentes ao longo da vida. Nesse contexto, a parentalidade é uma condição única e permanente a partir do momento em que ela se inicia. Porém, em constante mudança e evolução, devido aos estágios de desenvolvimento dos filhos, reivindicando aos pais uma adaptação e desencadeando um processo de ajustamento em favor de um bom desenvolvimento familiar.

A parentalidade implica um conjunto de ajustamentos psíquicos e afetivos que irão possibilitar aos pais exercerem o seu papel, respondendo às necessidades físicas, afetivas, intelectuais e sociais, possibilitando um sentimento de pertença e contribuindo para a autonomia e desenvolvimento da criança (Bornstein 1998; Cruz, 2005; Gouveia, et. al., 2015; Santos, 2011).

No entanto, para conhecer como é exercida a parentalidade é necessário compreender os

contextos em que a família está inserida, pois cada família possui um funcionamento próprio e variável conforme a sua organização, uma vez que as preceptivas e práticas acerca da parentalidade variam entre culturas (Keller, Voelker, & Yovsi, 2005; Relvas 1996).

A parentalidade possui características muito específicas, que evoluem de acordo com necessidades dos filhos ao longo do seu desenvolvimento. Tais características podem ser denominadas por funções internas e funções externas. A função interna, é compreendida pela garantia de proteção e cuidados. A função externa tem por objetivo promover, a socialização, a adequação e a transmissão da cultura, construindo um sentimento de pertença da criança ao grupo social e assim promover a sua autonomia (Bornstein, 2002; Cruz, 2005; Relvas, 1996).

Paras os autores Dobrianskyj, Selig, Galvão, e Viezzer, (2006), o modelo adotado de parentalidade tende a ser uma repetição dos modelos aprendidos e vivenciados no âmbito familiar de origem e da cultura sobre a qual a família está inserida. Assim, os pais tendem a repetir padrões de comportamentos que aprenderam e vivenciaram em casa com os seus pais e na comunidade de pertença (Barroso & Machado, 2010; Bornstein & Bornstein, 2014).

Assim sendo, as crenças que os pais detêm sobre a infância e as atitudes da criança levarão os mesmos a adotarem um comportamento positivo ou negativo, sendo atravessados também pelas suas experiências enquanto crianças (Bornsteins, 1998, 2002).

Um estudo realizado no Brasil por Santos e Yunes, (2017) acerca da parentalidade e serviços de apoio parental, destacou que a educação parental no Brasil é uma atividade rara, pouco discutida em comparação com os países da Europa e os EUA. Foi demonstrado que Portugal serve como referência, disponibilizando diversos serviços de atendimentos às famílias em centros de apoio e aconselhamento parental.

Nesta lógica (Dadam, 2011) demonstrou, numa pesquisa realizada na comparação entre Portugal e Brasil, a necessidade de se discutir a parentalidade, possibilitando um exercício parental mais seguro e confortável tanto para o desenvolvimento infantil como para a relação conjugal.

Além dos aspetos culturais, outros aspetos importantes influenciam o modo como os pais concebem a parentalidade e, assim exercem, o comportamento parental. A relação pais-filhos causa influências no desenvolvimento infantil, tanto a nível cognitivo como a níveis comportamentais (Belsky, 2007).

1.3.1 Determinantes da parentalidade.

Muitos são os fatores que podem determinar o exercício da parentalidade e provocar mudanças significativas na estrutura familiar e na relação do casal. Este processo estende-se desde a saída da maternidade até à fase adulta (LaRossa, Simonds & Reitzes, 2005).

De acordo com Belsky (1984), a parentalidade pode ser influenciada diretamente ou indiretamente por três fatores: características da criança, características dos pais e a cultura pertencente. Configurando-se a parentalidade positiva ou o aparecimento de sintomas na família, afetando diretamente a relação dos pais e filhos.

As características da criança tais como, a idade, nível de desenvolvimento, temperamento e comportamento são desenvolvidos pelo modo como os pais executam a sua parentalidade (Belsky, 1984). As crianças que apresentam um comportamento mais agitado irão exigir dos pais um maior nível de controlo, afirmação de poder e exigência do que as crianças que apresentam menor agitação comportamental. A perceção dos pais sobre seus filhos como “fácil ou difícil” são determinantes para o desempenho do papel parental, pois moldarão os seus comportamentos educativos. (Bornstein, 1998; Cruz, 2005; Lee & Bates, 1985; Thomas & Chess, 1977).

Belsky (1984) descreve, o modelo de parentalidade transgeracional, onde o modelo aprendido é transmitido ao longo das gerações por mães e pais, quer seja comportamentos coercivos e maus-tratos ou a promoção ao desenvolvimento saudável. Considerando que a parentalidade é um produto de como os pais foram criados, mas também a partir do próprio entendimento acerca da função parental, valores, atitudes e características das suas personalidades (Cruz, 2005).

Para Belsky, (1984), pais com alto índice de maturidade psicológica dedicam-se aos cuidados da criança de forma mais sensível, responsiva, autoritativa e centrada, apresentando maior capacidade de regulação emocional e demonstrando mais tolerância ao invés de controladores e negligentes.

De acordo com Belsky (1984), os contextos sociais, podem influenciar a relação conjugal através das emoções positivas ou negativas experienciadas pelo casal, e, conseqüentemente, isso afetará a relação pais-filhos. As atitudes podem ser positivas ao desenvolvimento da criança, ou inadequadas, onde essa relação é usada para suprir uma necessidade emocional não atendida.

Para Belsky (1984), a maneira que os pais adotam para educar os filhos, através dos EP's podem gerar-se consequências tanto positivas como negativas no Ajustamento da Criança.

1.3.2 Estilos de Autoridade Parental.

O Estilo Parental pode ser definidos por padrões enraizados e utilizados pelos pais no relacionamento com os filhos, determinando a forma de educá-los e, em consequência, a relação estabelecida com eles, dando origem a práticas e comportamentos parentais (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966a; Yusuf, & Sim, 2017).

Neste sentido, os EAP's apresentam-se mais ou menos estáveis ao longo do tempo, pois estão relacionados com comportamentos específicos para educar e socializar os filhos. Envolve fatores culturais, crenças, valores, dinâmica da comunicação familiar, amparo emocional, de afeto e controlo na interação pais-filhos (Darling & Steinberg, 1993; Loureiro, & Marturano, 2014; Pires, 2011; Pires & Silva, 2019; Reppold, Pacheco & Hutz, 2005).

Num estudo recente desenvolvido em Portugal por (Pires & Silva, 2019), buscou verificar a relação entre os EAP's, Práticas Parentais e autoeficácia parental, numa amostra com 60 casais com filhos. Os resultados indicaram que o estilo Autoritativo é o mais prevalente para esta região e correlaciona-se positivamente com as PP e autoeficácia parental.

Em um estudo desenvolvido em Portugal na cidade de Coimbra por (Simões, 2018), com 202 mães à cerca dos estilos educativos parentais, foi demonstrado que o EP com mais efeitos positivos no Ajustamento da Criança é o autoritativo/democrático. Em razão de contribuir para habilidades sociais, desenvolvimento emocional e comportamental e bom funcionamento familiar. Os EP's autoritário e permissivo apresentaram piores resultados para o ajustamento familiar e desenvolvimento dos filhos. O autor salientou que pais que experienciam um EP mais democrático tendem a relacionar-se com um cônjuge com EP parecido e, quando isto não ocorre, os EP's e PP tendem a ser menos coerentes, evidenciando desajuste no na família.

O modelo tripartido Baumrind (1966b), assenta em duas dimensões: a responsividade e o controlo ou monitorização. Essas dimensões favorecem um clima familiar onde os filhos crescem e se desenvolvem saudavelmente, gerando efeitos positivos no desenvolvimento da criança (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015). Para Baumrind e Black (1967), as relações parentais e as atitudes parentais são importantes para o ajustamento infantil (Baumrind & Black, 1967; Cruz, 2005).

Neste modelo, o EAP Autoritativo é associado a um maior ajustamento da criança, promovendo o seu desenvolvimento, num grau equilibrado de monitorização e responsividade de acordo com a idade e a característica da criança, atribuindo liberdade, mas com regras e normas congruentes. Favorecendo sistemas necessários para o seu desenvolvimento a nível comportamental e psicológico (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Darling & Steinberg, 1993; Gaspar & Matos, 2017; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008; Weber & Ton, 2011). Os pais são mais responsivos e demonstram mais facilmente os sentimentos de apoio e afeto. Além de exercer uma autoridade racional, privilegiando o diálogo, a autonomia e a individualidade (Alvarenga & Piccinini, 2001; Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966, 1975; Cruz, 2005; Darling, 1999; Darling, Kaaya, & Vries, 2016).

No EP autoritário, os pais exercem um poder soberano sobre o filho, não respeitando as suas características pessoais e a idade da criança. Este EP é caracterizado pela presença das formas de educar menos responsivas e afetuosa e mais coercivas e rígidas. Os pais autoritários impõem regras como indiscutíveis e tentam “moldar” o comportamento da criança de acordo com as suas expectativas utilizando atitudes coercivas (Baumrind, 1966; Böing & Crepaldi, 2016; Silva, Morgado, & Maroco, 2012).

No EP permissivo, os pais não exigem nem controlam ou exigem pouco, não promovendo o desenvolvimento e individualidade da criança (Baumrind, 1966; Böing & Crepaldi, 2016; Olivary, Tagliabue, & Confalonieri, 2013).

A esse propósito, (Baumrind, Thompson & Nebraska, 2002), defenderam que a vinculação afeta positivamente os EP's, pois é através da vinculação que os pais autoritativos obtêm maiores resultados na educação dos seus filhos, enquanto os pais autoritários e permissivos apresentam valores reduzidos de vinculação, gerando sintomas que perduram por toda a vida (Baurmrind, 2005; Darling, Kaaya, & Vries, 2016).

Diferentes pesquisas salientaram que os pais adotam os EP's de acordo com as suas características pessoais em concordância com as características do filho que, por sua vez, deve girar em torno do equilíbrio – desequilíbrio, responsividade – afeto – controlo (Baumrind, 1966; Gaspar & Maatos, 2017).

Maccoby e Martin (1983), referiam-se aos EP's de Baumrind (1966), através de duas dimensões: exigência e responsividade. A exigência diz respeito ao estabelecimento de limites,

controle e supervisão. A responsividade é entendida como aceitação e envolvimento, relacionada com o apoio emocional ao comportamento da criança. Para os autores, essas duas dimensões dão origem a quatro variações de EP's, visto na figura a seguir. Assim, os autores contribuíram para redefinições do modelo de EP's já existente.

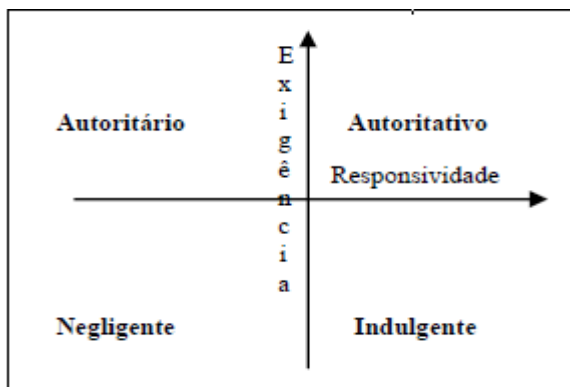


Figura 1. Modelo Bidimensional das Tipologias de Socialização Familiar. Adaptada de Pires (2010). Valores, EP's, Stresse Infantil e Vivência Emocional dos filhos, 2010, (1), p.40.

Para Darling e Steinberg (1993), os EP's estão de acordo com as crenças e valores adquiridos pela cultura em que os pais são pertencentes, indo além da exigência e responsividade. A forma como os pais interagem com os filhos está de acordo com as PP aprendidas com os seus pais e que são transmitidas transgeracionalmente (Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Darling e Steinberg (1993), pontuaram a diferença de EP's e PP. As PP correspondem ao objetivo de suprimir ou incentivar tipos de comportamentos nas crianças. São estratégias que podem variar de acordo com cada situação, e têm o objetivo de socializar as crianças através dos comportamentos dos pais. Já os EP's correspondem ao conteúdo emocional no contexto em que as atitudes parentais decorrem. São mediados a partir dos valores parentais que dão origem as práticas educativas parentais e podem ser determinados a partir do ambiente emocional experienciado no sistema familiar (Darling, 1999; Darling & Steinberg, 1993; Feller, 2014; Mosmann, Costa, Einsfeld, Silva, & Koch, em 2017; Pires & Silva, 2019; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Os EP's desenvolvidos pelo casal podem diferenciar entre os membros, gerando um clima

familiar mais equilibrado ou menos equilibrado e favorecendo ou não o desenvolvimento dos filhos. Desse modo, os EP's, podem ser influenciados pelo sexo e idade do filho, assim como, o sexo dos pais e a idade podem promover influências no EP's (Bornstein, 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Pires 2011; Pires, Hipólito & Jesus, 2010; Moreira, Gouveia, Carona, Silva & Canavarro, 2015; Mosmann, Costa, Einsfeld, Silva, & Koch, 2017).

Num estudo clássico de Baumrind e Black (1967), concluiu-se que os pais tendem a exercer estilos educativos consoante o sexo do filho em consonância com o seu próprio sexo. Os meninos tende a ser mais estimulados à independência, ao controlo emocional e à competição, enquanto que, as meninas tendem a sofrer mais pressão para apresentarem comportamentos de carinho, obediência, altruísmo, simpatia e atributos físicos (Cruz, 2005; Moreira, et al., 2015; Pires, 2011).

De acordo com diferentes estudos, as mães tendem a adotar um EP mais democrático, enquanto os pais tendem a demonstrar PP mais autoritárias (Gaspar & Matos, 2017; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005).

Alguns pais tendem a tratar com diferenças os filhos mais novos e os mais velhos. Os filhos mais novos se beneficiam das experiências já adquiridas e, com isso, sofrem menos exigências e cobranças (Bornstein, 1998; Minuchin, 1988; Salmon & Daly, 1998).

Posto isto, para que o papel parental seja positivo e promova o desenvolvimento pleno das capacidades da criança, é necessário que os pais desenvolvam formas de assumir uma sensibilidade que correspondam às necessidades dos filhos de acordo com o seu estágio evolutivo, garantindo a transmissão de afeto e fornecendo um ecossistema de suporte que garanta a sua evolução (Pires, 2010).

1.4 Ajustamento da Criança

O clima emocional familiar pode influenciar todos os membros da família, mas é na criança que isto será mais significativo e se mostrará com maior frequência (Teixeira, Lôbo & Duarte, 2016).

Por meio da relação com os pais, as crianças criam esquemas internos que abrangem o seu self, dando origem às estruturas de conhecimentos que irão nortear a sua compreensão sobre o mundo social e influenciarão de forma peculiar as relações que serão estabelecidas ao longo da sua vida (Cruz, 2005; Pires, 2010). Estas influências são atravessadas por aspetos cognitivos e

racionais, assim como pela dinâmica relacional de afeto que contribuirá para a interiorização de valores (Rios, Ferreira, & Batista, 2016).

De acordo com os estudos clássicos de Baumrind (1966; 1967; 1975), os EP's podem influenciar com diferentes níveis e consequências o Ajustamento da Criança.

Os filhos de pais Autoritativos apresentam mais regulação emocional, mais confiança, demonstram mais capacidades na realização das tarefas, maior flexibilidade nas decisões e menor rigidez. Prevenindo comportamentos desajustados como baixa autoestima, problemas emocionais e comportamentais. As meninas desenvolvem comportamentos independentes, dominantes e orientados e os meninos apresentam mais sensibilidade, comportamentos cooperantes e amistosos (Baumrind, 1966; Bornstein & Bornstein, 2014; Chan e Koo, 2011; Gaspar & Matos, 2017; Pires 2010; Sangawi, Adams & Reissland, 2016; Sangawi, et al., 2016).

Para Baumrind (1966), os filhos de pais autoritários apresentam mais propensão para desenvolver ansiedade, sentimentos de exclusão e baixa tolerância à frustração. O estudo demonstrou que as meninas desistem com mais facilidades quando não atingem um objetivo desejado e os meninos apresentam comportamentos mais hostis. Assim, as crianças educadas nesse estilo tendem a ser desencorajadas, pois as suas opiniões não são consideradas, os pais impõem os seus valores e não respeitam a individualidade dos filhos. Gerando problemas internalizados como angústias e depressão e externalizado como comportamentos de agressividade e dificuldades para enfrentar as situações de stresse (Bornstein & Bornstein; 2014; Gaspar & Matos, 2017; Navarro, Moral, Galán, & Beitia, 2012).

Os filhos de pais permissivos tendem a apresentar dificuldades emocionais, depressão, insegurança, comportamentos desafiadores e comportamentos antissociais. As crianças tendem a desistir com mais facilidades das tarefas que exigem mais desafios e as características marcantes do seu comportamento são a falta de limites, pouco poder de decisão e desrespeito pelas regras e normas. As meninas e meninos apresentam menos capacidades sociais e menos defetividades para a realização de tarefas (Baumrind, 1966; Bolsoni-Silva, & Loureiro, 2019; Bornstein & Bornstein; 2014; Cruz, 2005; Gaspar & Matos, 2017).

De acordo com diferentes estudos, os sintomas de depressão estão associados aos EP's autoritário e permissivo/negligente. Para os autores, as mães que sofrem com depressão (leve, moderado ou alto) afetam negativamente a parentalidade, mesmo que seja temporário. Pois, a

depressão está associada a padrões de negligências, falta de comunicação e/ou agressividade ao falar e falta de confiança. Quanto maior o apoio paterno menor será o nível de depressão nas mulheres (Bolsoni-Silva, & Loureiro, 2019; Bornstein, 1988; Brockington, Butterworth, & Glangeaud-Freudenthal, 2016; Frizzo, Prado, Linares & Piccinini, 2010; Frizzo et al., 2010; Hollist, Falceto, Seibel, Springer, Nunes, & Fernandes, 2016).

Neste sentido, a exposição ao conflito conjugal associado à violência e/ou a depressão materna, em diferentes níveis de intensidade, duração, conteúdo e resolução desencadeará na criança formas negativas de interação com o sistema familiar e com os demais sistemas existentes. Comprometendo o seu desenvolvimento saudável e gerando graves consequências como medo e a ansiedade. Que resultará em estratégias de enfrentamento de acordo com as suas características cognitivas para conviver com a situação existente (Frizzo, Brys, et al., 2010; Mosmann et al., 2011; Mosmann, Zordan, & Wagner, 2011; Zini, Frizzo, & Levandowski, 2018).

Em diferentes estudos, foi demonstrado que pais que adotam um EP coercivo sobre ameaças sem responsividade provoca um desajustamento a nível psicológico e comportamental na criança. Enquanto que, pais envolvidos emocionalmente e com comportamento responsivo são preditores para a redução problemas de internalizados e externalizados (Böing & Crepaldi, 2016; Bornstein, 1998; Goodman & Teti, 2008; Jones, et al., 2008; Rios, Ferreira, & Batista, 2016).

Pais e mães podem adotar estilos educativos diferentes, opostos e ou inconsistentes, isso pode ampliar mais consequências negativas do que positivas. Podendo emergir dificuldade não só no filho, como também na sua relação conjugal (Böing & Crepaldi, 2016; Mosmann, et al., 2017 Pires, 2010).

A relação conjugal que os pais estabelecem é um fator importante para o desenvolvimento saudável ou fontes de problemas nos filhos. Pois, através da maneira como o casal se configura e experiência a parentalidade provocará o ajustamento positivo ou sintomas negativos na criança (Mosmann, Costa, Einsfeld, Silva & Koch, 2017). No entanto, a maneira como as crianças são afetadas não se configura como um padrão, pois nem todas as crianças respondem da mesma forma aos estímulos social (Soares & Sani, 2017).

Os conflitos conjugais podem interferir no desenvolvimento dos filhos, prejudicando o seu desenvolvimento emocional, comportamental e psicossocial. A atitude do filho é, portanto, mediada pela a exposição aos conflitos dos pais, por suas próprias características inerente ao seu

self e pela percepção de como os pais resolvem seus conflitos (Bornstein, 1998, 2002; Schermdrhorn, Cumming, DeCarlo & Davies, 2007; Villas Boas, Dessen & Melchiori, 2010).

Em diferentes estudos, foi demonstrado que os filhos expostos aos conflitos conjugais apresentam consequências avassaladoras no seu ajustamento, comprometendo o bom desenvolvimento emocional, comportamental e social, com a finalidade de atenuar as discórdias na relação conjugal dos pais. Além de atribuir a si própria a responsabilidade pelo conflito conjugal. Gerando culpa, vergonha ou raiva por um dos pais ou pelos dois. Nas meninas, os resultados apresentaram mais problemas de comportamentos internalizados. Nos meninos, os resultados apresentaram níveis elevados de vulnerabilidade e problemas de comportamento externalizados (Benetti, 2006; Bolsoni-Silva & Marturano, 2010; El-Sheikh & Whitson, 2003; Gaspar & Matos, 2017; Schermdrhorn, et al., 2007; Zini, Frizzo, & Levandowski, 2018).

Em um estudo desenvolvido por Madalena, Carvalho & Flacker, 2018, com 170 casais, demonstrou que filhos que vivenciaram o relacionamento disfuncional dos pais ao longo da infância. Quando adultos tinham mais possibilidades de reproduzir os mesmos comportamentos de violência no seu novo contexto familiar. E, filhos expostos a relação conjugal pautada na coesão, satisfação, consenso e respeito, favorecendo a adaptabilidade dos seus membros ao sistema familiar e aos demais sistemas. Tendiam a desenvolver relações saudáveis e a promover comportamentos ajustados como aprendidos em casa com os pais (Hameister, 2015; Johnson, 2002).

Para Silva e Weber (2018), os casais com um bom nível de AC desempenham EP's mais adequados de acordo com o contexto cultural que a família pertence. Visto que, a interação harmoniosa do casal faz com que a criança se sinta segura, protegida e reaja de maneira ajustada em todos contextos que estiver inserida. Uma família bem articulada tende a desenvolver uma liderança pautada pelo respeito, negociação e flexibilidade entre o casal e os filhos, o que promoverá nos seus membros um desenvolvimento pleno e ajustado (Hameister, 2015; Oslon 2000; Minuchin 1988; Zini, et al., 2018). Nesse sentido, o acompanhamento familiar se faz necessário quando notado o desajuste conjugal, devido a sua implicação na parentalidade, tanto para diminuição dos sintomas como para prevenir agravamentos (Peruchi, Donelli & Marin, 2016).

Após esta reflexão, podemos concluir que as crianças não são indivíduos passivos na relação pais-filhos, e sim agentes ativos, que participam na relação conjugal dos pais e são fonte

constante de interação no seio familiar (Cole, 2003; Cummings, Davies & Campbell, 2000; Maccoby, 1984; Sameroff, 1975; Schermdrhorn, et al., 2007; Madalena et. al., 2018).

1.5 Transculturalidade, Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e Ajustamento da Criança

Os estudos anteriores demonstram que os estilos e PP apresentam significados e resultados diferente consoante ao país de origem, contexto cultural e grupo étnico que a família está inserida. Cada grupo procura reproduzir regras e estilos de socialização/adaptação aparentemente necessárias para garantir a sobrevivência dos seus membros (Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Cruz, 2005; Maccoby, 1980; Musito & García, 2005).

A família que experiencia um EP inadequado ou pouco promissor para o seu contexto cultural, tende a comprometer de maneira negativa o desenvolvimento dos seus membros. Que resultarão em situações estressantes suficientes para deteriorar ou interferir nos estilos e PP positivas (Bortolini & Andretta, 2017).

Corroborando com esta ideia, num estudo desenvolvido em Espanha por Musito e Garcia em 2005, com crianças e adolescentes, identificou que o EP permissivo-indulgente que resultava num melhor ajustamento social da criança. Nos estudos com amostras de países de língua inglesa, o EAP Autoritativo apresenta-se como o estilo educativo mais promotor do desenvolvimento. Pois um efeito assertivo numa cultura não irá necessariamente ser positivo numa outra, uma vez que existem diferentes contextos e efeitos de socialização.

Para Darling e Steinberg (1993), o que pode variar de uma cultura para a outra são os objetivos e as práticas educativas de socialização. Desta forma, a cultura em que a família está inserida torna-se uma variável importante para a compreensão do sistema familiar e o desenvolvimento ajustado da criança.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos em diferentes culturas devem ser são considerados nas a compreensão de determinados comportamentos como ajustados ou desajustados (Cruz, 2005).

Num estudo clássico realizado nos EUA por Baumrind em 1972, sobre os estilos e PP numa amostra étnica de famílias afro-americanas e caucasianas, foi verificado que as primeiras exercem um EP autoritário, controlador e exigente pautado por práticas educativas coercivas, punitivas. Tais atitudes são percebidas como cuidado parental e proteção, nomeadamente em ambientes de

maior risco e menor segurança, beneficiando um desenvolvimento saudável das meninas afro-americanas que apresentaram maior autonomia, independência maturidade social e emocional e comportamentos adaptativos comparativamente com as meninas caucasianas.

Num estudo desenvolvido na China por Xu, Farver, Zhang, Zeng, Yu e Cai em 2005, o EP autoritário das mães chinesas, associava-se a um melhor Ajustamento da Criança. Esta forma de educar é congruente com os fortes valores e crenças chinesas associados à autoridade e à disciplina.

Num estudo comparativo entre Índia e China, acerca dos EP's e desenvolvimento socio-emocional de crianças em idade pré-escolar, os autores concluíram que, o autoritarismo era o estilo mais adequado para ambas as culturas. Para pesquisadores sugeriram a distinção entre pais Autoritativos e autoritários é relevante, uma vez que, em ambas as culturas, o controlo parental é percebido como demonstração de afeto na família e provedor do desenvolvimento saudável criança (Rao, McHale & Pearson, 2003).

Em Portugal, um estudo desenvolvido por Pires (2010, 2011; Pires et al. 2011), revelou que os pais portugueses da região da grande Lisboa, percecionavam-se maioritariamente como Autoritativos, estilo associados a menores níveis de stresse nos filhos. O menos comum era o EP permissivo contribuindo para um menor ajustamento com níveis mais elevados de stresse na criança (Pires, 2010; Pires, et al., 2010, 2011). Outros estudos desenvolvidos em Portugal, na região de Lisboa, salientaram que EP's com mais efeito positivo para o desenvolvimento infantil é o Autoritativo/democrático, sendo estes mais desempenhados por pais desta região (Cruz, 2005; Gonçalves & Simões, 2018; Pires & Paz, 2016).

Nesse sentido, em cada região a família desenvolve um EP adequado para seus membros de acordo com características próprias da família e com contexto cultural. Na China e na Índia o EP mais desempenhado é o Autoritário com mais efeitos positivos para desenvolvimento infantil; nos EUA um estudo desemosntrou que o EP Autoritário possui mais efeitos positivos em crianças afro-americanas; em Espanha o EP com mais efeitos positivo é Permissivo-Indulgenteque sendo este que resulta num melhor ajustamento social da criança e em Portugal o EP mais desempenhado e com resultados mais satisfatório é o Autoritativo (Baumrind, 1972; Musito & Garcia em 2005; Pires, 2011; Pires & Paz, 2016; Xu, et al., 2005).

No Brasil, um estudo desenvolvido por Cid, Matsukura e Cia em 2015, no estado de São Paulo, procurou relacionar os EP's, práticas educativas adotadas e saúde mental em crianças do

primeiro ciclo do ensino básico. Os resultados revelaram que há uma prevalência do EP negligente de risco ou inadequado, contribuindo para um menor ajustamento da criança. No entanto, os resultados revelaram também, que as famílias que exerciam um EP com regras e responsabilidades compartilhadas por todos as crianças apresentaram um ajustamento saudável em relação ao comportamento pró-social. Também em São Paulo, Martins, León e Seabra (2016), ao testarem a relação entre EP's e Funções Executivas de crianças em idade pré-escolar, verificaram que, de modo geral, quanto maior a incongruência na punição, menor a competência de inibição de comportamentos insatisfatórios. Num estudo, com 149 casais na cidade de Porto Alegre – Brasil, procurou-se traçar um perfil entre as dimensões da conjugalidade e os EP's exercidos. Os resultados revelaram que a qualidade da relação conjugal tinha uma relação com estilos educativos parentais adotados, havendo uma correlação entre as características individuais dos pais, AC e Ajustamento da Criança. O AC exerce um efeito na forma de educar, facilitando ou não o desenvolvimento e ajustamento da criança. Os autores concluíram que, quando a relação conjugal é pautada pela coesão, flexibilidade, afeto e adaptabilidade, os pais tendem a relacionar-se com os filhos afetuosamente e a desenvolverem EP's baseados na responsividade e exigência favorecendo o Ajustamento da Criança (Mosmann, Wagner & Sarriera, 2008).

Já no estado de Manaus Fernandes e Gonçalves (2012) verificaram que o EP com mais incidência foi o indulgente tanto para os pais (33.10%), como para as mães (42.0%), seguido do Autoritativo (pais 32.0% vs mães 28.40%), do negligente (pais 23.4% vs mães 17.7%) e, por último, o autoritário (pais 11.50% 11.90%).

Um estudo desenvolvido na cidade de Porto Alegre no Brasil por Costa, Teixeira e Gomes (2000), com 378 adolescentes de ambos os sexos, com a finalidade de adaptar e validar a escala original de Lamborn (1991) para a população brasileira, possibilitou a avaliação das dimensões de responsividade e exigência da população em voga. Os resultados obtidos indicaram que, nessa região, o EP mais desempenhado pelos pais é o Autoritativo, com 36,7% da amostra, compreendendo 13,3% para pais autoritários, 14,5% pais indulgentes e 35,5% pais negligentes. Cabe ressaltar que foram manifestadas diferenças nas percepções relativamente aos Estilos Parentais em relação ao sexo dos filhos. As meninas percebiam níveis mais elevados de exigências e responsividade de (pais e mães) do que os rapazes.

A partir destes estudos, podemos perceber que o contexto cultural é um fator importante

para o entendimento da família e do desenvolvimento dos seus membros. Uma vez que, as crenças culturais estão presentes no dia-dia do sistema familiar e dos demais sistemas que interagem com a família.

De acordo com a literatura abordada e os dados das pesquisas apresentados, julga-se atual e pertinente a realização de um estudo comparativo entre culturas (Brasil-Portugal), com a finalidade de compreender a relação entre AC e EP's no Ajustamento da Criança, pois até o presente momento não houveram estudos que comparassem estas duas populações.

Desse modo, podemos dizer que embora, Portugal e Brasil sejam países lusófonos e o Brasil carregue uma herança cultural portuguesa. Cabe ressaltar que, o Brasil é um país de grandes dimensões territoriais e com uma diversidade cultural muito vasta. Isso faz com que ambos os países apresentem culturas distintas.

1.6 Problema, Pertinência e Objetivos

No âmbito dos estudos de família e parentalidade, os resultados dos estudos têm demonstrado associações entre a qualidade do relacionamento conjugal e a relação parental como preditores para o desenvolvimento infantil ajustado (Mosmann & Sarriera, 2008; Mosmann et al., 2018; Rocha, et al., 2015; Weber, et al., 2004).

Diante da revisão da literatura e alguns estudos apresentados, foi possível compreender que o AC e o EP adotado pelos pais possuem relações no Ajustamento da criança. Todavia, também foi percebido que a situação cultural da família é um fator importante, pois a forma como os pais interagem com seus filhos está de acordo com o que foi aprendido transgeracionalmente emergindo resultados diferentes segundo a cultura em que se inscrevem. Podemos considerar que, os contextos sociais podem influenciar a relação conjugal e conseqüentemente a relação pais-filho: Através de atitudes positivas que emergirá o ajustamento da criança ou atitudes negativas que provocará um desajustamento (Baumrind, 1966; Belsky, 1984; Bornstein, 1998; Pires, 2010).

Torna-se importante salientar que a relação conjugal que os pais vivenciam tem uma relação significativa no desenvolvimento dos filhos. Filhos expostos a situações conflituosas do casal tem a maior probabilidade de desenvolver menos capacidades de autorregulação de comportamento, sentimentos negativos e responderem insatisfatoriamente as situações de estresses em comparação com filhos que experienciam relações conjugais harmoniosas. Pais insatisfeitos

com a relação tendem a perceber os filhos de forma negativa, agindo menos paciente, mais desatento e não responsivo com os mesmos (Bornstein, 1998; Cruz, 2005; Mosmann, et al., 2018).

No Brasil, existem poucos estudos representativos devido a pluralidade de culturas no país, ao seu tamanho territorial e o fator populacional ser extenso. No entanto, alguns estudos referidos indicam que para cada região há uma prevalência de EP's adotados. Sendo assim, para o Norte do país o EP com maior incidência é o indulgente, para o Sudeste é o Negligente e para o Sul do país é o Autoritativo (Cid, Matsukura & Cia em 2015; Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Fernandes & Gonçalves, 2012). Em Portugal estudos prévios revelaram que os pais portugueses adotam maioritariamente o EP Autoritativo, tendo sido associado a resultados positivos no desenvolvimento infantil (Gonçalves & Simões, 2018; Pires, 2011; Pires & Paz, 2016).

Segundo os resultados encontrados na literatura e os estudos mencionados, pretendemos analisar a relação entre o AC e EP's no Ajustamento da Criança em um estudo comparativo Portugal – Brasil.

Considerou-se igualmente pertinente abordar a relevância do contexto cultural nesta pesquisa, pois acreditamos que o meio social que a família está inserida é relevante para a relação conjugal e parental exercendo uma possível relação no seu funcionamento. Neste sentido, embora Brasil e Portugal compartilhem o mesmo idioma, são países com culturas distintas que evoluíram historicamente construindo identidades próprias e respetivos valores culturais. Até à data não encontramos estudos que abordem o AC, EP e o Ajustamento da Criança, no Brasil, em Portugal ou comparando os dois países considerados “irmãos”.

De acordo com a revisão da literatura colocamos a seguinte questão de investigação: - Qual a relação entre Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais para o Ajustamento da Criança em Portugal e no Brasil?

Considerando a pertinência citada anteriormente, o presente estudo tem o objetivo geral de avaliar a relação entre duas variáveis AC e EP's e o Ajustamento da Criança. Serão, assim, exploradas numa amostra de pais brasileiros e pais portugueses que estejam a vivenciar um relacionamento conjugal estável e com filho dessa união. Assim como, averiguar as diferenças entre esses dois contextos culturais de língua portuguesa: Brasil e Portugal.

Em termos gerais, este estudo destina-se a conhecer os EP's adotados nos dois países de

estudo em relação com o AC e suas consequências para o desenvolvimento infantil; contribuir para os estudos que abarcam o AC, EP's e Ajustamento da Criança no contexto cultural Brasil e Portugal e colaborar para futuras pesquisas e discussões teóricas acerca dessas variáveis em torno do relativismo cultural.

De acordo com os objetivos gerais delimitamos os seguintes objetivos específicos de investigação:

- Analisar a associação entre a percepção de AC e os EP's e o Ajustamento da Criança;
- Analisar os efeitos de outras variáveis como: idade dos pais, idade da criança, sexo dos pais e sexo da criança;
- Comparar o valor dos dois grupos de pais nas duas culturas Brasil-Portugal.

Capítulo II

Metodología

2.1 Delineamento do estudo

O presente estudo visa aprofundar, compreender e analisar a associação entre o AC, EP's no Ajustamento da Criança em duas amostras: de pais brasileiros e portugueses. Trata-se de um estudo de metodologia quantitativa, observacional, não experimental e de corte transversal, isto é, os dados são recolhidos em um único momento. Realizado segundo o paradigma pós-positivista, que se caracteriza por admitir que embora que o mundo exterior seja regido por leis causais, existem tolerâncias significativas, acreditando-se na impossibilidade do conhecimento integral em consequência das diversas limitações humanas, ou seja, sensoriais e intelectuais, que requer do investigador um olhar crítico perante aos dados de investigação. Nesse sentido, admite-se a interação entre o objeto de investigação e investigador, assim como, a investigação de forma neutra, uma vez que, se faz necessário o uso de fontes de estudos, teorias, métodos. Na metodologia quantitativa os fenómenos são controlados, através das hipóteses, havendo a necessidade de formulação de hipóteses e variáveis de estudos (Coutinho, 2014; Guba & Lincoln, 1994).

Este estudo é realizado na perspectiva observacional-descritiva sem manipulação das variáveis e sem interferência por parte do pesquisador. As recolhas dos dados são feitas através de instrumentos quantitativos de autorrelato respondidos online em um único momento, fornecendo as informações necessárias para a pesquisa, a realização dos fenómenos e efetuado e a análise das relações entre as variáveis do estudo. E por fim, trata-se de um estudo comparativo entre grupos, pois configura-se de duas amostras de pais (Brasil-Portugal), com a finalidade de compara-los e analisar possíveis semelhanças vs diferenças existentes entre os grupos de cultura lusófona, mas culturalmente distintos. (Almeida & Freire, 2008; Carmo & Ferreira, 2008; Coutinho, 2014; Ribeiro, 1999). Na figura 2, apresentamos o modelo correlacional que pretendemos testar e verificar nos dois grupos de participantes, Brasil de Portugal.

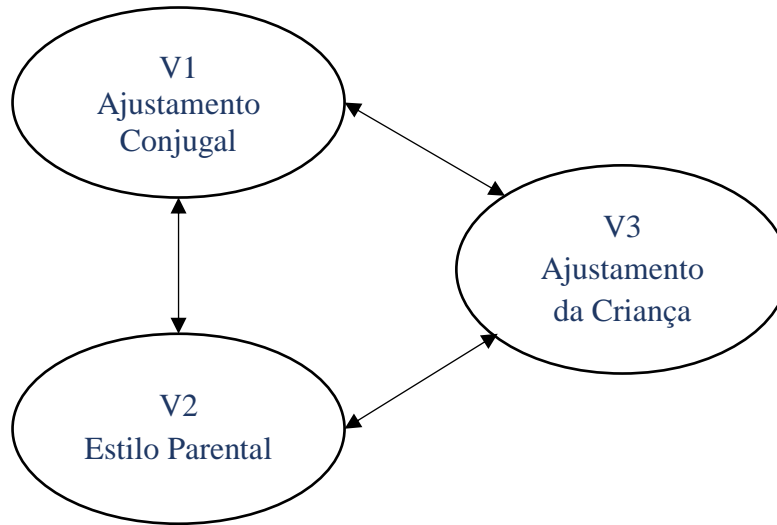


Figura 2. Modelo Correlacional de Estudo nos dois Grupos de Participantes (Portugal-Brasil)
 V1 - variável I (AC), V2 - variável II (EAP); V3 - variável III (Ajustamento da Criança).

2.1.1 Hipóteses e Operacionalização das variáveis.

De acordo com os estudos aferidos nesta pesquisa, cuja a síntese foi apresentada no capítulo I, tencionamos responder ao problema de investigação através das testagens das seguintes hipóteses:

H1 – Os EP’s estão correlacionados com o AC.

H2 – O nível de AC correlaciona-se positivamente com o maior Ajustamento da Criança e negativamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança.

H3 – Os EP’s Autoritário e Permissivo correlacionam-se positivamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança, o EP Autoritativo correlaciona-se positivamente com as dimensões positivas do Ajustamento da criança, e negativamente com as dimensões negativas.

H4 – Pais e mães brasileiros e portugueses não apresentam níveis diferentes de AC.

H5 – Pais brasileiros e portugueses apresentam diferenças nos EP’s adotados.

H6 – Crianças brasileiras e portuguesa não apresentam diferenças no Ajustamento da Criança.

H7 – O sexo e a idade da criança e dos dos pais exercem um efeito nos EP’s adotados.

H8 - O sexo e a idade da criança exercem um efeito no Ajustamento da Criança.

De acordo com Carmo e Ferreira (2008), podemos classificar como variáveis todas as características que variam em um estudo, assim sendo, existem diferentes tipos de variáveis em uma pesquisa, embora de acordo com os autores não seja possível estudar todas as variáveis intervenientes em uma investigação.

No presente estudo, consideramos três tipos de variáveis: as variáveis independentes de critério, ou seja, as variáveis sociodemográficas dos pais que são caracterizadas por se relacionarem com a variável I que diz respeito os AC e a variável II os EPs. Ambas são variáveis centrais da investigação e podem gerar efeitos no fenómeno observado, ou seja, na variável III Ajustamento da criança (sintomas internalizados e externalizados). No presente estudo apenas analisaremos as relações entre as variáveis e possíveis diferenças entre os grupos provenientes do Brasil e de Portugal. Por fim, a variável de controle que se refere a idade da criança, sexo e comparação cultural Brasil-Portugal.

Não obstante, cabe ressaltar que todas as variáveis podem ser modificadas de acordo com o desenho do estudo, logo, as variáveis estão de acordo com a formulação do problema e o desenho da pesquisa (Carmo & Ferreira, 2008; Ribeiro, 1999).

O levantamento das variáveis, isto é, características pré-existentes na amostra, foram realizadas mediante as respostas aos questionários de autorrelato disponibilizados online.

Tabela 1.

Variáveis, tipos de variáveis e instrumentos.

Variáveis	Tipos de Variáveis	Instrumentos
Sexo dos pais	Independente de Critério Dicotómica	Sociodemográfico – 14 questões
Sexo da criança	Controle Dicotómica	Sociodemográfico
Comparação Cultural	VI Dicotómica	Sociodemográfico
AC	Variável I Intervalar Escala de tipo Likert	DAS <i>Dyadic Adjustment Scale</i>
EAP	Variável II Intervalar Escala de Likert de 5 pontos	PAQ-P <i>Parental Authority Questionnaire</i> para Pais
Ajustamento da Criança	Variável III Intervalar Escala de Likert de 3 pontos	SDQ <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i>

2.2 Participantes

Para o presente estudo utilizou-se uma amostra não probabilística, tendo os dados sido recolhidos através de um questionário online disponibilizado mediante a plataforma LimeSurvey. Os questionários online foram divulgados através de email, redes sociais e *blogs*. Estabelecemos como critérios de inclusão o estado civil ou situação marital (casados ou em união de fato) e o número de filhos (1 ou mais).

Foi recolhida uma amostra não probabilística (em bola de neve) de 286 participantes, a maioria do sexo feminino (72%), casados (51%), com elevado nível de escolaridade 76.9% e com emprego a tempo completo (54.9%), com idades compreendidas entre os 24 e os 71 anos ($M = 38.3$; $DP = 8$). As amostras brasileiras e portuguesa são equivalentes em termos de sexo, estado civil e situação laboral. A amostra portuguesa era significativamente mais velha (40.2 vs 36.7 anos; [$t_{(281)} = -3.741, p = .001$], e na amostra brasileira havia uma proporção significativamente mais elevada de sujeitos com o bacharelato (26.3% vs 12.3%; [$\chi^2_{(4)} = 9.584, p = .048$]).

Tabela 2.
Características Sociodemográficas dos pais (N= 286).

		Total (N = 286)	Brasil (n = 156)	Portugal (n = 130)	
		n (%)	n (%)	n (%)	Sig.
Sexo	Feminino	206 (72)	119 (76.3)	87 (66.9)	.087
	Masculino	80 (28)	37 (23.7)	43 (33.1)	
Estado civil	Casado	146 (51.0)	71 (45.5)	75 (57.7)	.109
	União de fato	122 (42.7)	75 (48.1)	47 (36.2)	
	Divorciado	18 (6.3)	10 (6.4)	8 (6.2)	
Escolaridade	12º ano	66 (23.1)	34 (21.8)	32 (24.6)	.048*
	Bacharelato	57 (19.9)	41 (26.3)	16 (12.3)	
	Licenciatura	98 (34.3)	51 (32.7)	47 (36.2)	
	Mestrado	50 (17.5)	24 (15.4)	26 (20.0)	
Situação laboral	Doutoramento	15 (5.2)	6 (3.8)	9 (6.9)	.065
	Desempregado	32 (11.2)	23 (14.7)	9 (6.9)	
	Emp. Tempo completo	157 (54.9)	77 (49.4)	80 (61.5)	
	Emp. Tempo parcial	12 (4.2)	8 (5.1)	4 (3.1)	
	Profissional liberal	40 (14.0)	26 (16.7)	14 (10.8)	
	Outros	45 (15.7)	22 (14.1)	23 (17.7)	
Idade <i>M (DP)</i>		38.3 (8.0)	36.7 (6.9)	40.2 (8.8)	.001***

Nota: * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

No que se refere aos filhos, a média de idades é de 8 anos ($DP = 4$), variando entre um mínimo de 1 anos e um máximo de 17 anos. A maioria era do sexo masculino (51%) e frequentava o jardim de infância (15.4%). Os filhos únicos representavam quase metade da amostra (48.1%).

As amostras portuguesa e brasileira são equivalentes em termos de sexo, idade e número de irmãos. Em termos de escolaridade, havia uma proporção significativamente mais elevada de crianças com o 4º e 5º na amostra brasileira e de crianças com o 7º ou 9º ano na amostra portuguesa, [$\chi^2(10) = 58.981, p = .001$].

Tabela 3.
Características Sociodemográficas dos Filhos (N= 286).

		Total n (%)	Brasil n (%)	Portugal n (%)	Sig.
Sexo	Feminino	140 (49.0)	76 (48.7)	64 (49.2)	1.000
	Masculino	146 (51.0)	80 (51.3)	66 (50.8)	
Escolaridade	Creche	35 (12.2)	21 (13.5)	14 (10.8)	.001***
	Jardim de Infância	44 (15.4)	20 (12.8)	24 (18.5)	
	1º ano	34 (11.9)	16 (10.3)	18 (13.8)	
	2º ano	4 (1.4)	1 (0.6)	3 (2.3)	
	3º ano	10 (3.5)	5 (3.2)	5 (3.8)	
	4º ano	30 (10.5)	24 (15.4)	6 (4.6)	
	5º ano	42 (14.7)	37 (23.7)	5 (3.8)	
	6º ano	34 (11.9)	20 (12.8)	14 (10.8)	
	7º ano	18 (6.3)	2 (1.3)	16 (12.3)	
	8º ano	2 (0.7)	2 (1.3)	0 (0.0)	
Nº de irmãos	9º ano	33 (11.5)	8 (5.1)	25 (19.2)	.275
	0	136 (48.1)	81 (52.6)	55 (42.6)	
	1	99 (35.0)	53 (34.4)	46 (35.7)	
	2	31 (11.0)	14 (9.1)	17 (13.2)	
	3	12 (4.2)	4 (2.6)	8 (6.2)	
Idade <i>M (DP)</i>	4	5 (1.8)	2 (1.3)	3 (2.3)	.606
		8.0 (4.0)	7.9 (3.6)	8.1 (4.4)	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

2.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo encontram-se validados para a população brasileira e portuguesa, com exceção do Questionário de EP's – Pais (PAQ-P), que encontra-se validado somente para a população portuguesa. Todavia, o instrumento apresenta boas capacidades psicométricas e aspetos indispensáveis na perceção dos EP's adotados pelos pais.

Para este estudo recorreremos aos instrumentos: Escala de Ajustamento Diádico (DAS), que avalia o AC; Questionário de EP's – Pais (PAQ-P) que se destina avaliar os EAP; Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) que avalia o nível de Ajustamento da Criança através de sintomas emocionais e comportamentais e o Questionário Sociodemográfico para a recolha de

dados pertinentes a pesquisas. Todos os instrumentos são de autorrelato, e respondidos online pelos pais.

Os instrumentos foram aplicados na versão online através da plataforma *Lime Survey* nos dois países de estudo, Brasil e Portugal, respeitando as respectivas validações culturais.

2.3.1 Questionário Sociodemográfico.

O questionário Sociodemográfico (Anexo 2), é um instrumento que possibilita a recolha de dados pessoas pertinentes a pesquisa. Tendo como objetivo, a especificação da amostra através de perguntas relevantes, facilitando a caracterização dos participantes. Neste estudo, o questionário Sociodemográfico apresenta-se de forma anônima e foi constituído por 14 perguntas que abrangem: (Dados do respondente, Dados relativos a criança e Situação familiar).

2.3.2 Escala de Ajustamento Diádico (DAS).

O instrumento de *Dyadic Adjustment Scale*, (Anexo 3), foi desenvolvido nos EUA, com o objetivo de avaliar a qualidade do AC entre casais casados e não casados, e também como a relação conjugal pode afetar os demais subsistemas da vida familiar, como por exemplo a qualidade de vida dos filhos (Spanier, 1976).

O instrumento é composto por 32 itens dividido em quatro subescalas: (1) Consenso diádico que abrange a concordância do casal em situações como, financeira, recreativa, religiosidade, relações sociais, filosofia de vida, relacionamentos familiares, metas e objetivos, cooperatividade em tarefas domésticas, tomadas de decisões como carreira profissional; (2) Satisfação diádica concerne a dimensão do bem-estar do relacionamento, confiança, expressão de carinho, compromisso do casal com a união, examina a possibilidade de divórcio/separação, da saída de casa, arrependimento; (3) Coesão diádica que diz respeito aos espectros da interação e compartilhamento emocional do casal, assim como mede as percepções individuais que cada um possuiu referente ao outro, ao trabalho em conjunto, interesses externos; (4) Expressão de afeto que mede as questões relacionadas a busca, presença, ausência e recusa de afetos e relações sexuais (Gomez e Leal, 2008; Hernandez, 2008; Spanier, 1976). Neste sentido, os itens de 1 à 15 possuem 6 opções de respostas que variam na versão brasileira (Concordamos sempre, Concordamos na maioria do tempo, Discordamos ocasionalmente, Discordamos frequentemente, Discordamos na maioria do tempo, Discordamos sempre). Na versão portuguesa (Sempre de acordo, Quase sempre

de acordo, Ocasionalmente de acordo, Frequentemente em desacordo, Quase sempre em desacordo, Sempre em desacordo), sendo contados de 0 à 5. Os itens de 16 a 22 possuem 6 opções de respostas que variam na versão brasileira (Todo tempo, Na maioria do tempo, Mais frequente do que não, Ocasionalmente, Raramente, Nunca) para a versão portuguesa é variado em (Sempre, Quase sempre, Frequentemente, Ocasionalmente, Raramente, Nunca) e são cotados de 1 a 6. Os itens 23 e 24 apresentam 5 opções de resposta que variam e são cotados de 1 a 5. O item 23 na versão brasileira corresponde (Todos os dias, Na maioria dos dias, Ocasionalmente, Raramente, Nunca), na versão portuguesa corresponde (Todos os dias, Quase todos os dias, Às vezes, Raramente, Nunca). O item 24 na versão brasileira corresponde (Todas elas, Na maioria delas, Algumas delas, Poucas delas, Nenhuma delas), na versão portuguesa (Todos, A maioria, Alguns, Muito Pouco, Nenhum). Os itens 25 à 28 apresentam 6 opções de respostas que variam na versão brasileira entre (Nunca, Menos do que uma vez por mês, Algumas vezes por mês, Algumas vezes por semana, Uma vez ao dia, Mais frequente) na versão portuguesa variam em (Nunca, Menos do que uma vez por mês, Uma ou duas vezes por mês, Uma vez por dia, Mais do que uma vez por dia) e são cotados de 1 à 6. Os itens 39 e 30 apresentam como resposta opções de Sim cotado a 0 e o Não cotado 1 na versão brasileira e portuguesa. O item 31 é composto por uma régua de avaliação e percepção conjugal, na versão brasileira apresenta-se: (Extremamente infeliz, Razoavelmente infeliz, Um pouco Infeliz, Feliz, Muito feliz, Extremamente Feliz, Perfeito) na versão portuguesa (Extremamente infeliz, Muito infeliz, infeliz, Feliz, Muito feliz, Extremamente feliz, Perfeita) e a cotação corresponde a 0 Extremamente Infeliz à 6 Perfeito. O item 32 apresenta 6 opções de resposta para marcar um X para a versão brasileira e portuguesa, sendo cotado de 1 à 6 (Gomez e Leal, 2008; Hernandez, 2008).

Contudo, o escore total da escala pode oscilar de 0 a 151 pontos e é atingido pelo somatório dos escores nas quatro subescalas: consenso diádico (0 a 65), satisfação diádica (0 a 50), coesão diádica (0 a 24) e expressão de afeto (0 a 12), no entanto alguns itens possuem opções positivas e negativas e os escores são invertidos antes do cálculo da pontuação. Sendo assim, indivíduos que atingirem 101 pontos ou menos são considerados como desajustados ou infelizes no relacionamento e os indivíduos que atingem 102 ou mais pontos são considerados como ajustados em todas as versões do DAS (Spainer, 1976).

O DAS é uma escala conhecida e aplicada mundialmente com adaptações para diferentes países e culturas incluindo Brasil e Portugal. A escala é uma medida de avaliação com maior

solidez a nível global devido a sua congruência na avaliação das relações através das suas quatro subescalas interpessoais que abrangem áreas fundamentais do relacionamento (Perlin, Diniz, 2005; Scorsolini-Comin, Santos, 2012).

2.3.3 Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P).

O Questionário de EP's para Pais (Anexo 4), é uma adaptação do instrumento *Parental Authority Questionnaire* (PAQ), elaborado por Buri em 1991 nos EUA. O instrumento é baseado nos estudos desenvolvido por Diana Baumrind sobre os EP's (permissivo, autoritário e autoritativo) e permite avaliar a maneira como os pais se relacionam com os filhos (crianças e adolescentes) através do EP adotado (Buri, 1991). O instrumento original era inicialmente composto por 48 itens e posteriormente reduzido para 36 itens e em seguida reduzido para 30 itens, que consiste em três subescalas de 10 itens cada, abrangendo os três EP's (Boeckel & Sarriera, 2005; Buri, 1991).

O PAQ-P é um instrumento que facilita a perceção dos EP's adotados pelo os pais, acerca do relacionamento com os filhos. O seu objetivo é acrescentar a perceção dos próprios pais quantos aos seus EP's. Ao ser uma adaptação do PAQ, permite assim um heterorrelato e a comparação dos Estilos adotados nas díades mãe-pai ou mãe-filho(a) pai-filho(a) (Pires, 2011).

Em Portugal, o PAQ-P foi validado e adaptado para a população por Pires em 2011, apresentando as mesmas características da versão original, mas com a facilidade de ser um questionário de autorrelato, ou seja, o instrumento possuiu uma adequação para a perspetiva dos pais (Pires, 2011). O instrumento tem a estrutura semelhante a versão original de 30 itens, correspondente a 10 itens por EP, as respostas são obtidas através da escala tipo Likert de 5 pontos: (1) Discordo totalmente, (2) Discordo, (3) Não concordo e nem discordo, (4) Concordo, (5) Concordo totalmente. Os resultados variam entre 10 (valor mínimo) e 50 (valor máximo) e o resultado mais alto demonstra a predominância do EP adotado pelo pais. (Pires, 2011; Pires & Paz, 2016).

No Brasil, a versão do Questionário de EP's para Pais (PAQ-P), não foi validada e adaptada para a população. No entanto, será aplicado na mesma devido os resultados indicarem boa confiabilidade, revelando que os dados psicométricos estão dentro do considerado ideais e devido a semelhança dos EP's adotados por pais em diferentes culturas (Pires, et al., 2010).

2.3.4 Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).

O instrumento *Strengths and Difficulties Questionnaire* (Anexo 5), foi desenvolvido e validado no Reino Unido por Robert Goodman em 1997 com o propósito de avaliar sintomas psicopatológicos em crianças e adolescentes com dificuldades comportamentais, emocionais, de relacionamentos interpessoais e problemas de condutas, baseado nos seis últimos meses. O instrumento facilita o conhecimento da percepção dos pais e professores sobre o desenvolvimento socio-emocional da criança (Goodman, 1997).

O SDQ é um instrumento de livre acesso, disponível na internet através do site O questionário é destinado a crianças e adolescentes com idade compreendida de 2 à 17 anos. Possuindo três versões para o seu uso, versão para pais e professores de crianças de 2 aos 4 anos, a versão para pais e professores de crianças e adolescentes dos 4 aos 17 anos, e outra versão de autorrelato para pré-adolescentes e adolescentes dos 11 aos 17 anos. O SDQ também possui outras duas versões, sendo elas, de suplemento de impacto que pode ser usado para mais esclarecimentos do diagnóstico quando necessário e a versão de acompanhamento para profissionais que atendem a criança e o adolescente. O *Site* do SDQ possibilita a pontuação e a construção de relatórios online e um método de pontuação manual (Goodman, 1997).

O instrumento é caracterizado por 25 itens com escala tipo Likert de três pontos, compostos por 10 itens relacionados a capacidade, 14 itens sobre dificuldades e 1 item neutro que se refere a relação com o adulto. O questionário é dividido em 5 subescalas de 5 itens que se referem a (1) Escala de sintomas emocionais, (2) Escala de problemas de conduta, (3) Escala de hiperatividade, (4) Escala de problemas de relacionamento com os colegas e (5) Escala de comportamento pró-social. Os escores das subescalas de hiperatividade, sintomas emocionais, problemas de conduta e problemas de relacionamento com os colegas são somados para constituir um total que pode variar de 0 a 40. Permitindo o cálculo total de dificuldades (20 itens). Cada item deve ser marcado como: 0 ou 2 pontos para opção “Falso”, 1 ponto para a opção “Mais ou menos verdadeiro” e 0 ou 2 pontos para opção “Verdadeiro” na tradução para o português do Brasil e na versão portuguesa os itens devem ser marcados como: 0 ou 2 para a opção “Não é verdade”, 1 ponto para a opção “É um pouco verdade” e 0 ou 2 pontos para a opção “É muito verdade”. A subescala de comportamento pró-social não é incluída no somatório, pois o problema no comportamento pró-social se diferencia conceitualmente de presença de dificuldades psicológicas. No que corresponde

aos resultados, pode ser interpretado a partir dos somatórios como normais, limítrofes e anormais em todas as versões (Abreu-Lima, et al. 2010; Goodman, 1997; Seabra-Santos et al., 2013).

No Brasil, o questionário foi validado por Fleitlich, Cortazar e Goodman em 2000, respeitando todas as normas de tradução e adaptação para a população brasileira. O estudo de fidedignidade desenvolvido no Brasil com uma amostra clínica, foram obtidos valores de Alfa de Cronbach nas três versões (pais, professores e autorrelato), próximos a .80 para *score* total de dificuldades. Sendo assim, foi demonstrado que o instrumento apresentou propriedades psicométricas satisfatórias para esta população (Saur & Loureiro, 2012; Stivanin, Scheuer & Assumpção, 2008).

Em Portugal, o questionário foi validado e adaptado para a população por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar em 2005, no entanto, não foram publicadas as normas que existem para as versões de pais e professores, embora tenha sido utilizado com crianças em idade pré-escolar e crianças e adolescentes em fase escolar em amostras clínicas e não clínicas (Seabra-Santos et al., 2013).

Na versão para pais foram encontrados valores de consistência interna inferiores a .60, ou seja, .59 para escala de problemas de comportamento com os colegas. No entanto, em outras escalas foram apresentados valores diferentes ou superiores a .70, como seria estatisticamente esperado. Neste sentido, valores superiores ou semelhantes a .60 são aceitáveis, visto que, cada escala apresenta apenas 5 itens. Contudo, para a escala total de dificuldades, foram apresentados valores superiores a .70. Na versão para professores os valores de consistência interna variam entre .65 e .85 (Abreu-Lima, et al., 2010; Seabra-Santos et al., 2013).

Embora nos estudos de validação não tenham publicado os valores exatos das subescalas (Sintomas Emocionais, Problemas de Conduta, Hiperatividade, Problemas de Relacionamento e Comportamento Pró-social) e os valores totais, os autores responsáveis pela validação mencionaram em seus artigos que os resultados obtidos foram satisfatórios para a população de estudo. Assim sendo, outros estudos desenvolvidos na Europa e nos EUA também utilizaram-se do instrumento, obtendo da mesma forma resultados satisfatórios (Abreu-Lima, et al., 2010).

Tabela 4.

Valores de Consistência Interna das Medidas.

		Original	Brasil	Portugal	Estudo		
		Spanier (1976)	Hernandez (2008)	Gomez e Leal (2008)	Brasil α	Portugal α	T/ M / P
DAS	Consenso Diádico	.90	.86	.85	.95/.95/.90	.97/.98/.97	
	Satisfação Diádica	.94	.86	.83	.93/.94/.88	.95/.95/.94	
	Coesão Diádica	.86	.76	.72	.84/.82/.87	.88/.88/.85	
	Expressão de Afeto	.73	.62	.65	.69/.68/.68	.68/.67/.71	
		Buri (1991)	Não validado	Pires (2011)			
		M / P		T/ M / P	T/ M / P	T/ M / P	
PAQ-P	EP Permissivo	.75 / .74		.71/.69/.61	.87/.82/.91	.85/.84/.87	
	EP Autoritário	.85 / .87		.78/.47/.61	.93/.93/.94	.94/.94/.94	
	EP Autoritativo	.82 / .85		.80/.69/.61	.86/.87/.84	.85/.81/.89	
		Goodman (1997)	Fleitlich, et al. (2000)	Fleitlich, et al. (2005)	T/ M/ P/	T/ M/ P/	
SDQ	Sintomas Emocionais				.81/.80/.84	.69/.71/.64	
	Problemas de Conduta Hiperativa				.78/.83/.37	.67/.70/.56	
	Problemas de Relacionamento				.77/.80/.62	.68/.73/.55	
	Problemas de Relacionamento Pró-social				.74/.76/.83	.62/.69/.76	
					.90/.90/.88	.85/.86/.84	

Nota. Valores de consistência interna Alfa de Cronbach (α). Os valores da subescala Expressão de Afeto referente ao instrumento DAS foi retirado do estudo devido aos valores de consistência interna ter sido baix para os padrões aceitáveis. Os valores totais de Alfa de Cronbach do instrumento PAQ não foram apresentados pelo autor (Buri, 1991). Os valores de Alfa de Cronbach do instrumento SDQ original e as suas adaptações para o Brasil e Portugal não foram revelados, contudo dizem apenas que os instrumentos possuem boa consistência interna (Goodman, 1997; Fleitlich et al., 2000; Fleitlich et al., 2005).

2.4 Procedimentos

O presente estudo iniciou-se com uma reunião com a orientadora, onde foram discutidos e traçados os objetivos gerais do projeto para o delineamento do estudo em questão. Após o consentimento da orientadora o projeto foi submetido à Comissão de Ética da Universidade Autónoma de Lisboa, constituído por peritos de diferentes áreas, obtendo assim, um parecer favorável por parte da mesma.

De forma a tornar possível as utilizações dos instrumentos na pesquisa, foram solicitados os consentimentos formais via correio eletrónico aos responsáveis pela tradução, adaptação e validação à população brasileira e portuguesa, onde foram obtidas as autorizações para a utilização dos instrumentos na versão online. De acordo com as normas do questionário *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ), tornou-se necessário a compra do instrumento, devido o seu uso online ser cobrado uma taxa para a utilização do mesmo. No entanto, a versão impressa é gratuita e disponibilizada pelo site (<http://www.sdqinfo.com>) em mais de 40 países e idiomas, incluindo o português do Brasil e o português de Portugal.

Após os consentimentos positivos foi gerado um questionário na versão online (digitados e inseridos todos os instrumentos) para os dois países pela plataforma *LymeSurvey*, que é o utilizador padrão da Universidade, respeitando todas as normas de adaptação para as populações em voga.

As divulgações dos *links* e recolha de dados para a participação dos pais nos dois contextos (Brasil e Portugal), foram realizadas por e-mail, e através das plataformas e de redes sociais e media (ex. *Blogs* para pais). Optámos pela recolha de dados *online* com o objetivo da obtenção de um maior número de participantes na pesquisa em ambos os países dentro de um intervalo temporal aceitável.

Foram apresentados aos pais no início dos questionários as devidas explicações acerca do tema em questão, a sua relevância, os procedimentos para responde-los e que tratava-se de um questionário online e individual.

Todavia, foi deixado explícito que os mesmos poderiam a qualquer momento desistir da participação na pesquisa, assim como, a garantia do anonimato e confidencialidade, dado que, os questionários não possuíam qualquer campo de identificação e sobre tudo, foi ressaltado que a participação era voluntária conforme o (Anexo 1). Por fim, foi disponibilizado um e-mail pessoal para contacto caso houvessem eventuais dúvidas e esclarecimentos, bem como, alguma questão relevante. Assim sendo, foi dado início à aplicação do protocolo e recolha de dados, que ocorreu nos meses de junho à outubro de 2018.

No decorrer deste estudo, os princípios éticos foram drasticamente respeitados assegurando que a privacidade e confidencialidade dos dados dos participantes fossem inteiramente respeitados.

Nessa lógica, os dados recolhidos através da plataforma online são anónimos e confidenciais, ficando apenas disponíveis as respostas às questões do formulário online.

Após a defesa da investigação serão informados e divulgados os resultados obtidos no presente estudo, através dos mesmos meios de comunicação utilizadas para a divulgação e adesão à participação no estudo.

2.4.1 Procedimentos de Análise de Dados.

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $p < 0.05$. Na estatística inferencial usaram-se os testes do Qui-quadrado de independência, o teste de Fisher, o coeficiente de correlação de Pearson (r) e o teste t de Student para amostras independentes. O pressuposto do Qui-quadrado de que não deve haver mais do que 20.0% das células com frequências esperadas inferiores a 5 foi analisado. Nas situações em que este pressuposto não estava satisfeito usou-se o teste do Qui-quadrado por simulação de Monte Carlo. As diferenças foram analisadas com o apoio dos resíduos ajustados estandardizados. Nas amostras com dimensão superior a 30 aceitou-se a normalidade de distribuição de acordo com o teorema do limite central.

Quando a homogeneidade de variâncias não se encontrava satisfeita usou-se o teste t de Student com a correção de Welch e a ANOVA que possibilitaram a comparação de médias entre grupos, facilitando a perceção se existem diferenças ou semelhanças nos dois grupos de amostra. Utilizou-se também o modelo de regressão linear múltipla. Os pressupostos da regressão linear múltipla, designadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (análise gráfica), independência de resíduos (teste de Durbin-Watson), normalidade dos resíduos (teste de Kolmogorov-Smirnov), multicolinearidade (VIF e Tolerance) e homogeneidade de variâncias (análise gráfica) foram analisados e encontravam-se genericamente satisfeitos. As variáveis qualitativas (sexo) foram transformadas em variáveis Dummy.

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 25.0 para Windows (IBM, Inc.).

Capítulo III

Resultados

3.1 Estatística descritiva e Correlações entre as Variáveis

Os dados obtidos nesse estudo foram previamente sujeitos a limpezas e correções, assim como, foram eliminados os participantes que apresentaram dados em falta, com o objetivo de diminuir o enviesamento dos resultados. Os dados foram tratados através de uma base de dados criada em um programa no SPSS que nos permitiu aferir as médias de cada subescala e compará-las. Em seguida descrevemos os resultados em forma de textos, tabelas, gráficos e imagens estatísticas comparando os resultados obtidos das amostras brasileira e portuguesa. Através da testagem de cada variável utilizada sucederam a abordagem dos resultados em relação com o objetivo da pesquisa.

Deste modo, compreendemos a percepção de cada participante em relação s variáveis em questão, e conseguimos perceber que os resultados apresentaram-se semelhantes com algumas exceções nas duas amostras de estudos Brasil – Portugal, no qual poderemos verificar a seguir.

3.2 Descritivas dos instrumentos

Na tabela 5 e figura 3 evidenciamos os valores obtidos pelos sujeitos nas dimensões do AC para a amostra geral. A variabilidade do ajustamento é mais elevada na dimensão do Consenso e mais baixa na dimensão da Coesão para a amostra geral.

Tabela 5.

Estatística Descritiva da Medida de Ajustamento Conjugal (DAS).

Escalas	<i>Mín</i>	<i>Máx</i>	<i>Med</i>	<i>Mod</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Consenso Diádico	.00	65.00	52.50	65.00	50.56	12.18
Satisfação Diádica	.00	42.00	34.00	36.00	31.93	8.06
Coesão Diádica	.00	24.00	11.00	12.00	10.72	5.65

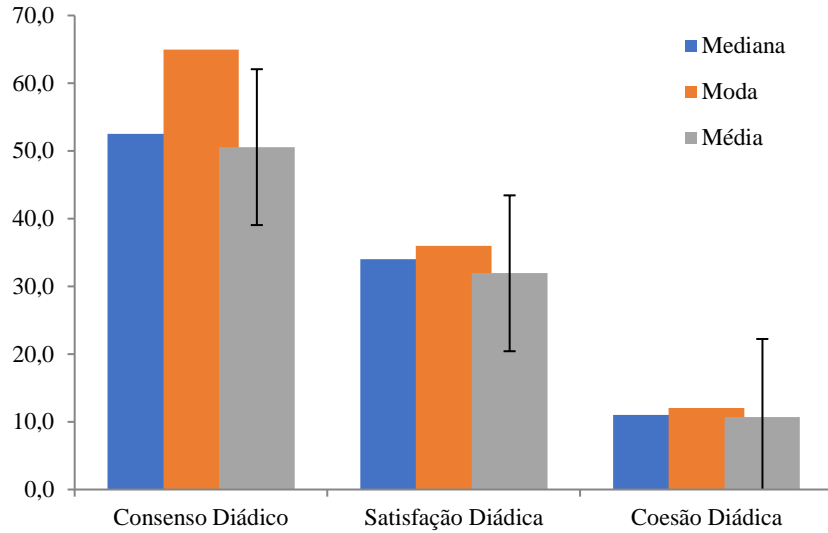


Figura 3. Valores descritivos do Ajustamento Conjugal (DAS).

Na tabela 6 e figura 4 podemos apreciar os valores das estatísticas descritivas dos EP's. Nela apresentamos os valores mínimos e máximos, médias, modas, medianas e desvios padrão. A maior variabilidade encontra-se no estilo Autoritário e a menor no estilo Autoritativo para a amostra geral.

Tabela 6.

Valores Descritivos da Medida de Estilos Parentais (PAQ-P).

Escalas	Min	Máx	Med	Mo	M	DP
Estilo Autoritário	10.00	50.00	25.00	21.00	26.81	10.87
Estilo Autoritativo	20.00	50.00	43.00	50.00	42.84	5.91
Estilo Permissivo	10.00	50.00	20.00	14.00	21.04	8.21

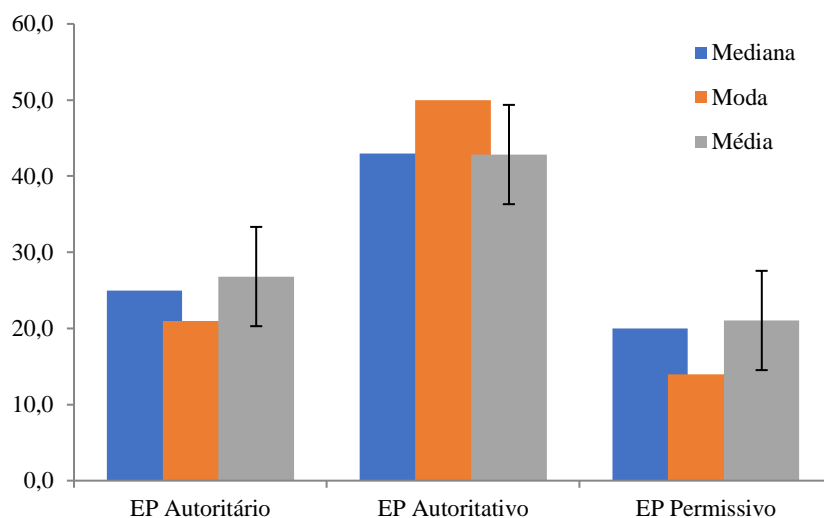


Figura 4. Valores descritivos dos EP's (PAQ-P)

Na tabela 7 e figura 5 podemos apreciar os valores obtidos nas dimensões do Ajustamento da Criança. A maior variabilidade encontra-se no Comportamento Pró-social e a menor Problemas de Conduta para a amostra geral.

Tabela 7.

Estatística descritiva da medida de Ajustamento da Criança (SDQ).

Escalas	Mín	Máx	Med	Mo	M	DP
Sintomas Emocionais	5.00	15.00	7.00	5.00	7.96	2.55
Problemas de Conduta	4.00	13.00	5.00	5.00	6.20	1.94
Hiperactividade	3.00	12.50	6.00	5.00	6.23	2.22
Problemas de Relacionamento	3.00	15.00	5.00	5.00	5.82	2.13
Comportamento Pró-social	5.00	15.00	11.25	15.00	11.50	2.95

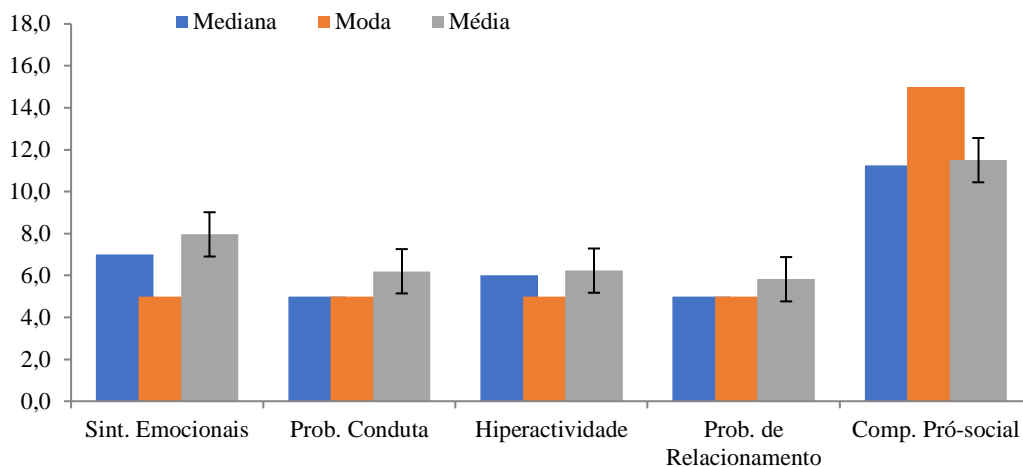


Figura 5. Valores descritivos do Ajustamento da Criança (SDQ)

3.2.1 Ajustamento Conjugal e Estilos Parentais.

H1 – Os Estilos Parentais estão correlacionados com o Ajustamento do Conjugal.

A fim de testarmos a primeira hipótese (H1 – Os EP's estão correlacionados com o AC), recorreremos à correlação paramétrica de Pearson. Na amostra geral o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com o AC. Para as mães, os EP's autoritativo e autoritário correlacionam-se de forma significativa positiva e negativa, respetivamente, com as dimensões do AC. Já para os pais, as correlações significativas surgem entre todas as dimensões do DAS e o EP autoritativo, correlacionando-se o consenso diádico com todos os EP's. A correlação com o valor mais elevado ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Consenso ($r = -.373, p = .001$).

O EP Autoritativo correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca, muito fraca ou moderada com o AC. A correlação mais elevada ocorre, no sexo masculino, com a dimensão Consenso ($r = .555, p = .001$). O EP Permissivo correlaciona-se de forma significativa, negativa e muito fraca, no sexo masculino, com a dimensão Consenso ($r = -.253, p = .05$). Sendo assim, confirma-se parcialmente a hipótese enunciada.

Tabela 8.

Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal – Amostra Geral (N = 286).

AC	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Mães (n = 206)			
Consenso Diádico	-.373***	.261***	-.063
Satisfação Diádica	-.301***	.240***	-.101
Coesão Diádica	-.351***	.227***	-.016
Pais (n = 80)			
Consenso Diádico	-.230*	.555***	-.253*
Satisfação Diádica	-.141	.330**	-.161
Coesão Diádica	-.043	.247*	-.118

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Com objetivo de verificar a primeira hipótese na amostra brasileira, foi percebido que, o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa, negativa e com o AC apenas no sexo feminino. A correlação com valor mais elevado ocorre com a dimensão Consenso ($r = -.419, p = .001$). O EP Autoritativo correlaciona-se de forma significativa, positiva com as dimensões Consenso e Satisfação. A correlação com o valor mais elevado ocorre, no sexo masculino, com a dimensão Consenso ($r = .589, p = .001$). O EP Permissivo correlaciona-se de forma significativa, negativa no sexo masculino, com a dimensão Consenso ($r = -.381, p = .05$). Confirma-se a hipótese enunciada.

Tabela 9.

Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal - Brasil (n = 156).

AC	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Mães (n = 119)			
Consenso Diádico	-.419***	.288**	-.057
Satisfação Diádica	-.331***	.228*	-.066
Coesão Diádica	-.372***	.167	.034
Pais (n = 37)			
Consenso Diádico	-.237	.589***	-.381*
Satisfação Diádica	-.255	.400*	-.237
Coesão Diádica	-.055	.226	-.301

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Na verificação da H1 com a amostra portuguesa, o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa, negativa e com o AC apenas no sexo feminino. A correlação com o valor mais elevado ocorre com a dimensão Consenso ($r = -.331, p = .01$). O EP Autoritativo correlaciona-se de forma significativa, positiva com as dimensões do AC. A correlação mais elevada ocorre, no sexo masculino, com a dimensão Consenso ($r = .575, p = .001$). Os coeficientes de correlação do EP Permissivo com as dimensões do AC não são estatisticamente significativos (todos os p 's > .05). Sendo assim, confirma-se a hipótese enunciada.

Tabela 10.

Estilos Parentais e Ajustamento Conjugal - Portugal (n = 130).

AC	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Mães (n = 87)			
Consenso Diádico	-.331**	.235*	-.068
Satisfação Diádica	-.280**	.272*	-.158
Coesão Diádica	-.310**	.282**	-.032
Pais (n = 43)			
Consenso Diádico	-.250	.575***	-.215
Satisfação Diádica	-.108	.326*	-.138
Coesão Diádica	-.104	.370*	.018

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.2.2 AC e Ajustamento da Criança.

H2 – O nível de Ajustamento Conjugal correlaciona-se positivamente com o maior Ajustamento da Criança e negativamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança.

A fim de testarmos a segunda hipótese, (H2 – O AC correlaciona-se com Ajustamento da Criança), recorreremos à correlação paramétrica de Pearson. De forma geral a dimensão do Consenso no AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento da Criança. Os coeficientes de correlação são mais elevados para as mães do que para os pais. A correlação com valores mais elevados ocorre, no sexo feminino, entre as dimensões Consenso e os Problemas de Conduta ($r = -.512, p = .001$). A dimensão Satisfação Diádica do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento da Criança. A correlação mais elevada ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Problemas de Conduta ($r = -.479, p = .001$). De forma genérica, a dimensão da Coesão do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento

da Criança, mas apenas no sexo feminino. A correlação mais elevada ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Comportamento Pró-social ($r = .558, p = .001$). Assim sendo, confirma-se parcialmente a hipótese enunciada.

Tabela 11.

Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Amostra Geral (n = 286).

Ajustamento da criança	AC		
	Consenso	Satisfação	Coesão
Meninas (n = 140)			
Sintomas Emocionais	-.367***	-.361***	-.407***
Problemas de Conduta	-.512***	-.479***	-.406***
Hiperatividade	-.468***	-.401***	-.371***
Problemas de Relacionamento	-.154*	-.142	-.165*
Comportamento Pró-social	.510**	.463***	.558***
Meninos (n = 146)			
Sintomas Emocionais	-.347**	-.359**	-.192
Problemas de Conduta	-.324**	-.389***	-.214
Hiperatividade	-.153	-.111	.019
Problemas de Relacionamento	-.144	-.074	.142
Comportamento Pró-social	.257*	.114	-.048

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para efeito de verificação da H2 na amostra brasileira, as dimensões do AC correlacionam-se de forma significativa, negativa com Ajustamento da Criança. O Comportamento Pró-social correlaciona-se de forma positiva com o AC. A correlação com valores mais elevados ocorre com a dimensão Consenso Diádico ($r = .575, p = .001$). A dimensão da Satisfação no AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com Ajustamento da Criança. A correlação com valores mais elevados ocorre com a dimensão Problemas de Conduta ($r = -.517, p = .001$). A dimensão Coesão do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca ou moderada com ajustamento da criança, apenas no sexo feminino. A correlação mais elevada ocorre com a dimensão Comportamento Pró-social ($r = .570, p = .001$). Assim, confirma-se a hipótese enunciada.

Tabela 12.

Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Brasil (n = 156).

Ajustamento da criança	AC		
	Consenso	Satisfação	Coesão
Meninas (n = 76)			
Sintomas Emocionais	-.409***	-.325***	-.462***
Problemas de Conduta	-.456***	-.448***	-.372***
Hiperatividade	-.505***	-.453***	-.451**
Problemas de Relacionamento	-.148	-.072	-.229*
Comportamento Pró-social	.575***	.493***	.570***
Meninos (n = 80)			
Sintomas Emocionais	-.389*	-.433*	-.154
Problemas de Conduta	-.480**	-.517**	-.319
Hiperatividade	-.286	-.177	-.098
Problemas de Relacionamento	-.065	-.230	.238
Comportamento Pró-social	.287	.088	.112

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a amostra portuguesa, as dimensões do AC correlacionam-se apenas com a dimensão positiva do Ajustamento da Criança na subamostra feminina. Assim, a dimensão Consenso do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com Ajustamento da Criança. A correlação com valores mais elevados ocorre com a dimensão Problemas de Conduta ($r = -.600, p = .001$).

A dimensão Satisfação Diádica do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com Ajustamento da Criança. A correlação com valores mais elevados ocorre com a dimensão Problemas de Conduta ($r = -.528, p = .001$).

A dimensão da Coesão no AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com Ajustamento da Criança. A correlação mais elevada ocorre com a dimensão Comportamento Pró-social ($r = .546, p = .001$).

Desta forma, confirma-se a hipótese enunciada para as mães em todas as dimensões às exceções dos problemas de relacionamento com a Coesão e com o Consenso. Enquanto que, para os pais apenas se verificam Sintomas Emocionais com o consenso e satisfação e Problemas de Conduta com a Satisfação de forma negativa.

Tabela 13.
Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança – Portugal (n = 130).

Ajustamento da criança	AC		
	Consenso	Satisfação	Coesão
Meninas (n = 64)			
Sintomas emocionais	-.329**	-.420***	-.349***
Problemas de conduta	-.600***	-.528***	-.469***
Hiperatividade	-.432***	-.333**	-.279**
Problemas de relacionamento	-.159	-.225*	-.094
Comportamento pró-social	.439***	.423***	.546***
Meninos (n = 66)			
Sintomas emocionais	-.371*	-.365*	-.174
Problemas de conduta	-.270	-.347*	-.138
Hiperatividade	-.104	-.091	.095
Problemas de relacionamento	-.257	.021	-.009
Comportamento pró-social	.294	.156	-.004

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.2.3 EP e os efeitos no Ajustamento da Criança.

H3 – Os Estilos Parentais Autoritário e Permissivo correlacionam-se positivamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança, o EP Autoritativo correlaciona-se positivamente com as dimensões positivas do Ajustamento da criança, e negativamente com as dimensões negativas.

A fim de testarmos a terceira hipótese (H3 – Os EP's correlaciona-se com Ajustamento da Criança), recorreremos à correlação paramétrica de Pearson. Na amostra geral do estudo, o EP Autoritário está associado de forma significativa, positiva com o Ajustamento da Criança. Enquanto que o estilo Autoritativo se encontra correlacionado de forma negativa com as dimensões do Ajustamento da Criança. O estilo Permissivo apenas se encontra correlacionado positivamente com os Problemas de Relacionamento, nas meninas. A correlação mais elevada ocorre entre o estilo Autoritário e o Comportamento Pró-social ($r = -.422$, $p = .001$). Desta maneira, confirma-se parcialmente a hipótese enunciada.

Tabela 14.
Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Amostra Geral (n = 286).

Ajustamento da criança	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Meninas (n = 140)			
Sintomas emocionais	.227**	-.272***	.125
Problemas de conduta	.356***	-.216**	-.056
Hiperatividade	.415***	-.208***	-.074
Problemas de relacionamento	.085	-.207**	.198**
Comportamento pró-social	-.422***	.328***	-.066
Meninos (n = 146)			
Sintomas emocionais	.154	-.296**	.140
Problemas de conduta	.390***	-.344**	-.071
Hiperatividade	.018	-.116	.128
Problemas de relacionamento	.218	-.234*	-.061
Comportamento pró-social	-.407***	.277*	.061

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Com a finalidade de testarmos a terceira hipótese na amostra brasileira, os resultados revelaram que no sexo feminino o estilo Autoritário está associado de forma significativa, positiva com o Ajustamento da Criança exceto com o Comportamento Pró-social. Enquanto o estilo Autoritativo se encontra correlacionado de forma negativa com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança e positivamente com a dimensão positiva do Ajustamento da Criança no comportamento Pró-social. No sexo masculino os EP's Permissivo e Autoritário não se encontram correlacionados significativamente com as dimensões do Ajustamento da Criança. A correlação com valores mais elevados ocorre entre o estilo Autoritativo e os problemas de conduta ($r = -.428$, $p = .013$). Desta maneira, confirma-se a hipótese para os sexos feminino e masculino.

Tabela 15.
Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Brasil (n = 156).

Ajustamento da Criança	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Meninas (n = 76)			
Sintomas Emocionais	.343***	-.228*	-.032
Problemas de Conduta	.273**	-.148	-.026
Hiperatividade	.401***	-.244*	-.043
Problemas de Relacionamento	.256*	-.190	-.078
Comportamento Pró-social	-.325***	.371***	-.208*
Meninos (n = 80)			
Sintomas Emocionais	.116	-.318	.124
Problemas de Conduta	.291	-.428*	.082
Hiperatividade	-.046	-.177	.174
Problemas de Relacionamento	.171	-.008	-.111
Comportamento Pró-social	-.262	.353*	-.064

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Com o objetivo de testarmos a H3 na amostra portuguesa, os resultados obtidos indicaram que, os EP's Autoritário e Permissivo estão associados de forma significativa, positiva com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança, enquanto o estilo Autoritativo se encontra correlacionado de forma positiva com a dimensão positiva e negativamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança. No sexo masculino o estilo Permissivo não se encontra correlacionado significativamente com as dimensões do Ajustamento da Criança. A correlação mais elevada ocorre entre o estilo Autoritário e o Comportamento Pró-social ($r = -.548, p = .001$). Assim, confirma-se a hipótese enunciada.

Tabela 16.

Estilos Parentais e Ajustamento da Criança – Portugal (n = 130).

Ajustamento da Criança	EP's		
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo
Meninas (n = 64)			
Sintomas Emocionais	.101	-.383***	.376***
Problemas de Conduta	.507***	-.362***	-.052
Hiperatividade	.453***	-.185	-.103
Problemas de Relacionamento	-.101	-.232*	.489***
Comportamento Pró-social	-.548***	.268*	.126
Meninos (n = 66)			
Sintomas Emocionais	.240	-.359*	.186
Problemas de Conduta	.465**	-.322*	-.180
Hiperatividade	.059	-.072	.078
Problemas de Relacionamento	.294	-.499***	.001
Comportamento Pró-social	-.471**	.197	.193

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.2.4 EP's, AC e Ajustamento da Criança – Modelo correlacional de Pearson.

A fim de verificarmos as correlações existentes no presente estudo, recorreremos à correlação paramétrica de Pearson. Os resultados obtidos indicaram que para a amostra geral e para as amostras brasileira e portuguesa, houveram correlações significativas.

Sendo assim, para a amostra geral foi evidenciado que o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com o AC. Para as mães, os EP's autoritativo e autoritário correlacionam-se de forma significativa positiva e negativa, respetivamente, com as dimensões do AC. Já para os pais, as correlações significativas surgem entre todas as dimensões do DAS e o EP Autoritativo, correlacionando-se o consenso diádico com todos os EP's. A correlação com o valor mais elevado ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Consenso ($r = -.373, p = .001$).

A dimensão do Consenso no AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento da Criança. Os coeficientes de correlação são mais elevados no sexo feminino do que no masculino. A correlação com valores mais elevados ocorre, no sexo feminino, entre as dimensões Consenso e os Problemas de Conduta ($r = -.512, p = .001$). A dimensão Satisfação Diádica do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento da Criança. A

correlação mais elevada ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Problemas de Conduta ($r = -.479, p = .001$). De maneira geral, a dimensão da Coesão do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa com o Ajustamento da Criança, mas apenas no sexo feminino. A correlação mais elevada ocorre, no sexo feminino, com a dimensão Comportamento Pró-social ($r = .558, p = .001$).

O EP Autoritário está associado de forma significativa, positiva com o Ajustamento da Criança. Enquanto que o estilo Autoritativo se encontra correlacionado de forma negativa com as dimensões do Ajustamento da Criança. O estilo Permissivo apenas se encontra correlacionado positivamente com os Problemas de Relacionamento, nas meninas. A correlação mais elevada ocorre entre o estilo Autoritário e o Comportamento Pró-social ($r = -.422, p = .001$). Na figura 6 sintetizamos o modelo de correlação geral encontrado em ambos os grupos amostrais.

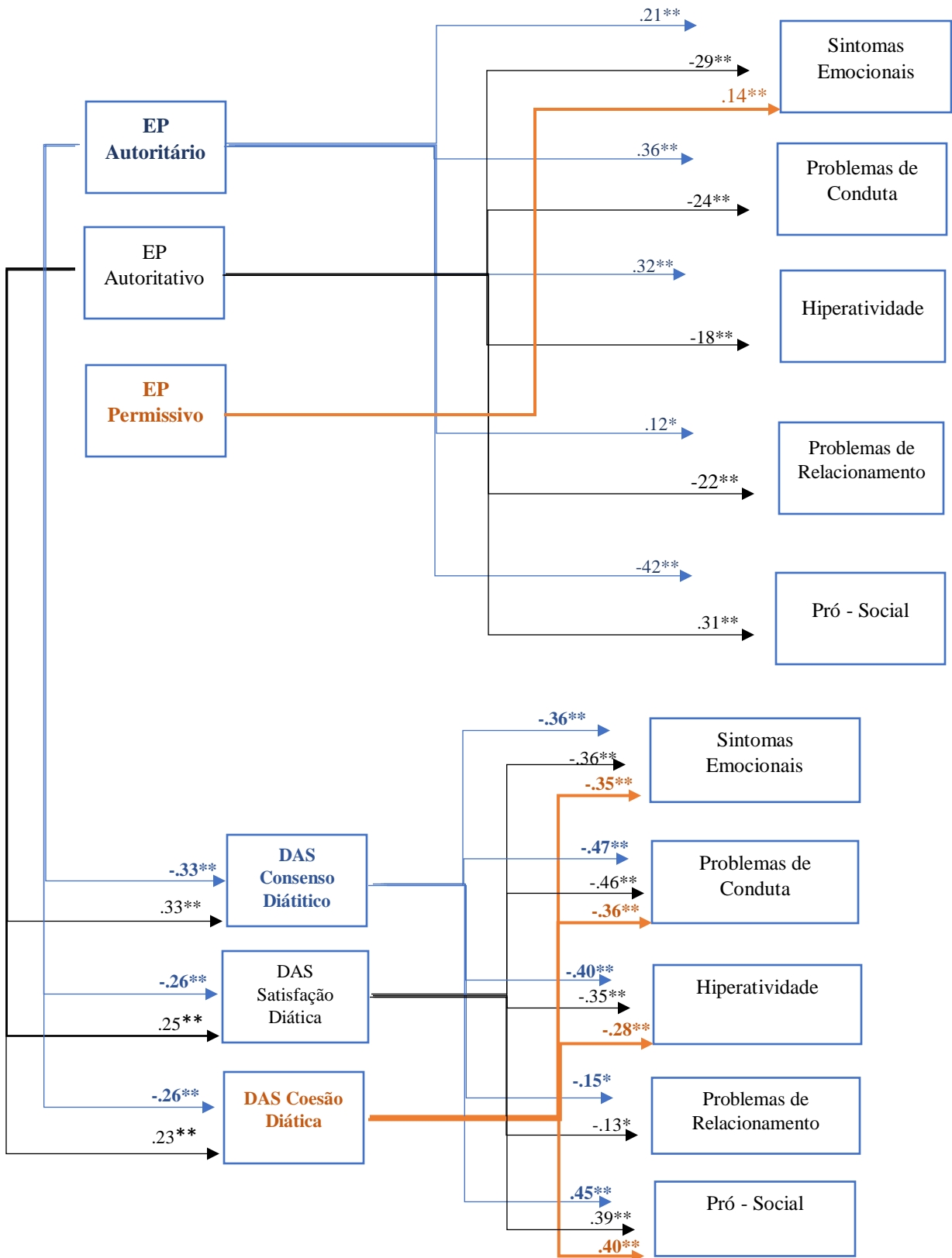


Figura 6. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo – Geral

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Na subamostra brasileira os resultados indicaram que, o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com o AC apenas com as mães. O EP Autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com as dimensões Consenso Diádico e Satisfação Diádica. O EP Permissivo correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca, para os pais, com a dimensão Consenso Diádico.

As dimensões do AC correlacionam-se de forma significativa e negativa com Ajustamento da Criança. O comportamento Pró-social correlaciona-se de forma positiva com o AC. A dimensão Satisfação Diádica do AC correlaciona-se de forma significativa e negativa e fraca ou moderada com Ajustamento da Criança. A dimensão Coesão Diádica do AC correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca ou moderada com Ajustamento da Criança, apenas para as mães.

Na subamostra das mães o EP Autoritário está associado de forma significativa e positiva com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança. Enquanto que, o EP Autoritativo se encontra correlacionado de forma negativa com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança. Para os pais, os EP's Permissivo e Autoritário não se encontram correlacionados significativamente com as dimensões do Ajustamento da Criança, apenas o EP Autoritativo se encontra correlacionado de forma significativa e negativa com as dimensões Problemas de conduta e Comportamento Pró-social.

Neste sentido, pudemos perceber que as mães brasileiras apresentaram resultados mais elevados no AC na subescala de Consenso Diádico ($M= 54.34$; $DP= 11.80$) e no EP Autoritativo ($M= 44.02$; $DP= 5.80$). Pais brasileiros apresentaram resultados mais elevados no AC na subescala de Consenso Diádico ($M= 50.51$; $DP= 7.52$) e no EP Autoritativo ($M= 42.97$; $DP= 5.13$). As meninas brasileiras apresentaram resultados mais elevado no Ajustamento da Criança na subescala de Comportamento Pró-social ($M= 11.65$; $DP= 3.28$) e os meninos apresentaram resultados mais elevado no Ajustamento da Criança na a subescala de Comportamento Pró-social ($M= 12.35$; $DP= 2.29$). Na figura 7 sintetizamos o modelo de correlação encontrado na amostra brasileira.

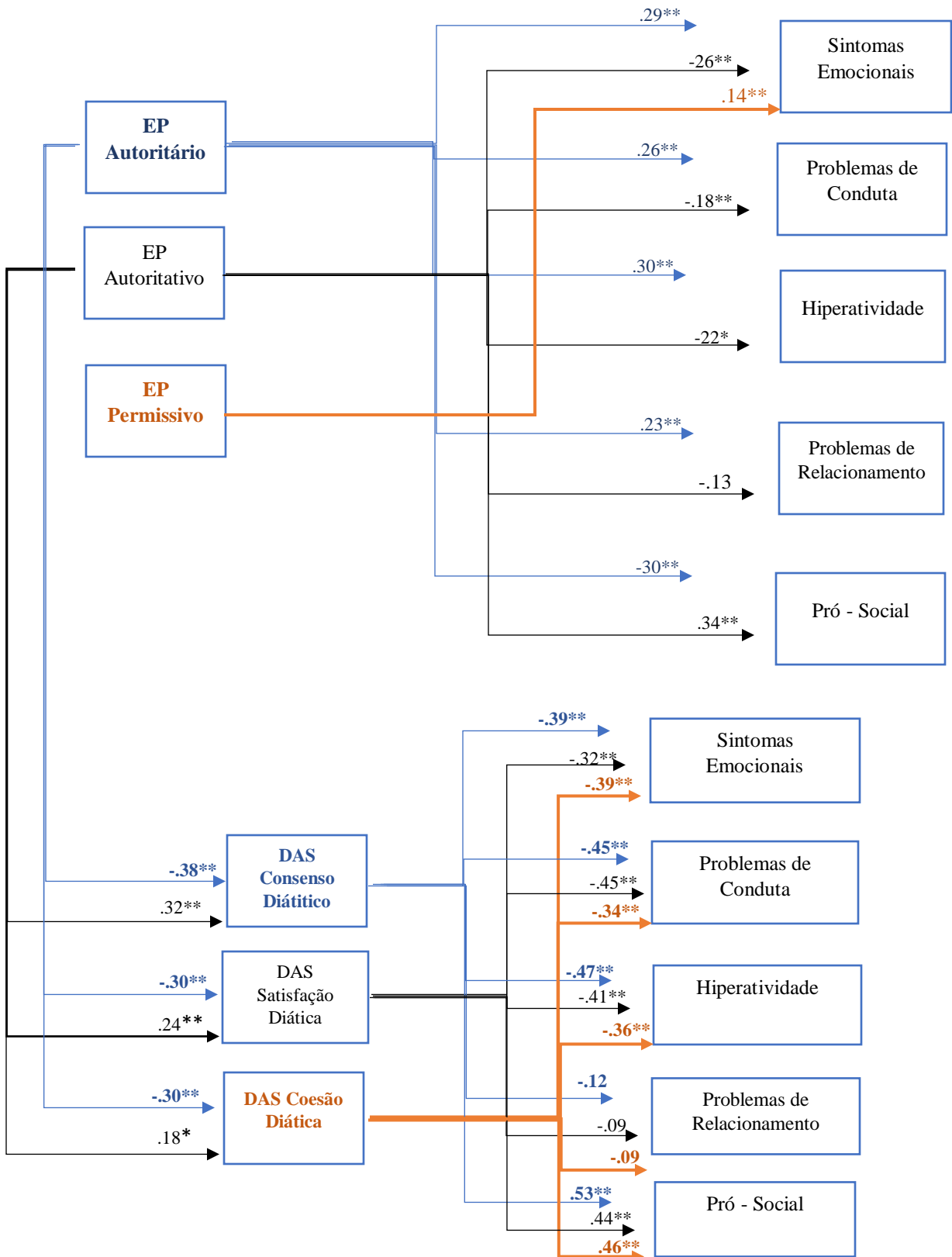


Figura 7. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo - Brasil.

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Na subamostra portuguesa os resultados verificados revelaram que, o EP Autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com as dimensões do AC apenas para as mães. O EP Autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com todas as dimensões do AC. Os coeficientes de correlação do EP Permissivo com as dimensões do AC não são estatisticamente significativos (todos os $p's > .05$).

As dimensões do AC correlacionam-se apenas com o Ajustamento da Criança na subamostra das mães. As dimensões Consenso, Satisfação e Coesão Diádicos apresentam correlações negativas com o AC, restringindo-se com a dimensão do Comportamento Pró-social em que o coeficiente é positivo. Na subamostra dos pais, apenas a dimensão do Ajustamento da Criança na subescala de Sintomas Emocionais se correlaciona de forma significativa e negativa com o AC com as dimensões de Consenso e Satisfação Diádica.

Para as mães os EP's Autoritário e Permissivo estão associados de forma significativa e positiva com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança enquanto que, o EP Autoritativo se encontra correlacionado de forma negativa com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança. Para os pais o EP Permissivo não se encontra correlacionado significativamente com as dimensões do Ajustamento da Criança. A correlação mais elevada ocorre entre o Estilo Autoritário e o Comportamento Pró-social.

Assim sendo, as mães portuguesas apresentaram maiores resultados no AC na subescala de Consenso Diádico ($M= 50.05$ $DP= 13.50$) e para EP autoritativo ($M= 42.25$; $DP= 5.48$), no entanto, os valores de EP's Autoritário ($M= 28.24$; $DP= 11.09$) e Permissivo ($M= 21.68$; $DP= 7.66$) apresentam-se elevados. Enquanto que, os pais portugueses apresentaram resultados mais elevados no AC a subescala de Coesão Diádica AC ($M= 12.26$ $DP= 5.38$) e EP Autoritativo ($M= 40.88$; $DP= 6.99$). As meninas portuguesas apresentaram resultados mais elevado no Ajustamento da Criança para a subescala de Comportamento Pró-social ($M= 11.38$; $DP= 2.80$) e os meninos portugueses apresentaram resultados mais elevado no Ajustamento da Criança na subescala Comportamento Pró-social ($M= 10.77$; $DP= 2.77$). Na figura 8, sintetizamos o modelo de correlação encontrado na amostra portuguesa.

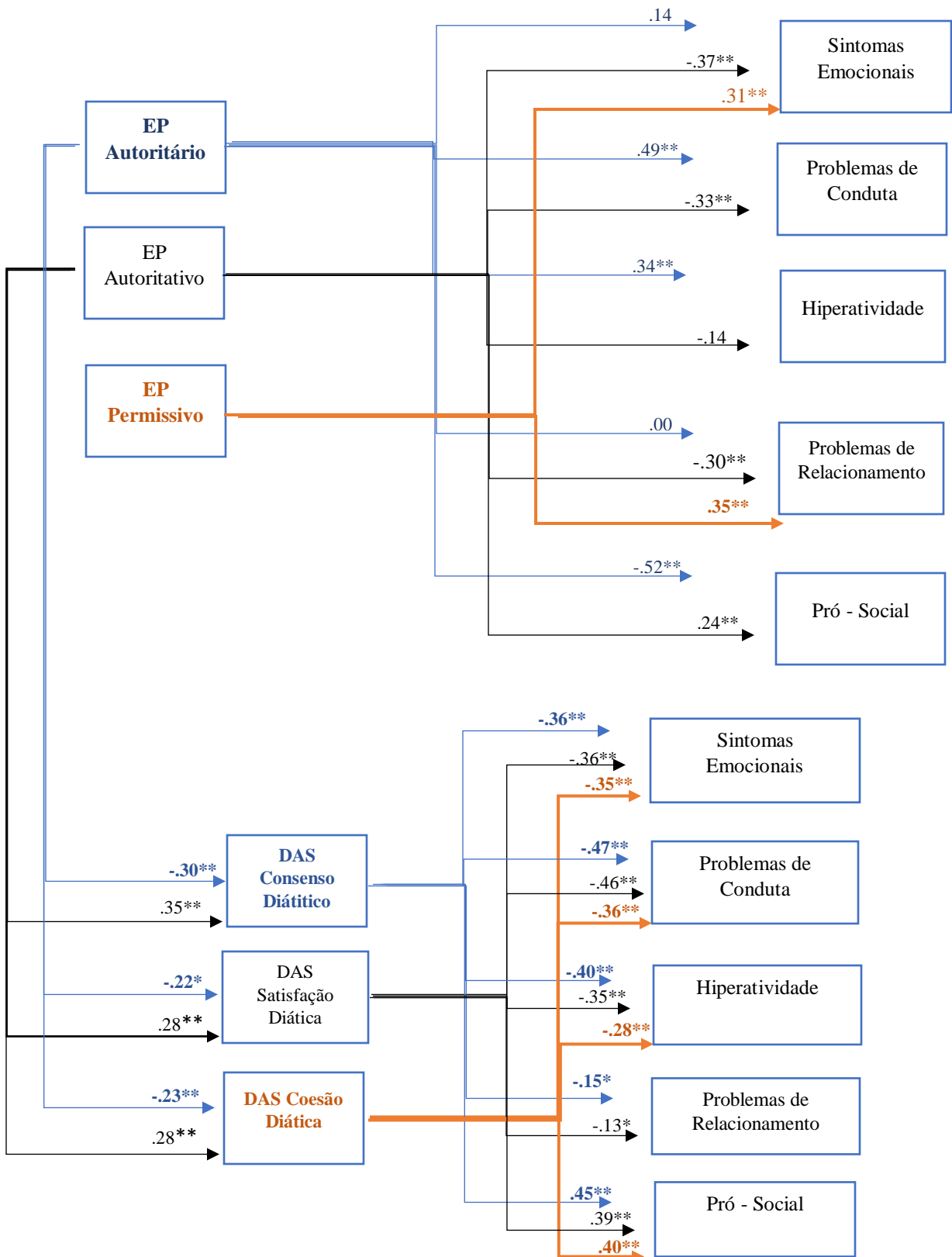


Figura 8. Modelo correlacional Pearson obtido no estudo - Portugal.
 * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.3 Comparação cultural

H4 – Pais e mães brasileiros e portugueses não apresentam níveis diferentes de Ajustamento Conjugal.

Com o propósito de verificarmos a quarta hipótese recorreremos aos testes *t* de Student com a correção de Welch e a ANOVA para compararmos as duas amostras do estudo (tabela 17). Com os resultados obtidos verificamos que, apenas existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão Coesão Diádica do AC na subamostra masculina, [$t_{(78)} = -2.745$, $p = .008$], $F_{(1, 78)} = 7.533$, $p = .008$], com os portugueses a apresentarem valores significativamente mais elevados nesta dimensão ($M= 12.26$; $DP= 5.38$) do que os brasileiros ($M= 8.95$; $DP= 5.37$). Desta maneira, não se confirma a hipótese enunciada.

Tabela 17.

Comparação do Ajustamento Conjugal: Portugal (n= 130) – Brasil (n=156).

	Portugal		Brasil		<i>t</i>	<i>F</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Mães						
Consenso	50.05	13.50	50.34	11.80	.169	.028
Satisfação	31.86	8.61	31.63	8.71	-.190	.036
Coesão	10.15	5.87	11.13	5.54	1.230	1.512
Pais						
Consenso	52.23	13.79	50.51	7.52	.483	.457
Satisfação	32.63	7.51	32.27	4.69	-.259	.063
Coesão	12.26	5.38	8.95	5.37	-2.745**	7.533**

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

H5 – Pais brasileiros e portugueses apresentam diferenças nos EP's adotados.

A fim de comparar as duas amostras de estudo (Brasil-Portugal), recorreremos aos testes *t* de Student com a correção de Welch e a ANOVA (tabela 18). Assim, na subamostra masculina não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre portugueses e brasileiros no que se refere aos EP's (todos os p 's $> .05$). Para a subamostra feminina também não encontramos diferenças estatisticamente significativas (todos os p 's $< .05$), no entanto, as mães portuguesas apresentaram também valores mais elevados para os estilos Autoritário ($M= 28.24$; $DP= 11.09$) e Permissivo ($M= 21.68$; $DP= 7.66$) do que as mães brasileiras, que apresentaram valores mais

elevados no estilo Autoritativo ($M= 44.02$; $DP= 5.80$). Posto isto, não se confirma a hipótese enunciada.

Tabela 18.

Estilos Parentais: Portugal (n = 130) – Brasil (n = 156).

	Portugal		Brasil		<i>t</i>	<i>F</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Mães						
Autoritário	28.24	11.09	24.91	10.36	-2.173*	4.723*
Autoritativo	42.25	5.48	44.02	5.80	2.172*	4.717*
Permissivo	21.68	7.66	18.34	7.00	-3.191**	10.180**
Pais						
Autoritário	29.14	11.42	26.38	10.57	-1.087	1.181
Autoritativo	40.88	6.99	42.97	5.13	1.509	1.121
Permissivo	24.51	8.66	23.74	9.90	-0.367	0.134

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

H6 – Crianças brasileiras e portuguesas não apresentam diferenças no Ajustamento da Criança.

Com a intenção de verificarmos a sexta hipótese, usou-se aos testes *t* de Student com a correção de Welch e a ANOVA para comprovarmos as duas amostras em questão (tabela 19). Nesse sentido, os resultados corroboram com a hipótese referida, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre crianças portuguesas e brasileiras no que se refere ao Ajustamento da Criança ($p > .05$). Portanto, confirma-se, a hipótese enunciada.

Tabela 19.
Ajustamento da Criança: Portugal (n= 130) – Brasil (n = 156).

	Portugal		Brasil		<i>t</i>	<i>F</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Meninas						
Sintomas Emocionais	7.86	2.28	7.93	2.50	0.177	0.031
Problemas de Conduta	5.81	1.65	6.41	2.37	1.623	2.636
Hiperatividade	6.07	2.16	6.16	2.32	0.215	0.046
Problemas de Relacionamento	5.52	1.92	5.58	1.94	0.175	0.031
Comportamento Pró-social	11.57	2.41	11.92	3.18	0.689	0.475
Meninos						
Sintomas Emocionais	7.68	2.15	8.34	3.12	1.423	2.024
Problemas de Conduta	6.28	1.93	6.28	1.79	0.004	0.001
Hiperatividade	6.35	2.03	6.31	2.37	-0.105	0.011
Problemas de Relacionamento	6.21	1.98	5.93	2.53	-0.720	0.519
Comportamento Pró-social	10.81	3.09	11.74	2.99	1.787	3.193

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

H7 – O sexo, a idade da criança e a dos pais exercem um efeito nos Estilos Parentais adotados.

Com o objetivo de verificarmos a sétima hipótese, procedemos a três regressões lineares múltiplas com o sexo, a idade da criança e a dos pais como variáveis independentes e cada um dos EP's como variáveis dependentes. Apenas o modelo com o estilo Autoritativo como variável dependente se revelou estatisticamente significativo, [$F(3, 267) = 2.891, p = .036$]. A idade dos filhos revelou-se um preditor significativo do estilo Autoritativo ($\beta = .129, p = .0349$) (tabela 20). Como o coeficiente de regressão é positivo, isso significa que à medida que aumenta a idade dos filhos aumenta a utilização do EP Autoritativo. Portanto, confirma-se parcialmente a nossa hipótese.

Tabela 20.
Regressões lineares: Estilos Parentais – Geral.

B	EP's					
	Autoritário		Autoritativo		Permissivo	
	β	Sig	β	Sig	β	Sig
Idade dos pais	-.030	.633	-.107	.085	,106	.087
Idade dos filhos	-.029	.630	.129	.034*	-.009	.888
Sexo do filho (feminino)	-.090	.148	.057	.352	-.101	.101
R^2	.002		.021		.015	
$F(3, 267)$.817		2.891*		2.332	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a amostra brasileira, os modelos de regressão linear não são estatisticamente significativos. O sexo, a idade da criança e a dos pais não exercem um efeito significativo nos EP's adotados, portanto, não se confirma a hipótese (tabela 21).

Tabela 21.
Regressões lineares: Estilo Parental – Brasil.

B	EP's					
	Autoritário		Autoritativo		Permissivo	
	β	Sig	β	Sig	β	Sig
Idade dos pais	-.069	.448	-.034	.706	,104	.243
Idade dos filhos	.078	.391	.164	.070	-.015	.866
Sexo do filho (feminino)	-.050	.564	-.030	,724	-.154	.074
R^2	.010		.005		.017	
$F(3, 138)$,463		1.254		1.827	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a amostra portuguesa (tabela 22), apenas o modelo com o estilo Autoritativo como variável dependente se revelou estatisticamente significativo, [$F(3, 125) = 2.879, p = .042$]. O sexo dos filhos revelou-se um preditor significativo do estilo Autoritativo ($\beta = .190, p = .037$). Como o coeficiente de regressão é negativo, isso significa que com as meninas os pais utilizam mais este EP. Confirma-se, portanto a hipótese enunciada (tabela 22).

Tabela 22.

Regressões lineares: Estilo Parental – Portugal.

B	EP's					
	Autoritário		Autoritativo		Permissivo	
	β	Sig	β	Sig	β	Sig
Idade dos pais	-.102	.262	-.107	.232	.040	.667
Idade dos filhos	-.101	.260	.055	.533	-.030	.744
Sexo do filho (feminino)	-.132	.152	.190	.037*	-.066	.474
R^2	.035		.042		.005	
F (3, 125)	1,499		2.879*		0.376	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

H8 - O sexo e a idade da criança exercem um efeito no Ajustamento da Criança.

A fim de verificarmos a oitava hipótese procedemos a cinco regressões lineares múltiplas com o sexo e a idade da criança como variáveis independentes e cada uma das dimensões do ajustamento da criança como variáveis dependentes. Os modelos de regressão linear não se revelaram estatisticamente significativos ($p > .05$ cf tabela 23). Assim, o sexo e a idade da criança não exercem um efeito significativo no Ajustamento da Criança. Desse modo, não se confirma a nossa hipótese para a amostra geral.

Tabela 23.

Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Geral.

	Ajustamento da Criança									
	S. Emocionais		Prob. Conduta		Hiperactividade		P. relacionamento		C. Pró-social	
	B	Sig	β	Sig	β	Sig	β	Sig	β	Sig
Idade dos filhos	-.018	.769	.010	.875	-.001	.992	-.052	.400	-.027	.661
Sexo do filho (feminino)	-.023	.716	-.039	.534	-.050	.424	-.120	.054	.073	.243
R^2	.007		.006		.005		.010		.002	
F (3, 267)	.893		.816		.725		.104		.466	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a amostra brasileira, os modelos de regressão linear não se revelaram estatisticamente significativos ($p > .05$ cf tabela 24)). Assim, o sexo e a idade da criança não exercem um efeito

significativo no Ajustamento da Criança. Contudo, não se confirma a hipótese enunciada para esta amostra.

Tabela 24.
Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Brasil.

	Ajustamento da Criança									
	S. Emocionais		Prob. Conduta		Hiperactividade		P. relacionamento		C. Pró-social	
	<i>B</i>	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>
Idade dos filhos	.069	.443	.188	.036	.036	.692	.010	.908	-.112	.217
Sexo do filho (feminino)	-.065	.470	.068	.443	-.034	.706	-.086	.339	.,005	.953
<i>R</i> ²	.005		.025		.005		.008		.003	
<i>F</i> (2, 126)	0.674		2.329		0.181		0.501		0.809	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a amostra portuguesa, os modelos de regressão linear não se revelaram estatisticamente significativos ($p > .05$ cf tabela 25). Assim, o sexo e a idade da criança não exercem um efeito significativo no ajustamento da criança. Portanto, não se confirma esta hipótese para a amostra portuguesa.

Tabela 25.
Regressões lineares: Ajustamento da Criança – Portugal.

	Ajustamento da Criança									
	S. Emocionais		Prob. Conduta		Hiperactividade		P. relacionamento		C. Pró-social	
	<i>B</i>	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>	β	<i>Sig</i>
Idade dos filhos	-.128	.159	-.112	.215	-.028	.761	-.101	.260	.018	.839
Sexo do filho (feminino)	.074	.415	-.101	.261	-.057	.534	-.146	.104	.129	.155
<i>R</i> ²	.003		.011		.003		.025		.002	
<i>F</i> (2, 125)	1.167		1.728		0.285		2.393		1.133	

Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.3.1 Comparação entre as duas amostras do estudo (Brasil – Portugal).

No presente estudo comparativo entre dois países de língua portuguesa (Brasil - Portugal), percebemos que a cultura revela-se muito semelhante entre as duas amostras. Pais brasileiros e portugueses apresentam comportamentos e atitudes relativamente semelhantes na formação

familiar e a criação dos filhos, e conseqüentemente os filhos experienciam resultados semelhantes em seus comportamentos.

No que se refere ao AC, verificamos que em termos gerais de comparação por nacionalidade, os resultados apresentaram diferenças na subamostra masculina [$t_{(78)} = -2.745, p = .008$], $F_{(1, 78)} = 7.533, p = .008$], com os portugueses a apresentarem valores significativamente mais elevados na dimensão de Coesão Diádica ($M = 12.26; DP = 5.38$) do que os brasileiros ($M = 8.95; DP = 5.37$). Quando comparamos as subamostras de mães brasileiras e portuguesas, estas não apresentaram diferenças no AC.

Relativamente aos EP's, não encontramos diferenças significativas para as amostras de pais e mães em (Brasil-Portugal). Os pais brasileiros ($M = 42.97; DP = 5.13$) e portugueses ($M = 40.88; DP = 6.99$) apresentaram níveis significativos para o EP Autoritativo. As mães brasileiras ($M = 44.02; DP = 5.80$) e portuguesas ($M = 42.25; DP = 5.48$) também apresentaram níveis significativos para o EP Autoritativo. No entanto, as mães portuguesas apresentaram ainda valores consideráveis mais elevados para os EP' Autoritário ($M = 28.24; DP = 11.09$) e Permissivo ($M = 21.68; DP = 7.66$). No que se refere ao Ajustamento da Criança, as comparações efetuadas não revelaram diferenciação significativa ($p > .05$).

A comparação entre sexo e idade dos pais e dos filhos revelaram que para a amostra brasileira, o sexo, a idade da criança e a dos pais não exercem um efeito significativo nos EP's adotados. No entanto, para a amostra portuguesa, os resultados indicaram que o sexo do filho é um preditor significativo do estilo Autoritativo ($\beta = .190, p = .037$). Desse modo, apenas o modelo com o estilo Autoritativo como variável dependente se revelou estatisticamente significativo, [$F(3, 125) = 2.879, p = .042$]. Como o coeficiente de regressão é negativo, isso significa que os pais utilizam mais esse EP com os meninos.

Em relação ao sexo e a idade da criança exercerem um efeito no Ajustamento da criança. No que toca a amostra brasileira, o sexo e a idade da criança não exercem um efeito significativo no Ajustamento da Criança ($p > .05$). No que se refere a amostra portuguesa os resultados encontrados também não revelaram relação entre o sexo e a idade da criança no Ajustamento da Criança ($p > .05$).

Capítulo IV

Discussão

4.1 Discussão dos resultados

A partir dos resultados apresentados no capítulo anterior, torna-se pertinente uma discussão minuciosa com base na revisão da literatura. Os objetivos deste estudo dividiram-se em duas partes: Objetivos gerais e Objetivos específicos. Iremos dar início as discussões com os objetivos gerais e em seguida os objetivos específicos respeitando as hipóteses que buscaram responder a esses objetivos.

As hipóteses levantadas consistiram na literatura consultada como base para o Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e o impacto que exercem no Ajustamento da Criança em diferentes culturas. Os diversos estudos encontrados levaram-nos a compreender que embora aja diferentes pesquisas sobre a temática é pertinente entender os resultados em função do sexo do filho, sexo dos pais e a cultura particular que cada grupo está inserido (Brasil – Portugal). Uma vez que, até o presente momento não houveram estudos comparativos sobre essa temática nos dois países em voga.

Antes de tudo, é importante salientar que os resultados obtidos foram analisados sob a perspectiva dos pais. Assim sendo, esse capítulo se inicia com a discussão dos resultados a fim de compreender se os mesmos corroboram com a literatura estudada.

4.1.2 Verificação das hipóteses de estudo

H1 – Buscou-se verificar nas duas amostras do estudo se os Estilos Parentais se correlacionavam-se com o Ajustamento Conjugal.

Os resultados relativos a esta hipótese indicaram que, nas duas amostras (Brasil – Portugal) os EP's adotados estão associados ao Ajustamento Conjugal. Indo ao encontro da literatura estudada, que salienta que o ambiente emocional familiar construído pelos pais e são determinantes para o EP adotado (Darling & Steinberg, 1993; Gomez & Leal, 2008; Hameister, 2015; Olson, 2000; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004; Zini, et al., 2018).

Diferentes estudos salientam que, a relação que o casal estabelece provoca influências na maneira como os pais interagem com os filhos. Pois, o comportamento da díade afeta diretamente todo o sistema familiar. Nesse sentido, casais com bom nível de Ajustamento Conjugal estão mais propensos a desenvolverem EP's mais adequados do que os pais que vivenciam conflitos no seu

relacionamento (Gomez & Leal, 2008; Hernandez & Hutz, 2009; Minuchin 1988; Silva & Weber, 2018).

Os resultados obtidos na amostra brasileira evidenciaram que as mulheres apresentaram resultados mais elevados para a subescala de Consenso Diádico e desempenham o EP Autoritativo. Enquanto que, os homens apresentaram resultados mais elevado para a subescala de Satisfação e Consenso Diádico e exercem EP Autoritativo.

Neste sentido, os dados obtidos nessa amostra vão de encontro com a literatura que afirma que casais com bom nível de AC desempenham EP's mais adequado (Silva & Weber, 2018).

Em diferentes estudos foi demonstrado que uma família bem articulada tende a desenvolver uma liderança pautada pelo respeito, negociação e flexibilidade entre o casal e os filhos. Desse modo, os pais se tornam mais responsivos com os filhos (Hameister, Vargas & Wagner 2015; Minuchin 1988; Oslon 2000; Zini, et al., 2018).

Os resultados da amostra portuguesa evidenciaram, que os homens apresentaram resultados mais elevados para Coesão Diádica e desenvolviam EP Autoritativo. Enquanto que, as mulheres apresentaram resultados mais significativos para o Consenso Diádico e são maioritariamente autoritativas.

Para a amostra percebemos coerência entre o AC e os EP's. Desse modo, os resultados encontrados corroboram com os estudos que enfatizam que o AC pautado no consenso, coesão, flexibilidade, afeto e adaptabilidade, faz com que os pais relacionam-se com os filhos mais afetuosamente e a desenvolvam EP's baseados na responsividade e exigência (Galvin e Braithwaite, 2015; Mosmann, et al., 2008).

No entanto, cabe ressaltar que EP's podem apresentar diferentes significados de acordo com o contexto em que a família está inserida e com as características pessoais dos pais em concordância com as características dos filhos (Baumrind, 1966; Bortolini & Andretta, 2017; Musito & García, 2005; Gaspar & Maatos, 2017).

A partir deste estudo, podemos concluir que, os EP's desempenhados pela díade não estão correlacionados somente com AC, mas também com outros fatores que abarcam a parentalidade não avaliados no presente estudo.

Sendo assim, os EP's adotados estão em consonância com nível de envolvimento do casal, com crenças e valores adquiridos pela cultura e pela subjetividade da díade. Indo além da exigência e responsividade e são processadas diferentemente para cada grupo étnico (Benetti, 2006; Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Cruz, 2005; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby, 1980; Mosmann, et al., 2008; Oliveita et al, 2002; Musito & García, 2005).

H2 – Procurou-se verificar se o de nível de Ajustamento Conjugal correlaciona-se positivamente com o maior Ajustamento da Criança e negativamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança.

Os resultados a está hipótese indicam que o AC correlaciona-se com o Ajustamento da Criança, nas duas amostras de estudo.

Em referência a amostra brasileira os dados obtidos demonstraram que os pais apresentam níveis significativos nas subescalas de Consenso e Satisfação Diática, logo os filhos apresentaram valores significativos para Comportamento Pró-social.

Desse modo, os resultados vão de encontro com a literatura pesquisada, que salienta que pais que experienciam um relacionamento conjugal pautado no consenso e satisfação tende a propiciar um ambiente seguro e contribuir positivamente para o Ajustamento da Criança (Belsky, 1984; Darling, Kaaya, & Vries, 2016; Mosmann, et al., 2018).

Para a amostra portuguesa os resultados obtidos também demonstraram que os pais que vivenciavam um relacionamento conjugal com base no Consenso e Coesão Diática, os filhos estavam mais sujeitos a desenvolverem comportamentos adequados.

Nesse sentido, os resultados obtidos nessa amostra corroboram com diferentes pesquisas que evidenciaram resultados positivos no comportamento das crianças, quando seus pais experienciavam um relacionamento harmonioso. Pois, a relação estabelecida pela díade provoca consequências para o desenvolvimento infantil seja positivamente ou negativamente (Mosmann, et al., 2018; Mosmann, et al., 2008; Teixeira, Lôbo & Duarte, 2016).

Nesta perspectiva, podemos concluir que um bom relacionamento conjugal, pautado na satisfação, coesão, flexibilidade e comunicação são fatores primordiais para um AC e para o Ajustamento da Criança (Baumrind & Black, 1967; Bornstein, 1998; Cruz, 2005; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003; Peruchi, Donelli & Marin, 2016; Rocha, et al., 2015).

Por outro lado, pais que possuem relacionamentos conflituosos, possuem menos capacidades de amparar e ajudar os filhos a desenvolverem habilidades importantes para seu desenvolvimento e ajustamento saldável provocando sintomas internalizados e/ou externalizados (Cruz, 2005; Hameister, Grzybowski, & Wagner, 2015; Mosmann, et al., 2018; Olson, 2000).

H3 – Pretendeu-se averiguar se os EP's Autoritário e Permissivo correlacionam-se positivamente com as dimensões negativas do Ajustamento da Criança, o EP Autoritativo correlaciona-se positivamente com as dimensões positivas do Ajustamento da Criança e negativamente com as dimensões negativas.

Em relação a esta hipótese, os resultados obtidos neste estudo confirmam parcialmente que os EP's Autoritário e Permissivo estão associados ao menor Ajustamento da Criança, enquanto que o EP Autoritativo está associado a níveis elevados do seu Ajustamento.

Para as duas amostra (Brasil-Portugal), os resultados relativos a esta hipótese, demonstrando que os pais desempenhavam o EP Autoritativo e logo, as crianças apresentaram níveis favorecedores para Comportamento Pró-social. Indo ao encontro com os estudos de Baumrind (1966; 1967; 1975), que afirmavam que filhos de pais autoritativos são mais ajustados e desenvolvem mais competências emocional e comportamental.

Tal como o presente estudo, investigações efetuadas por diferentes autores, demonstraram que, o EP adequado favorece o Ajustamento da Criança. Para estes autores, os pais autoritativos demonstram mais responsividade, através da coerência entre limites e regras. Onde é privilegiado a liberdade da criança de maneira orientada e em favor do seu desenvolvimento. Além de exercerem uma autoridade parental racional pautada no diálogo, afeto e cuidado. (Alvarenga & Piccinini, 2001; Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966, 1975; Cruz, 2005; Darling, 1999; Darling, Kaaya, & Vries, 2016).

Não obstante, os filhos de pais autoritativos apresentam mais regulação emocional, mais confiança, demonstram mais capacidades na realização das tarefas, maior flexibilidade nas decisões e menor rigidez. Prevenindo comportamentos desajustados como baixa autoestima, problemas emocionais e comportamentais. As meninas desenvolvem comportamentos independentes, dominantes e orientados e os meninos apresentam mais sensibilidade, comportamentos cooperantes e amistosos (Baumrind, 1966; Bornstein & Bornstein, 2014; Chan e

Koo, 2011; Sangawi, et al., 2016; Gaspar & Matos, 2017; Pires 2010; Sangawi, Adams & Reissland, 2016).

De acordo com os autores, para que o papel parental seja positivo e promova o desenvolvimento pleno das capacidades da criança. Se faz necessário que os pais desenvolvam formas de assumir uma sensibilidade que correspondam às necessidades dos filhos de acordo com o seu estágio evolutivo, garantindo a transmissão de afeto e fornecendo um ecossistema de suporte que garanta a sua evolução (Pires, Hipólito & Jesus, 2010; Pires 2011).

A esse propósito, Baumrind, Thompson e Nebraska (2002), defenderam que a vinculação afeta positivamente os EP's, pois é através da vinculação que os pais obtêm maiores resultados na educação dos seus filhos.

H4 – Buscou-se verificar se pais e mães brasileiros e portugueses não apresentam níveis diferentes de AC.

Nos resultados obtidos, pudemos verificar que em termos gerais de comparação por nacionalidade, os resultados apresentaram diferenças. Quando comparamos as subamostras de mães brasileiras e portuguesas, estas não apresentaram diferenças no AC. Já, para a subamostra de pais, quando comparados brasileiros e portugueses estes apresentaram níveis de diferenças.

Para Belsky (1984), o contexto cultural que a família está inserida pode influenciar a relação conjugal (positivamente ou negativamente), através das crenças e das emoções experienciadas por cada parte da díade. No entanto, não se trata de uma regra, mas possibilidades que podem inferir a relação conjugal.

A diferença encontradas na subamostra de pais (brasileiros e portugueses) pode ser explicada pelo entrelaçamento das particularidades de cada um e por suas experiências vivenciadas no contexto familiar de origem. Pois os filhos tendem a reproduzir na sua nova família o antigo padrão familiar vivenciado com seus pais (Madalena, Carvalho & Flacker, 2018).

Todavia, não podemos reduzir o AC ao meio que a família está inserida, da mesma forma que não podemos excluir está variável, pois cada casal em qualquer parte do planeta irá adotar e vivenciará um estilo de AC de acordo não somente com suas crenças de origem, mas também, por uma perspectiva subjetiva e cuidados referentes a diferentes contextos (Barroso & Machado, 2010;

Bornstein & Bornstein, 2014; Cruz, 2005; Gomes, 2016; Gomez & Leal, 2008; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

Desse modo, o AC se torna um processo contínuo de acontecimentos e portanto mutável ao longo do tempo, pois cada parte da díade chegará com seus valores e crenças adquiridos pela cultura pertencente para o novo contexto familiar, dando lugar a uma identidade do casal, que é transformada a partir das experiências conjugais (Hameister, 2015; Hameister, Vargas, & Wagner, 2015; Hernandez, 2008; Spanier, 1976; Johnson, 2002; Olson 2000; Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

H5 – Buscou-se verificar se pais brasileiros e portugueses apresentam diferenças nos EP's adotado.

Referente a esta hipótese, não foi confirmado diferenças nos EP's adotados em ambas as culturas (Brasil-Portugal). Na amostra brasileira pais e mães apresentaram EP Autoritativo, enquanto que, na amostra portuguesa os pais apresentaram níveis significativos para EP autoritativo e as mães EP autoritativo, mas com valores elevados nos EP's Autoritário e Permissivo em comparação com as mães brasileiras.

De acordo com estudos mencionados, os autores pontuaram que cada grupo étnico procura reproduzir regras e estilos de socialização/adaptação de acordo com as crenças que permeiam a sua cultura. Por sua vez, os pais adotam EP's de acordo com características pessoais em concordância com as características do filho (Baumrind, 1966, 1972; Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Cruz, 2005; Gaspar & Maatos, 2017; Maccoby, 1980; Musito & García, 2005).

Contudo, para Baumrind (1966a), pais que exercem EP Autoritativo são mais assertivos, pois promovem o Ajustamento da Criança através da monitorização, responsividade e afeto respeitando os limites da criança. Os pais Autoritários exercem uma tirania impondo controle e regras, não respeitando as características e limites das crianças. Já os pais Permissivos, não exigem e nem controlam ou exigem pouco, não promovendo o desenvolvimento e individualidade da criança.

Portanto, a maneira como os pais interagem com os filhos está de acordo com as práticas parentais aprendidas com os seus pais e são transmitidas transgeracionalmente.

Nesse sentido, diferentes autores concluem que não existem estilos educativos parentais “melhor ou pior”. Pois, um efeito assertivo numa cultura não irá necessariamente ser positivo numa outra, uma vez que, existem diferentes contextos e efeitos de socialização (Musito & Garcia, 2005; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

H6 – Buscou-se verificar se crianças brasileiras e portuguesa não apresentam diferenças no Ajustamento da Criança.

Estatisticamente os resultados obtidos com essas hipóteses, não confirmaram diferenças referentes a nacionalidade das crianças. Corroborando com os estudos que abarcam que cada grupo étnico, procura reproduzir regras e estilos de socialização/adaptação aparentemente necessárias para garantir a sobrevivência ajustada dos seus membros (Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Cruz, 2005; Maccoby, 1980; Musito & García, 2005).

De acordo com diferentes autores, isto ocorre devido aos EP’s serem adequados para estas regiões favorecendo o desenvolvimento dos filhos e provocando ajustamentos positivos nas crianças (Darling & Steinberg, 1993; Musito & Garcia em 2005).

Neste sentido, os estudos sobre o Ajustamento da Criança e as práticas adotadas de socialização, demonstram que em cada cultura os EAP’s apresentam significados e resultados diferente consoante ao país de origem, contexto cultural e grupo étnico que a família está inserida. O que provocarão resultados diferentes para os EP’s existentes e desenvolvimento infantil (Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Musito & García, 2005; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Sendo assim, podemos concluir que um EP inadequado ou pouco promissor para o contexto cultural, tende a comprometer de maneira negativa o desenvolvimento dos seus membros. Visto que, resultarão em situações estressantes e suficientes para deteriorar ou interferir no Ajustamento da criança. O contrário mostrará que um EP adequado é favorecedor para um clima emocional familiar positivo e para o ajustamento saldável das crianças (Bortolini & Andretta, 2017; Rao, et al., 2003).

H7 – Pretendeu-se averiguar se o sexo e a idade da criança e dos dos pais exercem um efeito nos EP’s adotados.

A partir dos resultados recolhidos podemos concluir que, o sexo da criança e a medida que a idade aumentam, o EP dos pais modificam. Desse modo, os nossos resultados das amostras geral e da subamostra portuguesa corroboram com os estudos que enfatizam que a idade da criança é uma variável que influencia nos EP's. Indo ao encontro dos estudos já mencionados que salientam que a idade dos filhos e o sexo produzem influências nos comportamentos adotados pelos pais (Baumrind & Black, 1967; Cruz, 2005; Pires, 2010).

Em algumas pesquisas, foi observado que diferenças nos EP's consoante a idade e o sexo dos filhos, estão referenciadas ao desenvolvimento da criança. Pois, exige-se dos pais uma nova adaptação dos EP's e os métodos de socialização existente, de acordo com o amadurecimento do filho. Desse modo, à medida que a idade avança novas necessidades e competências são exigidas dos pais. Alguns estudos verificaram que, a idade que os filhos ocupam no seio familiar pode influenciar o clima emocional da família, da mesma forma que irá sugestionar os EAP's. Visto que, consoante a idade as exigências e o controle parental se modificam (Cruz, 2005; Bornstein, 1998; Minuchin, 1988; Salmon & Daly, 1998).

Nos resultados das nossas amostras, não encontramos indicadores estatisticamente significativos que comprovem as diferenças nos EP's referentes ao sexo da criança e dos pais e a idade dos pais. Desse modo, nosso estudo vai ao desencontro com a literatura que sugere que os EP's sofrem influências pelo sexo do filho e dos pais (Baumrind & Black, 1967; Cruz, 2005; Pires, 2010).

H8 – Buscou-se verificar se o sexo e a idade da criança exercem um efeito no Ajustamento da Criança. que sugerem que meninas e meninos possuem esquemas próprios consoante ao sexo e a idade

Estatisticamente os resultados obtidos com essa hipótese, não confirmaram diferenças referentes ao sexo e a idade no Ajustamento da Criança na amostra geral e nas amostras brasileira e portuguesa. Indo ao encontro do que Cruz (2005), salienta, para a autora, quando os filhos são educados em um EP favorável para seu desenvolvimento, tendem a apresentar um nível saldável de ajustamento independente do sexo ou da idade da criança ou dos pais (Cruz, 2005).

Neste sentido, quando o EP desempenhado pelos pais dá-se em decorrência de um alto nível de monitorização, afeto e controlo, torna-se favorecedor para o Ajustamento da Criança. E, a questão do sexo e idade torna-se irrelevante, pois as crianças apresentam-se ajustadas

(Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1972, 1978, 2005; Darling & Steinberg, 1993; Gaspar & Matos, 2017; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008; Weber & Ton, 2011).

Capítulo V

Conclusão

5.1 Conclusão

Em termos conclusivos, pretendia-se com este estudo analisar as relações entre o Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e Ajustamento da Criança no Brasil e em Portugal e por fim comparar os resultados.

Tal como mencionado na discussão, podemos concluir que todas as hipóteses foram respondidas, tendo como base a questão de investigação e a teoria referida.

Em suma, ao compararmos o modelo colocado inicialmente podemos concluir que o EP Autoritativo e o AC nomeadamente o Consenso e a Coesão Diádica estão relacionados com o maior Ajustamento da Criança na subescala de Comportamento Pró-social de meninos e meninas em ambas as amostras (Brasil-Portugal). Indo ao encontro de alguns estudos abordados, que salientam que o AC e os EP's atuam diretamente no Ajustamento da Criança. Visto que, o Ajustamento Conjugal é um pressuposto para uma boa dinâmica familiar e irá definir a relação do casal e influenciar nos EAP's e conseqüentemente surtirão efeitos no sistema emocional e comportamental do filho (Benetti, 2006; Bornstein, 1998; Cruz, 2005; Darling & Steinberg, 1993; Gomez & Leal, 2008; Mosmann, et al., 2008; Oliveita et al, 2002; Silva & Weber, 2018; Rocha, Vargas et al., 2015).

Também foi aferido que, o sexo e a idade das crianças em voga não produzem impacto no seu ajustamento, contradizendo a literatura abordada, que salienta que o sexo e a idade são variáveis significativas para o Ajustamento da Criança (Bornstein, 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Pires 2011; Pires, Hipólito & Jesus, 2010; Moreira, et al., 2015; Mosmann, Costa, Einsfeld, Silva, & Koch, 2017).

No entanto, os resultados obtidos demonstram que os pais e mães de ambas as amostras exercem EP's diferentes consoante a idade do filho. De acordo com os resultados, a medida que aumenta a idade dos filhos, os pais portugueses tendem a desenvolver o EP autoritativo. Demonstrando que resultados vão de encontro com os estudos aferidos por diferentes autores que afirmam que a posição referente à idade dos filhos tornar-se uma variável e influenciará o clima emocional da família, da mesma forma que influenciará o Estilo Parental desenvolvido (Baumrind & Black, 1967; Bornstein, 1998; Cruz, 2005; Pires, 2010; Minuchin, 1988; Salmon & Daly, 1998).

A partir destes resultados, podemos confirmar que embora Brasil e Portugal possuam a mesma raiz cultural e partilhem o mesmo ideal de EP Autoritativo na forma de educar os filhos, existem pequenas diferenças nos restantes dos EP's no que é valorizado e percebido na relação de homens e mulheres. Nomeadamente nas dimensões associadas com a harmonia e concordância do casal.

No entanto, não foi percebido prejuízo para o desenvolvimento infantil. Indo ao encontro de alguns autores que salientam que, quando o EP é adequado para o ambiente familiar se torna irrelevante qual o estilo será desempenhado. Desde que seja favorecedor do desenvolvimento infantil e contribua para o bem-estar de todos os membros da família. Desse modo, o EP adequado é aquele que prioriza o desenvolvimento da criança e seja pautado no afeto e responsividade (Bornstein, 1998; Musito & García, 2005; Bortolini & Andretta, 2017).

Posto isto, cabe ressaltar que a questão étnica e a cultural são importantes fatores quando realizada uma pesquisa comparativa entre países, pois um EP pode produzir diferentes consequências de acordo com o contexto que a família está inserida (Baumrind, 1966, 1972; Bornstein 1998; Bortolini & Andretta, 2017; Cruz, 2005; Gaspar & Maatos, 2017; Maccoby, 1980; Musito & García, 2005).

Este estudo nos deu a possibilidade de conhecer os efeitos que o AC e os EP's produzem no Ajustamento da Criança nas duas amostras populacional. Contribuindo positivamente para o entendimento do desenvolvimento infantil, bem como para a psicologia clínica e intervenção no contexto familiar.

5.2 Contribuições, limitações e sugestões

O presente estudo pretendeu-se contribuir de maneira positiva para a verificação do AC, EP's e Ajustamento da Criança no Brasil e em Portugal, pois até o momento não houveram estudos com essas variáveis que comparassem os dois países de língua portuguesa. Além disto, tenciona-se contribuir para futuros estudos e pesquisas que abarcam a área da família, mas nomeadamente no AC, EP's e Ajustamento da Criança. Acrescentando mais algumas informações e contribuições com base nas amostras recolhidas nos dois países de estudo.

De acordo com os estudos e pesquisas mencionadas, à cerca das variáveis deste estudo, tivemos a intenção de contribuir com esta investigação para acrescentar o nível de conhecimentos inerentes a esta temática.

Cabe ainda ressaltar que, embora Brasil e Portugal sejam países com a mesma raiz cultural e sejam países lusófonos existem diferenças significativas inerente a cada cultura. Demonstrando desse modo o importante papel que o contexto cultural exerce nas variáveis deste estudo. Dessa forma, visamos contribuir com novas pesquisas que abarcam as duas culturas existentes. Visto que, os EP's desempenhados pelos pais de ambas as amostras se mostraram com algumas diferenças consoante ao contexto cultural.

No que toca as limitações de estudos, podemos mencionar o fato da amostra ter sido recolhida online e individual por um dos pais, que impossibilitou o conhecimento da percepção do casal frente as variáveis de estudo. Teria sido interessante alcançar as respostas do outro progenitor, de modo a ter conhecimento se existem congruências entre o casal. Assim como, a falta do conhecimento da percepção dos filhos, pois os mesmos não responderam o questionário. Acreditamos que se os resultados tivessem sido obtidos no âmbito familiar teria sido mais satisfatório para a pesquisa.

Outra limitação prende-se a extensão do questionário, devido a quantidade excessiva de questões, fazendo com que muitos pais desistissem de completar o questionário, levando ao incumprimento parcial.

Tendo em conta as limitações descritas, salientamos ser de extrema importância a continuidade deste estudo e como sugestão apontamos a consideração em observar e comparar as respostas entre o casal e pais-filhos, a fim de verificar a congruência ou a discrepância dos resultados obtidos. Ainda assim, se torna pertinente a observação de outras variáveis, outros países latinos e outras análises estatística.

Outra sugestão seria, a orientação dos pais à cerca do impacto que o AC e os EP's causam no Ajustamento da Criança. Que poderiam ser realizados através de workshops em Centros de Saúde, Escolas, Juntas da Freguesias e Comissões de Proteção a Crianças e Adolescentes, tanto a nível governamental e/ou particular no Brasil e em Portugal.

Com o presente estudo, consideramos ter dado uma pequena contribuição na pesquisa comparativa Brasil – Portugal a respeito do AC, EP's e Ajustamento da Criança, de forma a dar um delineamento de estratégias no âmbito desta temática.

Referências

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). Avaliação de intervenções de educação parental: Relatório 2007-2010 [Evaluation of parenting interventions: Report 2007-2010]. http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF
- Afonso, T., Silva, S. S., Pontes, F. A. R., & Koller, S. H. (2015). O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia & Sociedade*, 27(1).
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). Metodologia da investigação em psicologia e educação. (5ªed). Braga: *Psiquilibrios Edições*. ISBN: 978-972-97388-5-2.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001) Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14 (3), 449-460.
- Alvarenga, P. A., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18 (1), 4-21.
- American Psychological Association. (2010). *Dicionário de psicologia*. Artmed. Porto Alegre.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, (52-I), 211-229.
- Baumrind, D. (1966a). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1966b). Prototypical descriptions of 3 parenting styles. *Psychology*, 37, 1966. http://www.devpsy.org/teaching/parent/baumrind_parenting_styles.pdf

- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic psychology monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1972). An exploratory study of socialization effects on black children: some black white comparisons. *Child Development*, 261-267.
- Baumrind, D. (1975). The contributions of the family to the development of competence in children. *Schizophrenia Bulletin*, 12-37. Berkeley: University of California.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-267.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New directions for child and adolescent development*, (108), 61-69.
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Baumrind, D; & Thompson, R. A. (2002). The Ethics of Parenting. Practical Issues in Parenting. Ed: *Handbook of Parenting*: New Jersey, EUA. 5º Volume. pp. 3-27.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.
- Belsky, J. (2007). Social-contextual determinants of parenting. *Encyclopaedia on early childhood development*. [Acedido em: 02- 02- 2018] em: <http://www.child-encyclopedia.com/enca/parenting-skills/according-to-experts/belsky.html>.
- Bertalanffy, L.V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: Fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. 10ª Edição. pp. 1-37. Lisboa: Editora Vozes.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, (59), 17-33.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019). Práticas parentais: conjugalidade, depressão materna, comportamento das crianças e variáveis emográficas. *Psico-USF*, 24(1), 69-83.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(1), 67.
- Bornstein, M. H. (1998). Refocusing on parenting. [Acedido em: 31-01-2018] em: <http://parenthood.library.wisc.edu/Bornstein/Bornstein.html>
- Bornstein, M. (2002). *Handbook of Parenting. Children and Parenting – Volume 1*. (2ªed). London: LAWRENCE ERLBAUM ASSOCIATES, PUBLISHERS.
- Bornstein L, & Bornstein M. H. (2014). Parenting styles and child social development. *Encyclopedia on early childhood development*. Montreal: Centre of Excellence for Early Childhood Development, 1-4. [Acedido em: 02-01-2018] em: <http://www.childencyclopedia.com/documents/BornsteinANGxp.pdf>
- Bortolini, M., & Andretta, I. (2017). Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. *Psicologia Argumento*, 31(73).
- Brockington, I., Butterworth, R., & Glangeaud-Freudenthal, N. (2016). An international position paper on mother-infant (perinatal) mental health, with guidelines for clinical practice. *Archives on Women's Mental Health*, 20, 113-120.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed Editora.

- Chan, T. W. e Koo, A. (2011). Parenting style and youth outcomes in the UK. *European Sociological Review*, 27 (3): 385 - 399. Doi:10.1093/esr/jcq013.
- Cid, M. F. B., Matsukura, T. S., & Cia, F. (2015). Relações entre a saúde mental de estudantes do ensino fundamental e as práticas e estilos parentais. *Mundo Saúde*, 4(39), 504-13.
- Costa, F., Teixeira, M., & Gomes, W. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar Estilos Parentais. *Psicologia e Reflexão Crítica*, 13(3), pp, 465-473.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process oriented-research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, p. 31-63.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. 1ª Edição. Coleção Psicologias. Ed. Quarteto, Coimbra.
- Dadam, S. H. (2011). *Programa de orientação para a parentalidade: avaliação da sua importância e momento adequado de aplicação: Portugal-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Coimbra, Coimbra. 148 pp.
- Darling, N. (1999). Parenting Style and its correlates. ERIC/EEC e Publications - Digests.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança. Problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Dobrianskyj, L. N., Selig, G. A., Galvão, M., & Viezzer Salvador, A. P. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações—transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35), 407-414. Faro: Universidade do Algarve.

- Feller, A. L. (2014). *Parenting Styles and Their Effect on Child Development Outcomes*. Tese de Doutoramento em Psicologia, University of Wisconsin-Stout, Wisconsin, Wisconsin. 197 pp.
- Fernandes, F. S., & Gonçalves, C. (2012). Famílias no Amazonas: um estudo sobre estilos parentais no norte do país. *Atas do II seminário internacional. "Contributos da psicologia em contextos educativos"*.
- Fleitlich, B., Cortazar, P. G. & Goodman, R. (2000). Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ). *Revista Infante de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, 8, 44-50.
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). Questionário de capacidades e de dificuldades (SDQ). [Strengths and Difficulties Questionnaire Portuguese version]. *Retrieved from www.Sdqinfo.org*
- Frizzo, G. B., Brys, I., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2010). Conjugalidade em contexto de depressão da esposa no final do primeiro ano de vida do bebê. *Aletheia*, 31, 66-81.
- Frizzo, G. B., Prado, L. C., Linares, J. L., & Piccinini, C. A. (2010). Depressão pós-parto: Evidências a partir de dois casos clínicos. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 23(1), 46-55.
- Galvin, K. M. Braithwaite D. O. e Bylund, C. L. (2015). *Family Communication: Cohesion and Change*. Routledge. New York.
- Gameiro, J., & Sampaio, D. (2002). *Terapia familiar*. 5ª edição. Edições Afrontamento. Lisboa.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. D. (2017). Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. 7: (1-2), 1-15. [Acedido em 01-06-2018] em: <http://hdl.handle.net/11067/3536>.

- Gomes, J. M. (2016). *Satisfação conjugal, parentalidade e vinculação ao par romântico: um estudo diádico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Porto, Porto. 63 pp.
- Gomes, M. I. M. (2010). *(Des) complexificando os estilos parentais: com pais casados e pais divorciados-separados*. Dissertação de Mestrado o em Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa. 74 pp.
- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: características psicométricas da versão portuguesa da dyadic adjustment scale. *Análise Psicológica*, 26 (4), 625-638.
- Gonçalves, H. F. M., & Simões, S. O. (2018). *Perceção materna do funcionamento familiar, tipo de família e estilos educativos parentais em crianças e adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra, 40 pp.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38(5), 581-586.
- Gouveia, P. R. R., Pires, M., & Hipólito, J. (2015). O novo ciclo familiar após o nascimento do primeiro filho. *Psique*, 135-160.
- Hameister, B. R. (2015). *Conjugalidade e parentalidade. A reverberação do conflito conjugal na família*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 182 pp.
- Hameister, B. R., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). As repercussões nos filhos dos conflitos conjugais dos pais. In A. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Orgs). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. Sinodal, pp. 69-75.
- Hameister, B., Vargas, P., & Wagner, A (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67 (2), 140-155.

- Hernandez, J. (2008). Avaliação Estrutural da Escala de Ajustamento Diadico. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. doi: 10.1590/S1413-73722008000300021
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40 (4), 6.
- Hipólito, J. (2011). *Auto-organização e complexidade: Evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano*. EDIUAL. Lisboa.
- Hollist, C. S, Falceto, O. G., Seibel, B. L., Springer, P. R., Nunes, N. A., & Fernandes, R. B. M. (2016). Depressão pós-parto e satisfação conjugal: Impacto longitudinal em uma amostra brasileira. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 11(36), 1-13.
- Johnson, H. D. (2002). Associations among family adaptability and cohesion, interparental conflict, and tactics used during young adults' conflict with parents. *Psychological reports*, 91(1),315-325.
- Jones, D. J., Forehand, R., Rakow, A., Colletti, C. J., McKee, L., & Zalot, A. (2008). The specificity of maternal parenting behavior and child adjustment difficulties: A study of inner-city African American families. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 181.
- Jones, E. (1999). Terapia dos sistemas familiares. *Climepsi Editores*, pp. 29-34. Lisboa.
- Juras, M. M., & Costa, L. F. (2017). Não foi bom pai, nem bom marido: Conjugalidade e parentalidade em famílias separadas de baixa renda. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(5), 1-9.
- Keller, H., Völker, S., & Yovsi, R. D. (2005). Conceptions of parenting in different cultural communities: The case of West African Nso and Northern German women. *Social Development*, 14(1), 158-180.

- LaRossa, R., Simonds, W., & Reitzes, D. C. (2005). Culture, cognition, and parenthood. *Sourcebook of family theory and research*, 423-446.
- Leal, I. (2005). As novas e Velhas Parentalidades. I. *Leal, Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Fim de Século, (363-409). Lisboa.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. *Handbook of child psychology: Socialization, personality and social development*. Vol. 4. (pp. 1-101). New York, Wiley.
- Madalena, M., Carvalho, L. D. F., & Falcke, D. (2018). Violência conjugal: O poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 75-91.
- Martins, G. L. L., León, C. B. R., & Seabra, A. G. (2016). Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: estudo com crianças de 3 a 6 anos. *Psico*, 47(3), 216-227.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. I. *Walsh (Org.), Processos normativos da família: Diversidade e complexidade*. Artmed, (375-398). Porto Alegre.
- Minuchin, S. (1988). *Famílias Funcionamento & Tratamento. Um modelo familiar*. Artes Médicas (52-69). Rio Grande do Sul.
- Minuchin, S., Nichols, M. P., & Lee, W. Y. (2009). *Famílias e casais: Do sintoma ao sistema*. Artmed. Porto Alegre.
- Moreira, H., Gouveia, M. J., Carona, C., Silva, N. & Canavarro, C. (2015). Maternal attachment and children's quality of life: The mediating role of self-compassion and parenting stress. *Journal of Child and Family Studies*, 24(8), 2332-2344. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-014-0036-z>

- Mosmann, C. P. , Costa, C. B., Einsfeld, P. , Silva, A. G. M. , & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 34,487-498.
- Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões*, 58-71.
- Mosmann, C. Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: O perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia*, 22(2), 161-182.
- Mosmann, C. & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista intercontinental de Psicología y Educación*, 10(2) 79- 103.
- Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429-442.
- Musito, G. & García, J. F. (2005). Consequences of family socialization in the Spanish culture. *Psychology In Spain*, 9 (1), 34-40.
<http://www.psychologyinspain.com/content/full/2005/9004.pdf>
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2018). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire—Adaptação da Versão Portuguesa de Heterorrelato. *Revista Colombiana de Psicología*, 27(1), 117-131.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of family therapy*, 22(2), 144-167.

- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. D. O. B., & Schneider, A. M. D. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66-73.
- Peruchi, R. C., Donelli, T. M. S., & Marin, A. H. (2016). Ajustamento conjugal, relação mãe-bebê e sintomas psicofuncionais no primeiro ano de vida.
- Pires M., & Paz, T. (2016). Parenting styles perceived by teenagers and school achievement. In *17th European Conference of Development Psychology (267-273)*. MEDIMOND.
- Pires, M. (2010). *Valores, estilos parentais, stresse infantil e vivência emocional dos filhos*. Tese de Doutoramento em Psicologia especialidade em psicologia da saúde. Universidade do Algarve, Faro, Faro. 368 pp.
- Pires, M., (2011). *Valores, estilos parentais, stresse infantil e vivência emocional dos filhos*.
- Pires, M., Hipólito, J. & Jesus S. (2010). Questionário de Estilos Parentais para Pais: Validação Preliminar. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 538-552. [4 a 6 Fevereiro 2010]. Braga: Universidade do Minho.
- Pires, M., Silva, G., (2019). *Estilos de Autoridade Parental, Práticas Parentais e Autoeficácia*. Faro: Universidade do Algarve.
- Rao, N., McHale, J. P., & Pearson, E. (2003). Links between socialization goals and childrearing practices in Chinese and Indian mothers. *Infant and Child Development*, 12(5), 475-492.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. (1ª ed). Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007) *Novas formas de família*. (2ª ed). Coimbra: Quarteto.

- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. *Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 9-42.
- Rios, J. B. S., Ferreira, D. F., & Batista, E. C. (2016). Práticas educativas e estilos parentais: Uma Revisão Bibliográfica da Literatura Brasileira. *Revista Uniabeu*, 9(21), 17-31.
- Rodrigues, M., Macedo, P., Montano, T. (2007). Manual do Formador-Formação dos membros das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. *Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco*. Lisboa
- Roudinesco, E. (2003). *A Família em Desordem*. Zahar. Rio de Janeiro.
- Salmon, C. A., & Daly, M. (1998). Birth order and familial sentiment: Middleborns are different. *Evolution and Human Behavior*, 19(5), 299-312.
- Sangawi, H. Adams, J. e Reissland, N. (2016). The impact of parenting styles on children developmental outcome: The role of academic self-concept as a mediator. *International Journal of Psychology*, 1 - 9. Doi: <https://doi.org/10.1002/ijop.12380>.
- Santos, A. (2011). *Mães de Criança em idade escolar: Stress Parental e Estilos de Vinculação da mãe e da criança*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica. Universidade de Lisboa, Lisboa. 85 pp.
- Santos, G. F. V., & Yunes, M. A. M. (2017). Educação Parental inserida no contexto de ações públicas para uma primeira infância melhor: Um estado na perspectiva da bioecologia do desenvolvimento humano. *SEFIC*.
- Saur, A. M., & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do questionário de capacidades e dificuldades: Revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 619-629.

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2010). Satisfação conjugal: Revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(3), 525-532.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M.A. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da psicologia positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Ajustamento diádico e conjugalidade: Avaliação do bem-estar no casamento. *Journal of Human Growth and Development*, 22(3), 367-372.
- Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., Azevedo, A., Homem, T., Leitão, S., Pimentel, M., & Major, S. (2013). Protocolo de avaliação no âmbito do Projeto ‘Prevenção/intervenção precoces em distúrbios de comportamento: Eficácia de programas parentais e escolares (PTDC/PSIPED/102556/2008)’ - Versão de Investigação. [Protocol of measures for the evaluation of the ‘Early prevention/intervention in disruptive behavior disorders: Efficacy of parents and teachers programs’ Project—Research version]. *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra*. Retrieved de [http://fpce. uc. pt/anosincriveis/protocolo. doc](http://fpce.uc.pt/anosincriveis/protocolo.doc).
- Silva, D., A. Y. M., & Weber, L. N. D. (2018). Estilos Parentais, Satisfação Conjugal e Ajustamento Diádico: Um estudo Exploratório. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 325-334.
- Silva, J. C., Morgado, J., & Maroco, J. (2012). The relationship between portuguese adolescent perception of parental styles, social support, and school behaviour. *Psychology*, 3, 513-517.

Singly F. (2010). *Sociologia da Família Contemporânea*. 4ª edição, (7-17). Texto & Grafia. Lisboa.

Soares, L., & Sani, A. I. M. (2017). O impacto da exposição à violência interparental nas crianças: variáveis mediadoras. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(1-2), 57-71.

Spanier, G.B., (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and Family*, 38(1), 15-28. doi: 10.2307/350547

Stivanin, L., Scheuer, C. I., & Assumpção Jr, F. B. (2008). SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire): identificação de características comportamentais de crianças leitoras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 407-413.

Teixeira, A. N., Lôbo, K. R. G., & Duarte, A. T. C. (2016). A Criança e o ambiente social: aspectos intervenientes no processo de desenvolvimento na primeira infância. *Id online: Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 10(31), 114-134.

Villas Boas, A. C. V. B., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 91-102.

Wagner, A., Tronco, C. & Armani, A. B. (2015). Os desafios da família contemporânea: Revisando conceitos. I. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Orgs). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*, Sinodal, (19-35). São Leopoldo.

Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(1), 399-408.

- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 17(3), 323-331.
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood research quarterly*, 20(1), 1-12.
- Xu, Y., Farver, J. A., Zhang, Z., Zeng, Q., Yu, L., & Cai, B. (2005). Mainland Chinese parenting styles and parent-child interaction. *International Journal of Behavioral Development*, 29(6), 524-531.
- Yusuf, M. S., & Sim, C. C. (2016). Relationship between parenting satisfaction and parenting styles of working mothers in a university in Malaysia. *Journal Psikoislamedia*, 1, 279-289.
- Zini, L. A. D. S., Frizzo, G. B., & Levandowski, D. C. (2018). Depressão materna e ajustamento conjugal de mães jovens e sua relação com a sintomatologia psicofuncional do bebê. *Pensando familias*, 22(2), 03-19.

Anexos

Anexo 1

Consentimientos informados



Consentimento Informado

Eu, Caroline Gomes, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento da Universidade Autónoma de Lisboa, estou a desenvolver a dissertação intitulada *Conjugalidade, Parentalidade e Ajustamento da Criança: Estudo Comparativo Portugal - Brasil*, orientada pela Prof^a Doutora Mónica Taveira Pires.

Solicito a sua participação respondendo aos seguintes questionários: Questionário socio-demográfico; Escala de Ajustamento Diádico (DAS); PAQ-P (Questionário de EP's para pais); Questionário de Coparentalidade (QC) e Questionário de Capacidade e Dificuldades (SDQ).

A participação no estudo é voluntária, e será garantida o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. Encontro-me disponível para o esclarecimento de alguma questão que pretenda colocar, através do email caroline.gomes.psicologa@gmail.com

Obrigada pela sua participação.

Obrigada pelo seu contributo e participação, com os melhores cumprimentos

(Caroline Gomes)

Anexo 2

Questionário sociodemográfico – (Brasil e Portugal)

Identificação do respondente:				
Nacionalidade:	Brasil	<input type="checkbox"/>	Portugal	<input type="checkbox"/>
Região:	(_____)			
Sexo:	Feminino	<input type="checkbox"/>	Masculino	<input type="checkbox"/>
Idade:				
Escolaridade:	1º ciclo (4º ano)	<input type="checkbox"/>	2ª ciclo (6º ano)	<input type="checkbox"/>
	3º ciclo (9º ano)	<input type="checkbox"/>	Ensino secundário (12º ano)	<input type="checkbox"/>
	Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>
	Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>
			Empregado em tempo completo	<input type="checkbox"/>
Situação laboral:	Desempregado	<input type="checkbox"/>		
	Empregado em tempo parcial	<input type="checkbox"/>	profissional liberal	<input type="checkbox"/>
	Outro	<input type="checkbox"/>		
Estado civil:	Casado (a)	<input type="checkbox"/>	União de Fato	<input type="checkbox"/>
	Separado (a) / Divorciado (a)	<input type="checkbox"/>	Viúvo	<input type="checkbox"/>
Se casado ou em união de fato, há quanto tempo:				<input type="text"/>
Se separado ou divorciado, há quanto tempo:				<input type="text"/>
Dados Relativos a criança:				
Idade:	(_____)			
Sexo:	Feminino	<input type="checkbox"/>	Masculino	<input type="checkbox"/>
Ano de escolaridade frequentada:	Creche	<input type="checkbox"/>	Jardim de infância	<input type="checkbox"/>
	1º ano	<input type="checkbox"/>	2º ano	<input type="checkbox"/>
	3º ano	<input type="checkbox"/>	4º ano	<input type="checkbox"/>
	5º ano	<input type="checkbox"/>	6º ano	<input type="checkbox"/>
	7º ano	<input type="checkbox"/>	8º ano	<input type="checkbox"/>
	9º ano	<input type="checkbox"/>		
Nº de irmãos:	(_____)			
A gravidez foi desejada?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Apresentou algum problema na gestação?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Apresentou algum problema no parto?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Ocorreu algum acontecimento que alterou a vida familiar?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>

Anexo 3

Escalas de Ajustamiento Diádico (DAS)

DAS – (Brasil)

(Spainier, 1976; Versão Brasileira: (Hernandez, 2008).

DAS

Tem relação amorosa no momento? () sim () não

Obs.: se não, pense no último relacionamento que teve.

Muitas pessoas têm desacordos em seus relacionamentos. Por favor, indique o grau aproximado de acordo ou desacordo entre você e sua parceira para cada questão da seguinte lista, colocando um X em apenas uma opção para cada questão. Por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta.

	Concordamos Sempre	Concordamos na maioria do tempo	Discordamos Ocasionalmente	Discordamos Frequentemente	Discordamos na maioria do tempo	Discordamos Sempre
01. Administração das Finanças da Família.	_____	_____	_____	_____	_____	_____
02. Assuntos de Lazer.	_____	_____	_____	_____	_____	_____
03. Assuntos Religiosos.	_____	_____	_____	_____	_____	_____

04. Demonstrações de Afeto.					
05. Amigos.					
06. Relações Sexuais.					
07. Comportamento correto ou apropriado.					
08. Filosofia de Vida.					
09. Em relação a negócios com parentes.					
10. Propósitos, metas e coisas importantes.					
11. O quanto de tempo que passamos juntos					
12. Tomada de decisões importantes.					

13. Divisão de tarefas domésticas.

14. Atividades e tempo de lazer

15. Decisões profissionais

Todo o Tempo

Na maioria do tempo

Mais frequente do que não

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

16. Quantas vezes vocês têm discutido ou considerado o divórcio, separação ou término do relacionamento?

17. Quantas vezes você e sua parceira saem de casa após uma briga?

18. Com que frequência você pensa que as coisas entre você e sua parceira estão indo bem?

19. Você conta segredos ao sua parceira?

	Todo o Tempo	Na maioria do tempo	Mais frequente do que não	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
16. Quantas vezes vocês têm discutido ou considerado o divórcio, separação ou término do relacionamento?						
17. Quantas vezes você e sua parceira saem de casa após uma briga?						
18. Com que frequência você pensa que as coisas entre você e sua parceira estão indo bem?						
19. Você conta segredos ao sua parceira?						

20. Você se arrepende de ter casado (ou ir
viver junto)?

21. Quantas vezes você e sua parceira
brigam?

22. Quantas vezes você e sua parceira irritam
um ao outro?

_____	_____	_____	_____	_____	_____
	Todos os dias	Na maioria dos dias	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
_____	_____	_____	_____	_____	_____

23. Você beija sua parceira?

_____	_____	_____	_____	_____
Todas elas	Na maioria delas	Algumas delas	Poucas delas	Nenhuma delas
_____	_____	_____	_____	_____

24. Você e sua parceira participam juntos de atividades fora
do relacionamento?

Quantas vezes você diria que os seguintes eventos ocorrem entre você e sua parceira?

	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por semana	Uma vez ao dia	Mais frequente
25. Temos uma estimulante troca de idéias.	_____	_____	_____	_____	_____	_____
26. Rimos juntos.	_____	_____	_____	_____	_____	_____
27. Calmamente discutimos alguma coisa.	_____	_____	_____	_____	_____	_____
28. Trabalhamos juntos em um projeto.	_____	_____	_____	_____	_____	_____

Existem algumas coisas sobre as quais os casais às vezes concordam e às vezes discordam. Indique se os itens abaixo causaram diferenças de opinião ou foram problemas em seu relacionamento durante as semanas passadas recentes. (Responda sim ou não).

	Sim	Não	
29.	_____	_____	Estar cansado demais para relações sexuais.
30.	_____	_____	Não demonstrar amor.
	_____	_____	

31. Os pontos na linha abaixo representam diferentes graus de felicidade em seu relacionamento. O ponto médio, “feliz”, representa o grau de felicidade da maioria dos relacionamentos. Por favor, circule o ponto que melhor descreve o grau de felicidade, considerando todas as coisas de seu relacionamento.



32. Qual das afirmações seguintes melhor descreve como você se sente sobre o futuro do seu relacionamento?

_____ Eu quero desesperadamente que meu relacionamento tenha sucesso e eu faria qualquer coisa para isso acontecer.

_____ Eu quero muito que meu relacionamento tenha sucesso e eu faria tudo o que puder para ver isso acontecer.

_____ Eu quero muito que meu relacionamento tenha sucesso e eu faria a minha parte para ver isso acontecer.

_____ Seria bom se meu relacionamento tivesse sucesso, mas eu não posso fazer mais do que já estou fazendo agora para ajudá-lo a ter sucesso.

_____ Seria bom se meu relacionamento tivesse sucesso, mas eu me recuso a fazer mais do que já estou fazendo agora para manter o relacionamento.

Meu relacionamento nunca terá sucesso e não há mais nada que eu possa fazer para manter o relacionamento.

Idade: anos. **Tipo de Relação:** () namoro () noivado () casamento () união estável () outro. Qual?

.....

Tempo de Relação: anos meses. **Residem juntos:** () sim () não **Número de filhos:**

Escolaridade: () ensino fundamental () ensino médio () ensino superior **Cidade que reside:** **Estado:**

.....

DAS - Portugal

(Spainier, 1976; Versão Portuguesa: R. Gomez & I. Leal, 2008)

De seguida, encontram-se referidas algumas áreas que podem gerar acordo ou desacordo entre os dois elementos de um casal. Por favor indique, em relação a cada uma, o grau aproximado de concordância existente entre si e o seu companheiro (a).

	Sempre de acordo	Quase sempre de acordo	Ocasionalmente em desacordo	Frequentemente em desacordo	Quase sempre em desacordo	Sempre em desacordo
1. Finanças familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Aspectos ligados a divertimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Religião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Demonstrações de afecto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Convencionalismo (considerar o que é um comportamento correcto ou apropriado)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Filosofia de vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Formas de lidar com familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Objectivos e questões consideradas importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Quantidade de tempo passado em conjunto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Interesses e actividades nos tempos-livres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Decisões profissionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sempre Quase sempre Frenquentemente Ocasionalmente Raramente Nunca

Com que frequência fala sobre, ou tem considerado, o divórcio, a separação ou o fim da relação?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Com que frequência você ou o seu companheiro(a) sai de casa depois de uma discussão?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Considera que, de forma geral, as coisas com o seu companheiro(a) correm bem?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Confia no seu companheiro(a)?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Alguma vez lamenta ter-se casado (ou viver junto)?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Com que frequência você e o seu companheiro(a) discutem?

Com que frequência você ou o seu companheiro(a) deixa o outro com <<os nervos à flor da pele>>?

		Todos os dias	Quase todos os dias	Às vezes	Raramente	Nunca
Costuma beijar o seu companheiro(a)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Todos	A maioria	Alguns	Muito poucos	Nenhum
Você e o seu companheiro(a) têm actividades e interesses fora de casa em que se envolvem juntos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Com que frequência acontecem as seguintes situações entre si e o seu companheiro(a)?

	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Mais do que uma vez por dia
Terem uma troca de ideias estimulante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rirem em conjunto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Discutirem calmamente um assunto

Trabalharem juntos num projecto

Por favor, indique se nas últimas semanas tem havido desacordo ou problemas na relação relativamente aos seguintes aspectos:

	Sim	Não
Relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de demonstração de amor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Os traços da seguinte linha representam diferentes graus de felicidade na relação conjugal. O traço do meio (<<feliz>>) caracteriza a maioria das relações. Por favor, considerando a vossa relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.



Qual das seguintes afirmações descreve melhor o que sente sobre o futuro da sua relação conjugal?

- Quero absolutamente que a minha relação tenha sucesso e *faria praticamente tudo o que fosse necessário* para isso acontecer
- Quero muito que a minha relação tenha sucesso e *farei tudo o que possa* para isso acontecer

- Quero muito que a minha relação tenha sucesso e *farei o que achar que é razoável* para isso acontecer
- Gostaria que a minha relação tivesse sucesso, mas *não posso fazer muito mais do que tenho feito* para manter a relação
- Gostaria que a minha relação tivesse sucesso mas *não estou disposto a fazer mais do que tenho feito* para manter a relação
- A minha relação não poderá vir a ter sucesso e *não posso fazer* para manter a relação

Anexo 4

Questionário de Estilos Parentais – Pais (PAQ-P)

Questionário de Estilos Parentais – Pais (Brasil e Portugal)

(Pires, 2011)

Adaptação do *Parental Authority Questionnaire*

PAQ, (Buri, 1991)

Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala de 5 pontos (1=Discordo totalmente, 5= Concordo totalmente) que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe/Pai na relação com os seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum.

1= Discordo totalmente 2= Discordo 3= Não concordo nem discordo 4=Concordo 5=Concordo totalmente

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1 2 3 4 5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem correctas, mesmo que eles não concordem.	1 2 3 4 5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1 2 3 4 5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1 2 3 4 5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1 2 3 4 5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1 2 3 4 5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1 2 3 4 5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1 2 3 4 5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1 2 3 4 5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1 2 3 4 5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1 2 3 4 5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1 2 3 4 5

13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1 2 3 4 5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1 2 3 4 5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1 2 3 4 5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1 2 3 4 5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as actividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1 2 3 4 5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1 2 3 4 5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1 2 3 4 5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1 2 3 4 5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1 2 3 4 5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1 2 3 4 5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1 2 3 4 5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1 2 3 4 5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1 2 3 4 5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1 2 3 4 5
27	Dou indicações claras para o comportamento e actividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1 2 3 4 5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, actividades e desejos dos meus filhos.	1 2 3 4 5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1 2 3 4 5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1 2 3 4 5

Anexo 5

Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ)

Questionário de Capacidades e Dificuldades - (SDQ- Brasil)

(Goodman, 1997; Versão Brasileira: Fleitlich, Cortazar & Goodman, 2000)

Instruções: Por favor, em cada item marque com uma cruz o quadrado que melhor descreva a criança. Responda a todas as perguntas da melhor maneira possível, mesmo que você não tenha certeza absoluta ou se a pergunta lhe parecer estranha. Dê suas respostas com base no comportamento da criança nos últimos seis meses ou durante o ano escolar em curso.

Nome da Criança

Masculino/Feminino

Data de Nascimento

Falso Mais ou
 menos
 verdadeiro Verdadeiro

Tem consideração pelos sentimentos de outras pessoas

Não consegue parar sentado quando tem que fazer a lição ou comer; mexe-se muito, esbarrando em coisas, derrubando coisas

Muitas vezes se queixa de dor de cabeça, dor de barriga ou enjôo

Tem boa vontade em compartilhar doces, brinquedos, lápis... com outras crianças

Frequentemente tem acessos de raiva ou crises de birra

É solitário, prefere brincar sozinho

Geralmente é obediente e faz normalmente o que os adultos lhe pedem

Tem muitas preocupações, muitas vezes parece preocupado com tudo

Tenta ser atencioso se alguém parece magoado, aflito ou se sentindo mal

Está sempre agitado, balançando as pernas ou mexendo as mãos

Tem pelo menos um bom amigo ou amiga

Frequentemente briga com outras crianças ou as amedronta

Frequentemente parece triste, desanimado ou choroso

Em geral, é querido por outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Facilmente perde a concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fica inseguro quando tem que fazer alguma coisa pela primeira vez, facilmente perde a confiança em si mesmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É gentil com crianças mais novas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente engana ou mente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras crianças 'pegam no pé' ou atormentam-no	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensa nas coisas antes de fazê-las	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rouba coisas de casa, da escola ou de outros lugares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se dá melhor com adultos do que com outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitos medos, assusta-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Completa as tarefas que começa, tem boa concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

© Robert Goodman, 2005

Nome completo (em letra de forma)Data

Mãe/pai/professor/outro (especifique):

Muito obrigado pela sua colaboração

Questionário de Capacidades e de Dificuldades - (SDQ-Portugal)

(Goodman, 1997; Versão Portuguesa: Fleitlich, et al., 2005)

Instruções: Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento da criança nos últimos seis meses ou neste ano escolar.

Nome da criança Masculino/Feminino

Data de nascimento

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verda de
É sensível aos sentimentos dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É irrequieto/a, muito mexido/a, nunca para quieto/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Partilha facilmente com as outras crianças (guloseimas, brinquedos, lápis, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anda muitas vezes triste, desanimado/a ou choroso/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral as outras crianças gostam dele/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em situações novas é receoso/a, muito agarrado/a e pouco seguro/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>			
É simpático/a e amável com crianças mais pequenas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mente frequentemente ou engana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras crianças metem-se com ele/a, ameaçam-no/a ou intimidam-no/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensa nas coisas antes de as fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rouba em casa, na escola ou em outros sítios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitos medos, assusta-se com facilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

© Robert Goodman, 2005

Nome completo (em letra de forma)Data

Mãe/pai/professor/outro (especifique):
 Muito obrigado pela sua colaboração